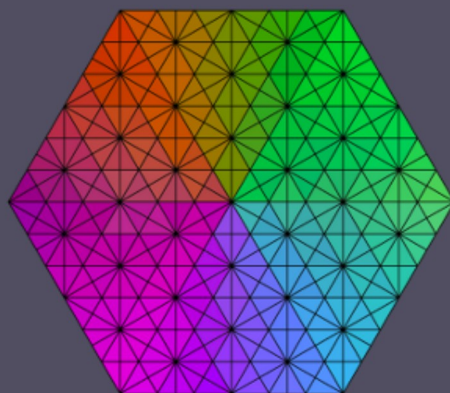




Caminhos & escritos

Relatos, construções coletivas e experiências de vida resgatadas.

André Renê Barboni
Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni
(Orgs.)



Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade

Ficha catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado – UEFS

Caminhos & Escritos [recurso eletrônico]: relatos, construções coletivas e experiências de vida
C191 resgatados/André Renê Barboni, Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni (orgs.). – Feira de
Santana: NFSEE, 2023.
175 p.: il.

Ebook

Formato PDF

ISBN 978-65-00-65994-8

1. Experiências acadêmicas. 2. Ensino presencial. 3. Ensino superior. 4. Covid-19. 5. Relatos
de experiência. I. Barboni, André Renê, org. II. Barboni, Suzi de Almeida Vasconcelos, org.
III. Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade. IV.
Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU: 378.4(814.22)

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária – CRB-5/695

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS
Av. Transnordestina, S/N – CRIS – Anexo do MT6
Novo Horizonte – CEP: 44.360-900
Feira de Santana – BA
Tel.: (75) 3161-8380 | E-mail: barboni@uefs.br
<http://fsee.uefs.br/>

André Renê Barboni
Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni
(Organizadores)

Caminhos & escritos

Relatos, construções coletivas e experiências de
vida resgatadas

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde,
Educação e Espiritualidade

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade (NFSEE)
1ª Edição – Copyright©2023 livre
Direitos de Edição Reservados ao Núcleo de Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei no 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nos 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

FICHA TÉCNICA

REITOR	Evandro do Nascimento Silva
VICE-REITORA	Amali de Angelis Mussi
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO	Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO	Sílvia da Silva Santos Passos
DIRETOR DO DSAU	Antônio Cesar Oliveira de Azevedo
COORDENADOR DO NFSEE	André Renê Barboni
PRODUÇÃO EDITORIAL	André Renê Barboni
REVISÃO	André Renê Barboni
	Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni
DIAGRAMAÇÃO	André Renê Barboni
CAPA	André Renê Barboni
PREFÁCIO	Roquenei da Purificação Rodrigues

Dedicatória

Para

Todos aqueles que, mesmo sabendo das suas limitações, tiveram a coragem de ousar fazer alguma coisa, pois só se joga pedra em árvore que dá fruto.

“Existe um tipo ainda mais elevado de homem, dificilmente reconhecível por fora por quem ainda não tenha chegado a esse nível. Muitas vezes é um SOLITÁRIO, um mártir, cuja grandeza não é reconhecida senão depois da morte. Isso é natural. Só O MEDÍOCRE PODE SER LOGO COMPREENDIDO e aclamado...”

Pietro Ubaldi

Apresentação

Como um jardineiro que prepara o canteiro, à espera da semente oportuna, em meu coração resiliente, faz brotar a mais bela flor de maio, perdurando por todas as estações da minha vida.

Anderson Fernando

Parece que estamos chegando ao fim da pandemia de Covid-19, quando o ritmo de trabalho e de nosso cotidiano docente volta ao “normal” depois de dois anos de incertezas, preocupações, dificuldades, dor e enlutamento.

A pandemia nos impôs enormes desafios no campo educacional e cobrou de nós mudanças e adaptações rápidas e profundas no trabalho docente, como forma de responder às demandas que vivíamos.

O ensino remoto instituído na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) nas formas de Período Letivo Extraordinário (PLE), Ensino Remoto Especial 1 e 2 (ERE1; ERE2) se configuraram como alternativas possíveis como meio de superação do “apagão educacional” que o Brasil esteve submetido diante das medidas sanitárias necessárias, como o distanciamento social para impedir a propagação da doença.

Assim, tivemos que nos reinventar em meio ao caos e sem nenhum preparo. Usamos a criatividade e dialogamos com nossos alunos e alunas dando o apoio que podíamos e pedindo paciência ante aqueles tempos complexos.

O ensino remoto se apresentou como uma fértil e promissora possibilidade de construção de vias alternativas de ensino, ainda que insuficiente e limitada dadas as condições tecnológicas nossas e de nossos alunos.

Antes da pandemia, a Universidade Estadual de Feira de Santana já discutia a institucionalização da Curricularização da Extensão, quando a articulação entre Ensino e Extensão assumiram um novo papel na formação dos estudantes. Em meio a pandemia, no senso de oportunidade, a partir dos recursos disponíveis no nosso Programa de Extensão Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para a UEFS (Rede AAA – CONSEPE 022/2019) tomamos a atitude de experimentar esta curricularização mediante as produções escritas e visuais possíveis para construção do conhecimento ao tempo em que tínhamos a expectativa de tornar o ensino mais leve, interessante, produtivo e recompensador para os alunos.

Deste movimento nosso em conjunto com alunos e colaboradores do Programa Rede AAA nasceram três registros em forma de livros digitais¹, disponíveis gratuitamente e disponibilizados nos sites da UEFS da PROEX e do CRIS-DSAU.

Estas três produções marcaram todo nosso trajeto acadêmico em tempos pandêmicos no esforço de escrever. Os registros vividos em tempo real, constituem vozes que fomos recolhendo na fala dos alunos e alunas, documentando nossa experiência humana (e além disso a experiência docente), deixando um legado de resistência sobre mundos diferentes, conectados pelo mesmo cenário de crise.

Agora neste início de 2023, apresentamos este quarto livro, que como os demais se constituem em produções escritas dos alunos e colaboradores extensionistas, com seus relatos e testemunhos, neste outro lugar: o momento pós-vacinal e de redução do avanço da pandemia.

Como os livros anteriores, não se trata de erudição ou literatura mas documentação destes tempos que cremos poderá ser aproveitado por um pesquisador curioso do futuro, ávido por informações de como foram estas andanças, poderá se deparar com este material artesanal, simples, com limitações, mas autêntico e genuíno. Com certeza entenderá um pouco o nosso esforço coletivo e acolherá estes escritos como experiências de resistência. Escritos nascidos de almas que sobreviveram a todos os desafios da pandemia e que aceitaram o convite de participar do livro, apresentando seus olhares, saberes, contribuindo para a discussão sobre nossa frágil condição humana ante a incerteza, o distanciamento, o adoecimento e o luto produzidos pela pandemia – que virou marco de uma modernidade construída com paradoxos.

Certamente, sob as condições pandêmicas, estes nossos escritos são relatos de uma prática incipiente e requerem desdobramentos e ampliação de sua aplicabilidade em diferentes esferas. Ressaltamos ao leitor que foram os nossos caminhos, os caminhos possíveis que abrimos com muito esforço e trilhamos como alternativa de intervenção pedagógica e didática. A socialização visa também abrir o diálogo e estimular iniciativas desta natureza.

Gratidão a todos e todas que andaram conosco!

Feira de Santana, 01 de março de 2023.

André Renê Barboni e Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

Organizadores

1 BARBONI, A. R.; BARBONI, S. A. V. (Orgs.). **Bricolagem com experiências acadêmicas remotas em tempos de covid-19**. Feira de Santana – BA: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS/UEFS. 2021a. 352p. ISBN: 978-65-00-23216-5. Disponível em: <http://cris.uefs.br/pdfs/Bricolagem.pdf>. BARBONI, A. R.; BARBONI, S. A. V. (Orgs.). **Ateliê de Empatia**. Feira de Santana – BA: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS/UEFS. 2021b. 129p. ISBN: 978-65-00-28713-4. Disponível em: <http://cris.uefs.br/pdfs/LivroERE.pdf>. BARBONI, A. R.; BARBONI, S. A. V. (Orgs.). **A Roda da Vida**. Feira de Santana – BA: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS/UEFS. 2022. 188p. ISBN: 978-65-00-41638-1. Disponível em: http://cris.uefs.br/pdfs/Livro_A_Roda_da_Vida.pdf.

Prefácio

*“...Daqui, eu vi o tempo parar
Pra gente se lembrar da força que é alguém do lado
Pra gente entender que nós e o chão somos a mesma coisa
E os dias são contados pra gente viver...”*

(Me Conta da Tua Janela

ANAVITÓRIA)

A obra “**Caminhos & Escritos: Relatos, construções coletivas e experiências de vida resgatadas**” organizada pelos amigos e professores André Renê Barboni e Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni, trata de uma bela e animosa exposição de um trabalho coletivo, composto de 24 capítulos escritos por discentes e colaboradores extensionistas do Programa Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para a UEFS.

O **caminhar** é um **ato ancestral** que nos move no espaço físico, no tempo, na busca do Sagrado e do saber, visando o fortalecimento **individual e coletivo**. Em um passado recente, atravessamos um **caminho incerto** que colocou em xeque a nossa sobrevivência. Ainda é imensurável as consequências das cicatrizes resultantes desse período... todavia, como **caminhantes**, seguimos juntos no processo de **reconstrução do SER**. E quais **caminhos** estamos percorrendo para essa reconstrução do mundo pós-pandemia? Retornamos a normalidade pré-pandêmica? Qual normalidade? A normalidade que favorece as mais diversas desigualdades, preconceito, a competição, o abuso de poder, a destruição do meio ambiente e a visão do homem apenas na esfera biológica e produtiva?

A obra começa apresentando uma importante reflexão sobre o “descolonizar a universidade”, visto que, ainda impera **caminhos** abissais que isolam o saber científico dos demais saberes, marginalizando os discursos não-hegemônicos, desconfigurando identidades e não valorizando os sujeitos em sua totalidade. É preciso pensar em um modelo formativo, com metodologias não competitivas, com uma base curricular mais fluída, que favoreça uma descoberta ou redescoberta do **SER** e que vise a valorização da heterogeneidade da sociedade, de forma humana, igualitária, polifônica, plural e democrática.

Durante o ápice da pandemia da COVID-19, em que foi necessário o distanciamento e o isolamento social, as aulas remotas favoreceram para que o currículo rígido cedesse **caminho** a propostas pedagógicas mais flexíveis, envolvendo a autorreflexão, criação de vídeos curtos, cartilhas informativas, a leitura de textos diversos, análise de filmes e o conhecimento associado às

experiências pessoais e coletivas. Por outro lado, a “frieza tecnológica” ocasionou de certo modo, a não socialização e muitos momentos de solidão devido as câmeras e microfones desligados.

Por meio de um olhar sensível e de acolhimento, os autores descrevem **caminhos** das experiências vividas, da valorização de outros saberes para entender o processo de saúde-doença, e propostas implantadas nas diferentes fases da pandemia da COVID-19, reconhecendo o valor da vida, do autocuidado, da espiritualidade e do fortalecimento do coletivo, ressaltando que todos nós somos responsáveis pelo cuidado mútuo para o enfrentamento das vulnerabilidades e de como colocar em prática os aprendizados para recomeçar, visando ações transformadoras, construindo memórias afetivas e narrativas para além das questões acadêmicas e favorecendo o encontro consigo e com o outro. Assim sendo, a obra é de grande relevância, para suscitar em nós, os novos caminhos que podemos percorrer após esse tempo de exílio, além de ser uma memória escrita para o futuro.

Assim, convido a cada leitor(a) a percorrer conosco o **caminho** desse **escrito**, fazendo reflexões sobre o nosso papel no ensino superior, do tempo difícil em que vivenciamos e da necessidade de juntos ressignificarmos as perdas, distâncias e incertezas por meio das mais diversas práxis.

*“...Acalme esse teu peito aflito
Te fiz essa canção, amigo
Contigo é que eu quero cantar
Eu fiz essa canção, amigo
Pro mundo inteiro se curar.”
(Me Conta da Tua Janela
ANAVITÓRIA)*

Feira de Santana, 23 de março de 2023.

Roquenei da Purificação Rodrigues
Filho, irmão, amigo, Reikiano, Fisioterapeuta e Professor

SUMÁRIO

DESCOLONIZAR A UNIVERSIDADE PARA UM DIÁLOGO SOBRE UM NOVO REFERENCIAL	14
<i>André Renê Barboni; Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni</i>	
TERAPÊUTICA COM ANIMAIS DE PODER: ACESSANDO O SELF ANÍMICO	25
<i>Eraldo Medeiros Costa Neto</i>	
CIRANDA DE MULHERES: ACOLHIMENTO, TROCAS, AFETO E POTÊNCIA FEMININA!	39
<i>Maria Josimeire Silva de Carvalho; Najane Guimarães Barreto; Katiane dos Santos Sousa</i>	
UMA EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NO GRUPO BATURITÉ	45
<i>Alciene Pereira da Silva</i>	
RESILIÊNCIA: CONSTELAÇÃO E SISTEMA GEMELAR	49
<i>Marly Cordeiro</i>	
CONSTELAÇÃO COM CAVALOS: UMA EXPERIÊNCIA DE RECONEXÃO	59
<i>Sara Aguilar (Mitsuyana Borges Matsumo)</i>	
RELATO: JOVEM INDÍGENA, 20 ANOS DE IDADE	61
<i>Erick Soares da Silva</i>	
PERCEPÇÕES, REFLEXÕES E RELATO DE EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS SOBRE O GRUPO BATURITÉ (UEFS, BAHIA)	63
<i>Fábia Kelly Santana Cerqueira</i>	
MEDITAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: CAMINHOS INTERIORES DE AUTOCURA	70
<i>Tainah Ferreira da Silva</i>	
TEMPOS DE PANDEMIA	75
<i>Stephane Mitslayne de Jesus Ferreira</i>	
ARTESANATO COLETIVO: SONHO OU REALIDADE?	78
<i>Maria Celma Silva Vieira</i>	
RESILIÊNCIA, AFETOS E RECORDAÇÕES DE TEMPOS PANDÊMICOS: ESCRREVENDO AOS SOBREVIVENTES	81
<i>Maria Alice Lucas Pereira</i>	
APRENDER COM OUTRAS EPISTEMOLOGIAS: UMA EXPERIÊNCIA NO TIROCÍNIO DOCENTE SOBRE O CUIDADO COM A SAÚDE E A ESPIRITUALIDADE	84
<i>Bruna Farias de Santana</i>	
HONRANDO, SAUDANDO E PEDINDO LICENÇA AOS NOSSOS ANCESTRAIS	90
<i>Daniele Bastos Pires</i>	
TRANSCRIÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA EM TEMPOS DE PANDEMIA	92
<i>Michele de Oliveira Santos</i>	
REVENDO A PANDEMIA	96
<i>Valéria Barbosa da Silva</i>	
UM RETRATO DE DENTRO PARA FORA: RELATOS DE QUEM VIVEU A PANDEMIA	99
<i>Jamile de Oliveira Sousa</i>	
REVISITANDO OS TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19	104
<i>Luane Neves Xavier</i>	
TEMPOS DE MUDANÇAS E AS ORDENS DO AMOR	108
<i>Tainah Ferreira da Silva</i>	
IMPLANTAÇÃO E ATENDIMENTOS COM HOMEOPATIA NO AMBULATÓRIO DE ESPECIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA NO CENTRO SOCIAL URBANO – CSU: QUANDO O SONHO SE TORNA REALIDADE	111
<i>Célia Maria Carneiro dos Santos</i>	

AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES E SABERES: INICIANDO UMA DISCUSSÃO SOBRE DESAFIOS PARA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE NA INCLUSÃO DA PRÁTICA DA MEDICINA POPULAR NA BAHIA.....	118
<i>Bruna Souza de Araújo; Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni</i>	
COMPLEXO DA LAGOA DO PRATO RASO, BAHIA: REVISITANDO APÓS 10 ANOS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR, POLUIÇÃO E DEGRADAÇÃO AMBIENTAL.....	136
<i>Gabriella Ferreira Rocha; Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni</i>	
A DANÇA CIRCULAR COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA DE ACOLHIMENTO, CUIDADO/AUTOCUIDADO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E OS DESAFIOS DO PERÍODO PÓS-PANDÊMICO.....	153
<i>Amanda Leite Novaes; Pétala Hara Carvalho Ramos; Milena Costa Nascimento; Larissa Oliveira Novais; Gilselia Eloí da Silva de Oliveira</i>	
SE A REENCARNAÇÃO É UM FATO, ENTÃO, TEMOS UMA POSSÍVEL EXPLICAÇÃO DO PORQUE DE JEAN PAUL SARTRE TER SE RECUSADO A RECEBER O PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA DE 1964.....	161
<i>André René Barboni</i>	

DESCOLONIZAR A UNIVERSIDADE PARA UM DIÁLOGO SOBRE UM NOVO REFERENCIAL

André Renê Barboni¹
Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni²

*O futuro é tão verde e azul
Os filhos dos filhos dos filhos
Dos nossos filhos verão*

(“Pantanal”, Marcus Viana)

RESUMO:

Este artigo trata da nossa caminhada na adoção de um novo *referencial* utilizado em nossas aulas nos cursos de graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, durante o período pandêmico 2020-2022: o *referencial colaboracionista* de Pietro Ubaldi. Para tanto, dois argumentos centrais são desenvolvidos: a caracterização, a formação e o agir do biótipo do *justo* enquanto propulsor deste *referencial*; e, o *colaboracionismo* como ética do *justo*. O objetivo não é atacar o materialismo e suas conquistas, mas, explorarmos o potencial do novo *referencial colaboracionista* centrado na defesa da vida, na ecologia de saberes; comprometido com a equidade e diversidade étnica, multiculturalismo, pedagogia crítica, saúde integral e espiritualidade, relacionando-o a um projeto ético-político educativo e de nação contra-hegemônico, democrático, resolutivo e decolonial cujos efeitos epistemológicos irreversíveis significam caminhos para uma sociedade brasileira justa, saudável, feliz e não-violenta.

1. INTRODUÇÃO:

Uma nova consciência está sendo desejada por todos nós nestes tempos de crise pós-pandemia³. Estamos cansados dos *astutos*, dos desonestos, dos incompetentes, dos criminosos, dos mentirosos e dos brutos! Temos pago caro demais por suas insanidades ao longo destes 200.000 anos de nossa espécie. Pagamos com vidas; recebemos opressão, perseguição, injustiças,

1 Professor Pleno do Departamento de Saúde da UEFS.

2 Professora Adjunto B do Departamento de Ciências Biológicas da UEFS.

3 Aqui entendida na verdade como pós-vacinação e controle do avanço da Covid-19 que permitiram o retorno das atividades coletivas comerciais, educacionais, etc, uma vez que até o momento da escrita deste texto a OMS não considerou extinta a pandemia.

fomes e calamidades evitáveis, uma vez que se trata de elementos altamente danosos e perniciosos para o coletivo pois somente o *egoísmo* e a sede de poder e possuir os move.

Pós-pandemia percebemos com mais intensidade uma força poderosa, sistêmica, evolutiva e compassiva, nunca vista antes, que já vinha se estruturando, manifestando-se sutil e visivelmente por toda parte, sinalizando novos tempos e gerando ruptura com velhos, tóxicos e nocivos hábitos de roubos, injustiças, mentiras e morte.

Chegou o dia do *referencial colaboracionista*, do agir com justiça social, solidariedade e compaixão. Porém, não basta anunciar este novo *referencial*: é preciso coerência e a coragem do agir com ele, partilhar consensualmente seus valores e exemplificá-los, vivê-los, experienciá-los em profundidade, para se construir uma sociedade equânime, pacífica, afetuosa, segura e feliz. Isto não se obtém de um dia para outro pois o *forte* não cederá seu espaço de poder, nem o *astuto* permitirá que a justiça do *justo* prevaleça sobre seus interesses pessoais. Que é preciso então? Lutar? Revolta armada para depor os “podres poderes”?

Não. É preciso um projeto ético-político educativo pessoal e de nação, profundo e persistente, honesto, contra-hegemônico, democrático, resolutivo e decolonial ininterrupto e de longo curso cujos frutos “*os filhos, dos filhos, dos filhos, dos nossos filhos verão*”.

Amparados pela liberdade de cátedra assegurada pelos estatutos e ambientes de uma Universidade pública estadual, dentro do Estado democrático de direito e ainda assim correndo o risco de sermos malvistas e alvo de ataques – apresentaremos nossas experiências e trajetórias na condição de docentes de cursos de graduação – professores no ensino superior – ministrando disciplinas que tratam de saúde e espiritualidade e neste contexto, a discussão do *referencial colaboracionista* de Pietro Ubaldi.

2. DESENVOLVIMENTO:

A Universidade brasileira foi desafiada a pensar suas práticas educativas a partir da pandemia de Covid-19. Após quase três anos de catástrofe sanitária mundial, a nossa prática docente ainda se defronta com dilemas, questões e fazeres para os quais ainda não temos uma resposta acabada.

Nesse contexto, o próprio pensamento científico foi desafiado a elaborar respostas rápidas interpretações para dar conta de uma realidade ameaçadora e desconhecida. Entretanto, o caráter colonial do conhecimento científico, marcado pelo universalismo, etnocentrismo europeu e norte-americano, que desqualifica e invisibiliza outros saberes, em especial aqueles oriundos de populações tradicionais, pobres e povos originários, nos obrigaram a dar uma resposta única para a pandemia, calcada neste saber científico.

Hoje a Universidade pública brasileira como espaço democrático representa um espaço privilegiado para manifestação de múltiplas vozes, de resistência ao colonialismo, de questionamento do instituído e invenção do novo, em especial, a partir dos anos 2000

em três dimensões: 1) ampliação da acessibilidade com a Lei de Cotas (Lei nº 12.711) e de infraestrutura com a criação de novas universidades federais e novos cursos a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI); 2) a interiorização da educação superior descentrando dos grandes centros urbanos e, por fim, 3) na sua função social com as políticas afirmativas (DIMENSTEIN *et al*, 2021, p. 694).

Ao longo destes anos, a supremacia do paradigma epistemológico eurocêntrico, em especial o cientificista, vem sendo discutido no esforço de “abertura a outras epistemologias, aos conhecimentos tradicionais e locais”, demonstrando que a “universidade não é mais uma instituição consensual” (DIMENSTEIN *et al*, 2021) estando num caminho decolonial irreversível.

Entendemos a decolonialidade não no sentido exclusivo da questão étnica mas como o

questionamento radical e uma busca de superação de distintas formas de opressão perpetradas pela modernidade/colonialidade contra as classes e os grupos sociais subalternos, sobretudo das regiões colonizadas e neocolonizadas pelas metrópoles euro-norte-americanas, nos planos do existir humano, das relações sociais e econômicas, do pensamento e da educação (MOTA, STRECK, 2018, p. 208-209).

A definição acima de Mota e Streck (2019) para nós é precisa e é a partir daqui que passaremos a contar sobre a adoção de um novo *referencial* utilizado em nossas aulas nos cursos de graduação da UEFS, durante o período pandêmico 2020-2022.

É importante esclarecer aqui que estamos utilizando a palavra “referencial” na forma como foi definido por Barboni (2014, p. 350, destaques em itálico feitos pelo autor) como:

Visão de mundo. Paradigma no sentido lato, aplicado não só no campo da ciência, mas também, no campo da filosofia, da religião, da arte e de qualquer outro que se queira. Conjunto de teorias, crenças e valores que definem todo um modo de pensar e que está imerso numa certa historicidade.

Esta visão de mundo, como dito acima, não se refere só ao campo da ciência, mas amplia a nossa abordagem de forma que não nos restringiremos a achar que somente a Ciência deve ser tratada no ambiente acadêmico. Um ambiente que historicamente pertencia à religião, mas que hoje, defendemos que deve ser plural. Um espaço aberto para o debate de alto nível, onde se respeite, se aceite e estimule: o “pensar fora da caixa”; a inovação; a diferença de opiniões; a diversidade étnico cultural e; a participação popular. Um espaço que não se feche sobre si mesmo, mas que se abra para a construção de uma sociedade melhor, mais justa, inclusiva, respeitadora e sustentável.

No seu estudo, Barboni (2014) percebeu que a única razão para se supervalorizar o conhecimento científico é pelo fato de, há princípio, ele ser *não-dogmático*. Ou seja, em Ciência, não existem verdades, pois todo o conhecimento científico pode ser atualizado. Tudo se baseia em hipóteses que estão sendo testadas o tempo todo e sempre que se encontra alguma falha, então, neste ponto a teoria é corrigida para que a falha seja sanada. Isso não só torna a Ciência aberta a novas ideias, como possibilita que o conhecimento científico evolua. Assim, se a Filosofia, a Arte e a Religião assumirem uma postura *não-dogmática*, então, essas áreas produtoras de conhecimento também produzirão um conhecimento que evolui. Mais ainda, acaba-se com essa história de se querer delimitar o que é objeto da ciência e o que não é. Tudo, absolutamente tudo, poderá ser objeto de investigação da Ciência, da Filosofia, da Arte e da Religião.

Como pesquisadores é essencial que sejamos *não-dogmáticos*, pois é essa também a condição necessária e suficiente para que o debate enriquecedor exista. Precisamos nos permitir a possibilidade de estarmos equivocados nas nossas convicções... Precisamos nos abrir à possibilidade de mudar o nosso jeito de ser e ver o mundo... Mais ainda, precisamos dar o salto quântico do *referencial egoísta* competitivo dos tipos *forte* e *astuto* para o *referencial altruísta colaboracionista* do tipo *justo*. Essa tese defendida por Pietro Ubaldi (2014), um filósofo evolucionário italiano que escreveu boa parte da sua obra

no Brasil e que identificou esses três biótipos, mostra ao longo de seus escritos que sem esse esforço coletivo por mudanças, a humanidade está fadada à extinção.

Essa última afirmação parece um exagero, mas é só verificar a forma como o sistema competitivo do *referencial egoísta*, não importa o tipo de regime de governo (capitalista ou não), tem nos levado. Precisamos deixar essa lógica de exploração para o passado, pois nessa via, os ricos e poderosos ficam, cada vez mais ricos e poderosos e, os pobres, cada vez em condições mais deploráveis. A miséria e a pobreza não acabam e o conflito, por mais que seja adiado, é algo que se mostra inevitável.

Logo, este *referencial colaboracionista* não é de uma imobilidade absoluta, pelo contrário, é extremamente ativo. Além disso, só posso afirmar que algo é grande ou pequeno se tiver uma referência. Ou seja, a Terra é pequena se comparada ao Sol e este é pequeno se comparado a Antares.

Reformulando conceitos, atualizando e eliminando outros, propõe-se uma construção do mundo unificada na colaboração, com apoio aos diversos grupos humanos.

Somente mudando a nossa forma de ser e agir é que conseguiremos transformar esse final indesejável, acima referido, em algo que teremos orgulho de ter construído, e o “empreendedorismo social” é algo que Barboni (2014) identificou como um passo nesse sentido.

“Todo mundo pode mudar o Mundo!” pode inicialmente parecer uma frase clichê, uma utopia, mas é algo no qual se nos empenharmos verdadeiramente e trabalharmos com afinco para isso, logo veremos que é possível.

A frase acima tem nos inspirado há mais de uma década. Em nossas aulas, na UEFS, temos utilizado o documentário de Mara Mourão: “Quem se importa” (2010) para inspirar e contagiar os nossos alunos com a ideia deles se tornarem, também, empreendedores sociais: cidadãos conscientes e compromissados em construir novos e melhores rumos para a sociedade, seguindo uma filosofia que lhes proíbe de prejudicar quem quer que seja, os coloca como agentes de transformação, empáticos com àqueles que se encontram vulneráveis, e se põem a ajudá-los.

Para quem segue esse caminho, não existe desesperança, embora os obstáculos e desafios que se apresentam sejam muitos, acreditamos que a medida em que surgem mais e mais empreendedores sociais, o fardo se torna

mais leve, a esperança enche os corações, as energias se fortalecem e as transformações acontecem rapidamente.

Vivido à exaustão chegará o tempo em que o *referencial colaboracionista* se apagará como uma estrela velha. E reformulando seus conceitos, um outro *referencial* virá, como na estrela velha que explode e dá lugar a supernova. Um *referencial* em bases do bem-viver/criativo nascerá. Sim, pois a evolução não transforma apenas os indivíduos (seja biologicamente ou espiritualmente), “transforma também a própria lei, tornando-a adequada ao estágio evolutivo da coletividade” e numa coletividade madura, não há mais necessidade de se balizar em princípios já vividos e experienciados. É quando vem a arte e a justiça social com todas as suas potências!

No início da primavera de 2020, em plena pandemia, o ensino remoto foi instituído na UEFS nas formas de PLE, e posteriormente ERE1 e ERE2. Foram alternativas possíveis como meio de superação diante das medidas sanitárias mundiais necessárias, como o distanciamento social, para impedir a propagação da Covid-19.

O ensino remoto, via rede mundial de computadores, em meio as controvérsias que surgiram, levou-nos a reinventar nossa prática docente e se apresentou como uma fértil e promissora possibilidade de construção de vias alternativas de ensino, ainda que insuficiente e limitada dadas as condições tecnológicas nossas e de nossos alunos.

Antes da pandemia, a UEFS já discutia a institucionalização da Curricularização da Extensão, quando a articulação entre Ensino e Extensão e algumas discussões resultantes nos impulsionaram para iniciar o processo a partir de nossas práticas no compromisso ético com a qualidade e aos princípios humanísticos. A nossa experiência inicial com a curricularização foi mediante as produções escritas e visuais dos alunos via relatos de experiência dentro das disciplinas BIO161 e BIO163, levando em conta este *referencial* sublinhado pelo aspecto afetivo-espiritual.

A pergunta que nos moveu foi: como se constrói nos percursos educacionais vividos nos tempos pandêmicos – a experiência espiritual para superação dos biótipos do *forte* e *astuto*, e, dos limites do paradigma materialista?

Refletimos que em meio a uma realidade caótica, os múltiplos desafios do ensino e da aprendizagem remotos e os tempos pandêmicos batiam de frente com os Planos de Ensino e sua intencionalidade no desenvolvimento

de competências e habilidades a partir de situações de ensino-aprendizagem experienciais, críticas e transformadoras, já tão complexas no modo presencial, imaginemos no formato remoto!

Consideramos, então, que o processo ensino-aprendizagem deveria ir muito além da simples aquisição de informações e, sobretudo, ter relevância sócio-emocional-espiritual, como movimento de uma “nova ordem” numa sociedade marcada pela superficialidade e esvaziamento de valores, agudizados pela crise pandêmica.

Bento, Souza Junior e Rossi (2022) destacam estes tempos pandêmicos e seus cenários de crises políticas-sociais e mudanças na realidade terem sido objeto de estudos psicopedagógicos a partir de seus impactos negativos na vida dos estudantes, levando a mudanças de perspectivas de vida, impactos nas realizações de sonhos, dificuldades de adaptação a essa realidade no espaço escolar e familiar, interferindo, conseqüentemente, na aprendizagem.

Isso foi detectado nas publicações (BARBONI; BARBONI, 2021a; 2021b; 2022) quando, nos escritos que representam a fala dos alunos e alunas, estão documentados seus sentimentos de incertezas, de inseguranças, de frustrações, de medos, que potencializam questões psico-emocionais como a ansiedade.

Seguem estes autores argumentando que para além das atividades e práticas, focadas nas habilidades e competências socioeducacionais, surgem as competências socioemocionais – aliadas na prática pedagógica e sua potência para ajudar o sujeito a lidar com suas emoções, principalmente no contexto atípico da pandemia (BENTO; SOUZA JÚNIOR; ROSSI, 2022).

Tem-se então três ângulos destas habilidades e competências: a questão cognitiva do ensino; as questões sócio-emocionais; e a questão da espiritualidade.

No processo ensino-aprendizagem é fundamental conhecimento técnico-científico, mas também, gostar de ensinar e gostar de gente. Alunos e professores são pessoas reais com história, com sentimentos. Alunos não são caixas onde se inserem dados ou comandos. Professores não são robôs.

Conforme já descrito anteriormente (BARBONI; BARBONI, 2021a; 2021b; 2022) o desenvolvimento das competências socioemocionais e espirituais aliadas à aquisição de saberes científicos, conduzem o aluno ao seu autoconhecimento.

O autoconhecimento é ao mesmo tempo o caminho percorrido para atingir as profundezas do ser, o acesso a conhecimentos e conteúdos internos e a mudança de postura perante a vida a partir desta busca, conforme valores humanos. Neste sentido, o autoconhecimento pressupõe um processo constante de autoavaliação e autorreflexão com relação ao que somos, aos nossos pensamentos e às nossas atitudes. Pressupõe também que como as pessoas são diferentes, elas reagem de forma diferente e têm caminhos diferentes para chegar a este autoconhecimento.

Quando bem conduzido, o autoconhecimento melhora a saúde mental e emocional individual, as relações familiares e sociais permitindo um ambiente agradável de convivência, mais estável psicologicamente, seguro e menos conflituoso. Não torna a pessoa perfeita nem o mundo num “faz de conta” pacífico, mas traz um nível de realidade, de limites e imperfeições do ser humano associado à compaixão e solidariedade.

O movimento básico para atingir este propósito é a saúde emocional e espiritual que conseqüentemente leva à necessidade de educação do ser para uma nova ordem, uma nova civilização, conforme abordado por Pietro Ubaldi (1992).

Esse movimento é sistêmico, hierárquico, inclusivo e orientado para a busca da excelência do ser humano como pessoa e espírito, conforme o biótipo do *justo*.

Considera-se, portanto, a Educação como um processo integral que constrói e oferece ao mundo pessoas comprometidas com o bem comum e que se esforçam para a felicidade social. Ou seja, é o trabalho individual de formação do caráter do *justo* para uma sociedade do *colaboracionismo*.

E isso nos impõe uma nova práxis que não se limita a dizer o que fazer, mas em sermos um exemplo vivo daquilo que afirmamos. Nossos alunos precisam sentir que há coerência entre o discurso e a prática. Mais ainda, é fundamental que se crie um ambiente seguro, acolhedor, sem julgamentos, onde possamos expor as nossas fragilidades tendo confiança de que não seremos excluídos. É preciso ouvir e termos em mente que temos dois olhos, dois ouvidos, mas só uma boca. Vendo bem, ouvindo bem, falaremos bem.

A empatia precisa ser incentivada... o diferente... acolhido!

A nossa experiência com Constelação Familiar, uma Prática Integrativa e Complementar de Saúde, reconhecida pela Organização Mundial de Saúde, pelo Ministério da Saúde e pela Secretaria Estadual de Saúde, tem

demonstrado que sempre que um grupo se forma, e isso inclui as nossas equipes de alunos e professores no ambiente acadêmico, é como se uma “alma coletiva” se formasse. Esse elo energético age de forma sistêmica e reage a qualquer exclusão com um movimento de dor e sofrimento que só acaba quando aquilo que foi excluído retoma o seu lugar de direito. Não é algo racional, mas é algo que podemos sentir no nosso corpo, não é um movimento da cabeça, mas do coração. Dar voz aos nossos alunos, mais do que uma produção acadêmica, foi um processo de respeito e cura sistêmica!

Antes mesmo da pandemia de Covid-19, a UEFS estava agonizando. Oficinas de Constelação Familiar Sistêmica mostravam um ambiente adoecedor, onde a Administração Central não via professores, alunos nem funcionários. Cada grupo se reunia no seu “feudo”, encastelados e adoecidos. Dar voz aos alunos, estimulando-os na produção de uma escrita criativa, quebrou um pouco com esse padrão. As ferramentas fornecidas pelas nossas abordagens pedagógicas, despertou em muitos a curiosidade de se aprofundar no conhecimento delas como instrumentos de autoconhecimento (BARBONI; BARBONI, 2019).

Eles logo perceberam que cada um tem que empreender a sua própria jornada de autoconhecimento, que como já dito anteriormente. Não existem duas iguais. Não existem duas iguais. Cada um tem a sua... Sem um bom trabalho de autoconhecimento, não se consegue encarar os medos e as limitações que cada um de nós tem.

Eu preciso conhecer os meus limites para: saber que lutas vou travar na vida; onde encontrar forças para sustentar um “NÃO!”; quando dizer “SIM!” e, ao fazê-lo, ficar bem com isso. Essa caminhada é fundamental para que possamos estar inteiros na vida, de forma plena e leve. Sem dramas, sem culpas, sem “mi, mi, mi...” e feliz!

Independentemente de acreditarmos em Deus, ou não! De termos, ou não, uma religião, podemos e devemos cultivar a nossa espiritualidade, que como os nossos alunos perceberam, pode, ou não, ter algo a ver com religiosidade. Cultivar a nossa espiritualidade tem a ver com ampliar a nossa capacidade de percepção, sair do “cabeção” e sentir mais o nosso corpo. Deixar ele se expressar, perceber o que ele nos diz e resgatar o ideal grego de uma mente sã em um corpo sã.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Quem não gosta de gente não deveria trabalhar nas áreas de Educação e Saúde!

Essas áreas exigem interação e isso implica: empatia – se colocando no lugar do outro; acolhimento – lhe proporcionando um ambiente seguro, confiável, sem julgamentos; resolutividade – proporcionando ao nosso público-alvo aquilo que ele veio buscar; excelência – o produto que estamos oferecendo tem que ter a melhor qualidade possível; inovação – e inovar aqui implica que temos que estar sempre nos aperfeiçoando, não podemos nos acomodar e temos que aprender a “pensar fora da caixa”, pois tudo aquilo que não se atualiza, morre e cai no esquecimento.

REFERÊNCIAS

BARBONI, A. R. **Filosofia Brasileira: um sonho ou uma possibilidade?** 2014. 360 f. TCC (Bacharelado em Filosofia) – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: http://cris.uefs.br/media/pdf/barboni_2014.pdf.

BARBONI, A. R.; BARBONI, S. A. V. Constelação Familiar: como prática jurídica e de saúde. **Cadernos de Física da UEFS**, v. 17, p. 2605.1-2605.12, 2019.

BARBONI, A. R.; BARBONI, S. A. V. (Orgs.). **Bricolagem com experiências acadêmicas remotas em tempos de covid-19**. Feira de Santana – BA: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS/UEFS. 2021a. 352p. ISBN: 978-65-00-23216-5. Disponível em: <http://cris.uefs.br/pdfs/Bricolagem.pdf>.

_____. **Ateliê de Empatia**. Feira de Santana – BA: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS/UEFS. 2021b. 129p. ISBN: 978-65-00-28713-4. Disponível em: <http://cris.uefs.br/pdfs/LivroERE.pdf>.

_____. **A Roda da Vida**. Feira de Santana – BA: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS/UEFS. 2022. 188p. ISBN: 978-65-00-41638-1. Disponível em: http://cris.uefs.br/pdfs/Livro_A_Roda_da_Vida.pdf.

BENTO, E. G.; SOUZA JÚNIOR, G. R.; ROSSI, C. M. S. O desenvolvimento das competências socioemocionais no Ensino Médio em tempos de pandemia da Covid-19. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 23, n. 1, p. 103-110, 2022.

DIMENSTEIN, M.; SILVA, G. N.; DANTAS, C.; LEITE, J.; MACEDO, J. P. A presença dos estudos pós-coloniais e decoloniais na pós-graduação em psicologia no Brasil. **Psicologia Argumento**, v. 39, n. 105, p. 689-713, 2021.

QUEM se importa [documentário]. Direção: Mara Mourão. Produção: Tatiana Battaglia e Mara Mourão. Roteiro: Mara Mourão. Direção de Fotografia: Cristiano Wiggers e Dado Carlin. Animações, artes e gráficos: Camaleão Filmes e Citronvache. Produção executiva: Maurício Dias e Fernando Dias. Produtor Associado: Gullane Filmes. Narração: Rodrigo Santoro. Mamo Filmes e Grifa Filmes, 2010. 1 filme (93min), sonoro, colorido, 16:9 wide-screen (anamórfico).

MOTA, J. C. da; STRECK, D. R. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**, v. 35, p. 207-223, 2019.

UBALDI, P. **A Grande Síntese: Síntese e solução dos problemas da Ciência e do Espírito**. Tradução: Carlos Torres Pastorinho; Paulo Vieira da Silva. 23. ed. Campos de Goytacazes, RJ: Fraternidade Francisco de Assis, 2014. p. 528.

_____. **A nova civilização do terceiro milênio**. Tradução de Oscar Paes Leme. 4. ed. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, 1992. p. 344.

TERAPÊUTICA COM ANIMAIS DE PODER: ACESSANDO O *SELF* ANÍMICO

Eraldo Medeiros Costa Neto¹

“Para compreender a si mesmo, o homem necessita entender os animais e seu simbolismo. Esse é um processo imprescindível para a elaboração dos instintos e a consequente ampliação da consciência”. (RAMOS et al., 2005 p. 17).

1. INTRODUÇÃO:

A íntima relação da espécie humana com a (sobre)naturalidade animal é um fenômeno transcultural que aparece nos mais diversos cenários geográficos há pelo menos 30.000 anos (VITEBSKY, 1997; RONECKER, 1997; ARTÊSE, 2001; ROSENGREN, 2006; LASCARIZ, 2011). A conexão espiritual com o universo faunístico fica evidente nos registros de arte rupestre da Idade do Gelo (BUXTON, 2010), nos quais certos animais são experimentados como possuidores de qualidades transcendentais por direito próprio. De fato, o uso de cavernas profundas foi considerado um indício de intenção mágica da arte pré-histórica realizada no ventre da terra (COTTRELL, 2008, 2011; PUTOVÁ, 2013; RIBEIRO, 2019).

Com a descoberta da caverna de Chauvet e uma abundância de animais pouco conhecidos por serem caçados e comidos como presas, os sinais agora apontam muito diretamente para eles serem pintados pelas qualidades que possuem como animais de poder. Os dois animais mais frequentemente retratados em Chauvet são rinocerontes e leões, animais perigosos que não estavam no cardápio paleolítico. Como espíritos guardiões, eles possuem força e coragem, qualidades essenciais para auxiliar os xamãs a lidar com os rigores dos mundos visível e invisível durante aquela época severa (COTTRELL, 2008, p. 10).

Ao longo da história humana alguns indivíduos (homens e mulheres) são escolhidos para exercerem a função de intermediadores entre diferentes dimensões da realidade. Ao entrar em estado alterado de consciência (estado xamânico de consciência), o(a) xamã tanto pode ajudar a solucionar os problemas dentro de sua comunidade quanto pode auxiliar pacientes individuais que estejam emocional ou fisicamente enfermos (HARNER, 1995). Desde épocas remotas, xamãs, sacerdotes e sacerdotizas têm sido os guardiões do conhecimento sagrado da vida, estando ligados aos ritmos e às forças da natureza, capazes de recorrer os

¹ Professor Pleno do Departamento de Ciências Biológicas da UEFS.

caminhos que unem os mundos visível e invisível (Figura 1), e recordando às pessoas que as árvores são sagradas e que os animais se comunicam com quem estiver disposto a escutar (ANDREWS, 2014). Considerando aspectos de psicologia evolutiva, o Xamanismo foi uma importante evolução da cultura e consciência humanas e criou práticas para expandir as atividades dos antigos seres humanos para a cura ritual e integração do grupo (WINKELMAN, 2007, p. 486).

Figura 1- Xamã Feiticeiro, representação terioantropomórfica encontrada na caverna de Les Trois-Frères, Dordogne, França, datada de 14 mil anos atrás. Ilustração extraída de Lascariz (2011) a partir de desenho feito pelo abade Henri Breuil (1877-1961).



No livro “Animais e xamãs: antigas religiões da Ásia Central”, Julian Baldick examina a íntima relação que diz respeito às práticas de cura espirituais (Xamanismo) e os animais, e o importante papel que esses organismos desempenham na vida cultural das diversas etnias da Ásia Central (MORRIS, 2001). O animal é, na Sibéria, o Espírito Tutelar ou Protetor, no México e Guatemala, o Nagual, na Austrália, o Aliado Totem (MUTTERLE, 2019). “Como fiel escudeiro, ele dá ao xamã a energia vital, a força e a sabedoria” (LEVY; MACHADO, 1999, p. 18). Esses animais espirituais, frequentemente chamados de animais de poder, são figuras centrais no trabalho xamânico e um(a) xamã é capaz de realizar suas tarefas principalmente devido à forte conexão e colaboração com um ou mais desses aliados (HARNER, 1995; SAMS; CARSON, 2000; SOUZA DE PAULA, 2014; MUTTERLE, 2019), ficando unidos, assim, um ao outro, tornando-se parte do *self* um do outro. Neste sentido, pode-se falar em *self* anímico na concepção de William James [1842-1910], o qual “é vivenciado como a dimensão mais íntima e interior de uma pessoa em oposição ao mundo exterior, não importando, diz o autor, se esse núcleo central do *self* é uma substância espiritual ou algo que só existe como vivência do sujeito” (DALGALARRONDO, 2019, p. 469).

Identificar o animal de poder é encontrar o ser Encantado (espírito da natureza e protetor pessoal) de acordo com a cosmogonia dos índios pernambucanos Pankararu, o Orixá de cabeça, aquele que é o dono e protetor na tradição africana, ou o Anjo da Guarda cabalístico e jucaico-cristão. Mesmo ignorante de sua existência e presença ele está ali ao lado de todos os humanos, disponível, pronto para fortalecer e acompanhar quem o reconheça. (GRAMACHO; GRAMACHO, 2002, p. 26).

Desde a década de 1960, com o advento do movimento Nova Era, passando pelo uso mágico-religioso, recreativo e científico de substâncias alucinógenas/enteógenas, bem como ao incremento de grupos neoxamânicos em ambientes urbanos da Europa e Américas, o tema de espíritos animais tutelares vem sendo apresentado ao público. E uma ressignificação do tema tem sido dada para incluir a busca pelo Animal de Poder no rol das terapias neoxamânicas ofertadas pela naturologia brasileira (STERN, 2019), desse modo, podendo fazer parte do Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (BRASIL, 2018).

[...] estudos que cada vez mais transcendem aquilo que é posto como ciência convencional, abarcando com maior interesse, segurança e rigor, principalmente o campo da espiritualidade. Cotidianamente, por exemplo, quando um doente procura uma religião, o mesmo está em busca de uma compreensão sobre o sentido da doença que a própria ciência médica não foi capaz de lhe

esclarecer ou acolher (CERQUEIRA², 2003 *apud* GOTO; RIBEIRO, 2018, p. 11).

2. DOENÇA NA VISÃO XAMÂNICA:

De acordo com a abordagem terapêutica xamânica, cura é tudo aquilo que propicia uma conexão maior de cada um de nós com o Grande Mistério e com todas as formas de vida. Isto inclui a transformação do corpo, da mente e do espírito. Também é tudo aquilo que nos propicia aumento do poder pessoal, da força e da capacidade de entendimento. Significa viver na Mãe Terra estando em perfeita harmonia com todo o Universo (GRAMACHO; GRAMACHO, 2002).

Por essa razão, tudo aquilo que auxilie a curar o corpo, a mente e o espírito é considerado Medicina (SAMS, 1993). Para encontrar uma forma de cura especial, que pudesse responder a um desafio ou a um problema pessoal, os ancestrais de muitas comunidades nativas da América do Norte costumavam caminhar pelas florestas ou sobre os rochedos das montanhas em busca de indicações ou sinais que pudessem auxiliá-los na cura e na sua busca por sabedoria. Mesmo em nossa vida agitada nos centros urbanos é possível encontrar este Caminho de Cura se o buscador se dispuser a ler e a entender os sinais da natureza (SAMS, *op. cit.*). Interessante registrar, no entanto, que o conceito básico da cura xamânica reside em que “Ninguém cura o outro. A cura já está dentro de cada um” (ABALADA, 2009).

De forma muito breve, existem três causas comuns de doença de acordo com o ponto de vista xamânico: 1) a pessoa pode ter perdido seu poder e isso ter-lhe causado depressão, doença crônica ou uma série de infortúnios; 2) a pessoa pode ter perdido parte de sua alma ou essência, que às vezes ocorre durante um trauma físico ou emocional, tais como acidentes, cirurgia, abuso, trauma de guerra, ter passado por um desastre natural etc.; 3) a terceira causa seriam bloqueios espirituais ou energias negativas que alguém tem devido à perda de poder ou de alma (INGERMAN, 2008). Nos três casos, os xamãs realizam jornadas específicas ao Inframundo, Mundo Intermediário ou ao Supramundo, auxiliados por espíritos tutelares ou guardiões, em busca de conhecimentos e informações que possam ajudar na melhora de saúde física, mental, espiritual e emocional de membros de sua comunidade (VITEBSKY, 1997). Uma dessas jornadas é pela busca e resgate do Espírito Animal para assim restaurar o poder à pessoa que se encontra desanimada, ou seja, que perdeu sua força animal,

2 CERQUEIRA, R. F. **O discurso produzindo sentido**: compreendendo o sofrimento psíquico através da religiosidade. 2003. 164 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003.

encontrando-se deprimida, fraca e predisposta a adoecer (HARNER, 1995). Segundo Harner (*op. cit.*, p. 115):

Os xamãs desde há muito tempo perceberam que o poder do espírito guardião ou tutelar torna a pessoa resistente à doença. A razão é simples: ele propicia um corpo vigoroso que resiste à intrusão de forças exteriores. Do ponto de vista xamânico, num corpo cheio de poder simplesmente não há lugar para a fácil entrada de energias intrusas e prejudiciais, conhecidas, na realidade, como doenças.

As práticas xamânicas de cura, prevenção e manutenção da saúde permitem, ao fim e ao cabo, que os indivíduos tenham uma vida plena baseada na Paz, no Amor, na Harmonia e na Abundância; só assim começaremos a cocriar no mundo como nossa verdadeira natureza espiritual determina.

3. GUIA ESPÍRITO ANIMAL:

Nas culturas xamânicas, acredita-se que quando nascemos o espírito de ao menos um animal se predispõe a nos proteger e nos guiar por toda nossa vida – esse é nosso animal de poder. Quando alguém está conscientemente conhecedor de seu animal de poder, é possível se comunicar diretamente com ele e pedir ajuda e guiança durante a jornada xamânica. Mesmo quando a pessoa não sabe, ainda recebe ajuda invisível.

Existem muitos nomes diferentes para os guias animais e isso depende da tradição ou caminho que alguém segue; muitos deles parecem ser intercambiáveis: Guia Espírito Animal, Mensageiro, Totem, Companheiro, Nagual, Animal Guardiã, Animal Familiar, Conselheiro, Animal Medicina, Aliado e Animal de Poder. Descobrir o seu significado e como aplicar em nossa vida é uma maneira de honrá-lo. É o primeiro passo para estabelecer uma comunicação que pode levar a uma verdadeira conversação com os animais.

Em um levantamento preliminar acerca da zoodiversidade relacionada com simbologia animal e sua Medicina, registra-se o total de 93 mamíferos, 84 aves, 26 insetos, 17 répteis, 16 moluscos, 13 peixes, 12 invertebrados marinhos, 4 aracnídeos e 3 anfíbios (COSTA NETO, 2022). É comum ter uma criatura mitológica como animal de poder, como Pégaso ou Unicórnio. Também se pode ter um animal extinto (Estegossauro, por exemplo) como animal de poder, uma vez que o espírito é eterno (ARTÊSE, 2001; PATTERSON, 2017).

De modo geral, os animais de poder são animais selvagens, não domesticados. Os xamãs sentem que os animais domesticados perderam em

grande parte seu poder. Eles atendem as pessoas de maneira mais física do que espiritualmente (GRACE, 2018). Há poucas exceções, mas até essas exceções não são outra coisa que um vínculo indireto com o verdadeiro animal de poder. Por exemplo, tem pessoas que possuem o Cão ou o Gato como totem. Esses animais têm sua própria medicina e poder, mas o animal doméstico pode ser simplesmente o aspecto dócil de seu homólogo selvagem: o Cão pode estar vinculado ao Lobo, ao Coiote ou qualquer outro canídeo, enquanto o Gato pode estar associado ao Leão, Pantera, Tigre, Onça etc. (ANDREWS, 2014).

Os animais guias têm um poder enorme e cada um deles tem lições únicas e inesperadas para nos ensinar. Assim, Lobo e Cobra devoram as doenças durante as sessões de cura; Urubu é o faxineiro que limpa os resíduos tóxicos – emocionais e físicos – de feridas profundas, desta e de outras vidas; Esquilo traz a ideia de previdência, dando atenção ao que faz e cultivando ações benevolentes, cuidando do hoje para não lhe faltar no futuro; e uma vez que o Esquilo sobe e desce das árvores, ele é considerado um mediador entre os diferentes mundos; Abelha representa pureza, integridade, atividade produtiva e uma série de outras virtudes (ARTÉSE, 2001; BUXTON, 2010; JANSSON, 2012; MEYER, 2015; COSTA NETO, 2020). Um Camundongo tem tanto poder quanto um Leão, mas cada um deles tem algo bem diferente para nos transmitir (RAMOS *et al.*, 2005).

A energia invocada é a da espécie, daí a referência à “iluminação e visão da Águia”, à “coragem do Urso”, à “força da Onça”, ou à “astúcia da Raposa”. As características individuais representam espécies e o espírito guardião de uma pessoa é uno com todos os representantes do grupo a que pertence. Por exemplo, se alguém tem como guardião o Urso, significa que esse indivíduo se alia à energia mágico-espiritual de todos os ursos (GRAMACHO; GRAMACHO, 2002). Estes espíritos guardiões trazem a sua medicina, poder, força e capacidade de cura (SAMS; CARSON, 2000). Casais, famílias e mesmo empresas e corporações financeiras frequentemente possuem um animal de poder apoiando-os em uma realidade não-ordinária (PATTERSON, 2017).

A observação do animal nos religa aos instintos que nele estão presentes sem a repressão e a distorção que aparecem no homem, servindo assim como o melhor antídoto para o sentimento de robotização. Nesse sentido, a multiplicidade do comportamento animal libera o homem e amplia as possibilidades de ser. (RAMOS *et al.*, 2005, p. 18).

Observando os animais, podemos trazer para nosso íntimo a força deles, imitando suas estratégias para superar as dificuldades em nossas próprias relações pessoais (WAGNER, 2000; VAN FEU, 2009; TRAMUNT, 2012). As aves, por exemplo, são mensageiras que nos trazem um entendimento maior de nossos

sonhos e visões (MATTIMORE; STAR WOLF, 2018). Ao ver uma ave, reflita sobre a sua cor, a direção de seu voo, se ela gorjeia ou não. Cada uma dessas coisas simples dá à ave mais valor simbólico potencial. Se de algum modo alguém encontra uma pena no caminho (pois no pensamento xamânico nada é ao acaso), deve parar e refletir sobre o significado deste achado: “O que se estava pensando no momento que a pena foi achada? O que está ocorrendo em tua vida no momento? Quais eram teus pensamentos iniciais quando você a viu ou quais palavras vieram à tua cabeça? Quaisquer dessas questões podem ajudar a determinar a razão, ou apenas pode ser um presente para ser usado mais tarde” (ANDREWS, 2014).

Invertebrados, como formigas, abelhas, cigarras, borboletas, aranhas e minhocas, podem ser animais de poder, pois são alguns dos seres e professores mais antigos do planeta Terra. Explorando os arquétipos de insetos, aracnídeos e anélidos, Star Wolf e Cariad-Barrett (2013) revelam os padrões de ativação da consciência no voo da abelha, na crisálida transformadora de uma borboleta, nas teias criativas da aranha e na reciclagem alquímica do antigo em novo pela minhoca. Durante a jornada em busca do Animal de Poder, se alguém perceber enxames ou amontoados de artrópodes em determinada área do corpo, pode significar que esses animais estejam indicando uma doença (PATTERSON, 2017). Igualmente, quando cobras, lagartos e dragões mostram suas presas e silvam, isso pode ser um sinal de enfermidade. A importante distinção a fazer é se o animal que apareceu está se mostrando como um verdadeiro ajudante. Por exemplo, algumas pessoas possuem uma grande Tarântula como animal de poder. No entanto, isso é bem diferente de ver centenas de aranhas amontoadas no fígado de alguém (PATTERSON, *op. cit.*).

4. TIPOS DE GUIAS ESPÍRITOS ANIMAIS:

Os totens animais são símbolos de energias concretas que estamos materializando e com as quais nos sintonizamos na vida. Assim, as características e as atividades destes espíritos animais nos revelarão muito sobre nossos próprios poderes e capacidades inatas. Em geral, a literatura sobre o tema Animais de Poder traz os seguintes papéis para tais aliados (STARNES, 2022):

Vitalício – Este é o espírito animal que alguém terá durante toda a vida. Pode aparecer a qualquer momento durante a vida útil da pessoa, mas uma vez que estiver com ela, permanecerá pelo resto de sua existência. Este animal pode ser aquele com quem a pessoa tenha afinidade ou que tenha aparecido em vários momentos.

Jornada – Este Animal de Poder caminha com o indivíduo por um período de tempo qualquer, que pode levar semanas ou anos. É um guia que mantém alguém em seu caminho. Esses animais podem surgir rapidamente quando se precisa da ajuda deles em determinados momentos da vida e depois sair com a mesma rapidez. Eles podem demorar tanto quanto um piscar de olhos ou por muitos meses. Eles geralmente aparecem quando o indivíduo tem uma jornada para começar e permanecerão até que essa experiência específica de vida seja concluída.

Mensagem – Este Animal de Poder aparece apenas esporadicamente na vida de alguém. Pode aparecer um dia como um sinal “espere um minuto”, para que a pessoa saiba que algo está acontecendo. Tome nota do animal e qual mensagem ele está tentando transmitir.

Sombra – Este é o lado que alguém mais pode temer. Depois de vencer o medo deste animal, ele se torna um dos maiores pontos fortes. Este Guia Espiritual reflete a parte interior na qual o indivíduo menos confia ou a parte de sua personalidade que mais detesta.

Propósito – Este Guia Espiritual será exibido para eventos, rituais ou jornadas específicas.

5. JORNADA EM BUSCA DO ANIMAL DE PODER:

Dentre as técnicas existentes para encontrar o Espírito Animal de Poder, a percussão rítmica de determinados tambores facilita entrar em estado de transe ou consciência alterada e, assim, ter o contato com o mundo espiritual (JANSSON, 2012). O tambor, quando tocado com certa batida monótona de quatro a sete toques por segundo, coloca o xamã no que é conhecido como Estado de Consciência Xamanística.

Estudos recentes mostram que a batida xamanística produz modificações no sistema nervoso central e facilita a produção de ondas cerebrais alfa e teta, frequências relacionadas à criatividade, imagens vívidas e estados de êxtase. De fato, essa batida pode afetar positivamente o bem estar e a resposta imunológica. O som repetido do tambor é o canal através do qual os xamãs viajam para outros mundos no “voo do êxtase” xamanístico. Na Sibéria, o tambor é conhecido como o cavalo do xamã; no Alto Amazonas, é o espírito da canoa na qual o xamã navega para a terra invisível (LASCARIZ, 2011).

A batida rítmica do tambor xamânico facilita o estado ideal para a meditação, durante a qual o xamã/terapeuta guia o indivíduo em uma jornada ao

Submundo para o encontro com o Espírito Animal. A forma como a meditação é guiada, com diferentes elementos simbólicos que o xamã/terapeuta vai inserindo na jornada, bem como o tempo de duração variam bastante. E a jornada pode ser individual ou em grupo, com cada indivíduo acessando seu mundo subjetivo segundo suas próprias idiossincrasias.

Ao final, deve-se agradecer ao Espírito Animal que se fez presente e, ao retornar ao estado ordinário de consciência, o indivíduo pode ou não fazer a partilha de sua experiência. Vale salientar que a interpretação última para tudo o que fora vivenciado deve ser buscado primordialmente pela própria pessoa, evitando-se interpretações apressadas à luz da emoção (INGERMAN, 2008).

6. DEPOIMENTOS:

Abaixo encontram-se alguns depoimentos de indivíduos que realizaram a jornada para descobrir e interagir com Animais de Poder em diferentes contextos, seja em cursos e oficinas, seja em consultas particulares:

“Hoje, com esta experiência que vivenciei, me sinto mais conectado com meu eu espiritual, algo que estava distante há muito tempo. Garanto que é uma experiência única e que cada pessoa, que tenha interesse é claro, experimente a mesma, vale muito a pena. Meu animal de poder, que não é exatamente um animal, mas sim uma entidade que continha uma presença muito forte, me passou uma mensagem muito importante, algo que eu precisava no momento, e não foi algo falado, e sim, algo sentido. Foi por meio da troca de olhares que eu compreendi claramente o que ela queria dizer para mim, semelhante à telepatia. Algo que não me esqueço era o olhar vibrante, me marcou bastante. Enfim, é uma prática incrível. Sou grato ao professor e amigo Eraldo por me proporcionar essa experiência singular!” (V., discente do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da UEFS).

“Eu amei fazer a meditação do animal de poder. Foi um momento fantástico que me permitiu compreender qual o meu animal de poder. A meditação foi profunda, maravilhosa. Eu me senti muito, muito, muito bem!” (L. N., consteladora).

“Vivenciar a jornada foi muito enriquecedor. Ao iniciar a meditação guiada, seguindo a orientação de adentrar na floresta, avistei uma pantera negra. Ela caminhava juntamente comigo, mantendo uma certa distância, por entre as árvores. Ao entrar no grande salão, o animal que vi era a mesma pantera; ela se aproximou e caminhou ao meu redor, brincou comigo e me convidou para subir nela, pois me ensinaria a caçar. Ela me levou a uma clareira e falou que eu precisava ser mais silenciosa, ter calma e sabedoria. Depois disso,

retornamos ao salão e ela encostou sua cabeça na minha e falou que éramos um só. Por fim, afastou-se lentamente retornando ao fundo do salão.” (M., discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS).

7. MANTENDO A CONEXÃO COM O ANIMAL DE PODER:

Jansson (2012) lista algumas recomendações para manter o relacionamento harmonioso com o Animal de Poder. Como ilustração, cita-se o Urso como totem que foi recuperado durante a jornada:

1. Mantenha a identificação de seu animal de poder como um assunto sagrado, não para ser revelado aos outros.
2. Consiga uma foto do Urso. Pode ser uma impressão de computador a partir de uma imagem na Internet. Não precisa ser dispendiosa nem ser um ótimo trabalho de arte. Cole a imagem perto de sua cama, em algum lugar que você vai ver quando se levantar de manhã. Quando você se levantar, olhe para a foto e diga silenciosamente ou em voz alta: “Bom dia, Urso. Obrigado por você estar caminhando comigo hoje”.
3. Quando você estiver na natureza, peça ao Urso para caminhar com você. Mais uma vez, você pode dizer isso silenciosamente ou em voz alta. “Por favor, venha e desfrute da natureza comigo, Urso.” Nota: não fale em voz alta com seu animal quando alguém possa ouvir.
4. Entre na Internet e descubra sobre a biologia, os hábitos e a dieta do animal. NÃO busque qualquer referência enciclopédica xamânica ou qualquer tipo de “cartas de animais”. É sua responsabilidade aprender sobre o habitat, alimentação e hábitos do Urso, bem como o que o diferencia de outros animais. Isso, por sua vez, pode ajudá-lo a começar a perceber porque o Urso voltou para ajudá-lo(la) com seu tipo de poder.
5. Se o totem animal está na lista de espécies ameaçadas, considere contribuir financeiramente para ajudar a sustentar o animal na realidade comum. Essa é a reciprocidade, uma maneira de devolver ao espírito dessa espécie.
6. Ocasionalmente, coma uma refeição que seja preparada e consumida exclusivamente para o prazer do animal. No caso do Urso, pode ser salmão, frutos silvestres e água quente com mel. Nem todos os animais comem alimentos que são saborosos para nosso consumo. Por exemplo, alguém que possua o Tamanduá como Animal de Poder pesquisou on-

line e descobriu uma grande novidade: formiga achocolatada. Não é uma formiga com cobertura de chocolate (se bem que existe no comércio tais guloseimas), mas um delicioso chocolate em formato de formiga. Assim, a pessoa mordisca o petisco regularmente, oferecendo-o também ao Tamanduá.

7. Chame o Urso quando sentir dor, dúvida ou se estiver em perigo. Peça sua ajuda. Fale com o animal se você precisar de conselho e observe se há uma resposta literal ou que algo que acontece na realidade comum como, uma resposta ao pedido.
8. Ao se deitar à noite, olhe para o Urso e diga a ele que você está agradecido(a) por ele ter andado com você hoje, e que você espera que ele se sinta livre para ir aonde quiser ou para ficar com você durante a noite.
9. Dance com seu animal com frequência. Essa é provavelmente a coisa mais importante a fazer. Faça isso assim que chegar em casa após a jornada, a menos que tenha havido tempo para que você tenha dançado com o animal no espaço do terapeuta.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Quando alguém se conecta com seus guias espirituais animais, precisa ter em mente as características de sobrevivência desses animais e o papel que desempenham no ciclo de vida e morte da natureza. Essas características ajudarão a pessoa a crescer, tomar decisões e determinar o rumo de sua vida, como bem expressam Sams e Carson (2000) na passagem abaixo:

“Quando você exorta o poder de um animal, está pedindo para ser envolvido em completa harmonia com a força da essência dessa criatura. Compreender esses irmãos e irmãs é um processo de cura e deve ser abordado com humildade e discernimento. Certos aspectos das lições dadas por essas criaturas foram escolhidas para refletir as lições que todo espírito precisa aprender no Bom Caminho Vermelho. Essas são as lições de ser humano, de ser vulnerável e de buscar a totalidade com tudo o que existe. Elas fazem parte do Caminho para o Poder. O poder reside na sabedoria e na compreensão do papel de cada um no Grande Mistério, e em honrar o fato de que cada ser vivo é um Mestre”. (SAMS; CARSON, 2000, p. 25).

Os animais podem nos ensinar muito. A partir da simples observação de seus hábitos e interação com o ambiente, poderia-se extrair e entender as

mensagens a serem aprendidas. De suas qualidades podemos aprender o que está faltando ou sendo mal direcionado em nós. De uma Águia, por exemplo, podemos retirar a lição de liberdade, coragem, foco, altos ideais, visão, poder e espírito. Portanto, tudo que alguém tem a fazer é prestar atenção na mensagem de cada animal, pois estes podem estar refletindo nossas próprias características.

AGRADECIMENTOS:

Ao Grande Espírito, por permitir a cognoscência de Sua existência e vivenciá-Lo em toda Sua potencialidade; aos espíritos animais pela presença e companheirismo; aos Elementais de diferentes dimensões; à amiga de jornada Ana Cecília Estellita Lins, pela leitura e correção no texto.

REFERÊNCIAS:

ABALADA, D. L. **Horóscopos ocultos da natureza:** a astrologia dos xamãs, dos druidas e dos alquimistas. Sintra: Zéfiro, 2009.

ANDREWS, T. **Animal chamán:** la sabiduría y los poderes mágicos y espirituales del mundo animal. Madri: Arkano Books, 2014.

ARTÉSE, L. **O espírito animal:** descubra seu animal guardião. São Paulo: Roca, 2001.

BRASIL. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS:** atitude de ampliação de acesso. 2. ed., 1. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BUXTON, S. **O antigo mistério feminino da sexualidade sagrada:** o caminho xamânico da abelha. Sabedoria antiga e práticas de cura dos mestres abelha. São Paulo: ProLíbera Editora, 2010.

COSTA NETO, E. M. Conexões espirituais com a Mãe Terra: plenitude humana manifestada pelo Xamanismo. **Ethnoscientia**, v. 5, 2020. DOI: 10.22276/ethnoscientia.v5i1.343.

_____. **Animais de poder:** uma compilação. Dados não publicados, 2022.

COTTRELL, B. **The way beyond the shaman:** birthing a new earth consciousness. West Sussex: Moon Books, 2008.

_____. Creature consciousness: the body's power to create a new shamanism. **Caduceus**, v. 81, p. 13-16, 2011.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

- GOTO, T. A.; RIBEIRO, T. A. N. Experiencia religiosa e saúde: uma análise fenomenológico-empírico das práticas meditativas neoxamânicas. **Revista Simbio-Logias**, v. 10, n. 13, p. 8-33, 2018.
- GRACE, S. **Dancing with raven and bear: a book of earth medicine and animal magic**. Rochester: Findhorn Press, 2018.
- GRAMACHO, D.; GRAMACHO, V. **Magia xamânica: roda de cura**. São Paulo: Madras, 2002.
- HARNER, M. **O caminho do xamã: um guia para manter a saúde e desenvolver o poder de curar**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- INGERMAN, S. **Shamanic journeying: a beginner's guide**. Boulder, CO: Sounds True, 2008.
- JANSSON, L. Power animal retrieval. **Shamanism Annual**, v. 25, p. 28-30, 2012.
- LASCARIZ, G. de. **Quando o xamã voava: sonho, erotismo e morte no xamanismo**. Sintra: Zéfiro, 2011.
- LEVY, C.; MACHADO, A. **A sabedoria dos animais: viagens xamânicas e mitologias**. 2. ed. São Paulo: Ground, 1999.
- MATTIMORE, C.; STAR WOLF, L. **Sacred messengers os shamanic Africa: teachings from Zep Tepi, the Land of First Time**. Santa Fé: Bear & Company, 2018.
- MEYER, R. **Animal messengers: An A-Z guide to signs and omens in the natural world**. Rochester: Bear & Company, 2015.
- MORRIS, B. Review on the book *Animal and shamans: ancient religions of Central Asia*, by Julian Baldick. **Anthrozoos**, v. 14, n. 4, p. 240-241, 2001.
- MUTTERLE, S. Animal allies transformed into animal essences: healing and transformation with the wild earth animal essences. In: HUNTER, J. (ed.). **Greening the paranormal: exploring the ecology of extraordinary experience**. United Kingdom: White Crow Books, 2019. p. 199-210.
- PATTERSON, R. **Animal magic: working with spirit animal guides**. Winchester: Moon Books, 2017.
- PUTOVÁ, B. Prehistoric sorcerers and postmodern furies: anthropological point of view. **International Journal of Sociology and Anthropology**, v. 5, n. 7, p. 243-248, 2013.
- RAMOS, D. G.; BIASE, M. do C. de; BALTHAZAR, M. H. M.; RODRIGUES, M. L. P.; SAUALA, N. L.; SAYEGH, R. R.; MALTA, S. M. T. C. **Os animais e a psique, volume 1: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2005.

RIBEIRO, S. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RONECKER, J. P. **O simbolismo animal**: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário. São Paulo: Paulus, 1997.

ROSENGREN, D. Transdimensional relations: on human-spirit interaction in the Amazon. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 12, n. 4, p, 803-816, 2006.

SAMS, J. **As cartas do caminho sagrado**: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SAMS, J.; CARSON, D. **Cartas xamânicas**: a descoberta do poder através da energia dos animais. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUZA DE PAULA, S. **Práticas bioxamânicas**: despertar das capacidades interiores. 2. ed. São Paulo: Alfabeto, 2014.

STAR WOLF, L.; CARIAD-BARRETT, A. **Sacred medicine of bee, butterfly, earthworm, and spider**: shamanic teachers of the Instar Medicine Wheel. Rochester: Bear and Company, 2013.

STARNES, G. **Power animals and helping spirits**. Disponível em: <<https://www.gerrystarnes.com/publications/powerAnimals.htm>>. Acesso em: 10 ago 2022.

STERN, F. L. **Cosmologia xamânica**: a ressignificação do Xamanismo na naturologia brasileira. 2019. 235 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TRAMUNT, M. **Totem**: el animal mágico que llevas dentro. Barcelona: Océano, 2012.

VAN FEU, E. **Magia xamânica**: despertando seu animal totem. Rio de Janeiro: Linhas Tortas, 2009.

VITEBSKY, P. Worlds of the shaman. **Natural History**, v. 106, n. 2, p. 32-53, 1997.

WAGNER, V. S. **O poder dos animais**: como utilizar a sabedoria dos animais para melhorar nosso dia-a-dia. São Paulo: Editora Gente, 2000. (Série espiritualidade no trabalho).

WINKELMAN, M. J. S. In: DARITY, W. A. (ed.). **International encyclopedia of the social sciences**. 2. ed. Michigan: Macmillan Reference, 2007. p. 486-488.

CIRANDA DE MULHERES: ACOLHIMENTO, TROCAS, AFETO E POTÊNCIA FEMININA!

Maria Josimeire Silva de Carvalho¹
Najane Guimarães Barreto²
Katiane dos Santos Sousa³

1. INTRODUÇÃO:

Este Relato de Experiência descreve a primeira Jornada Mulher Ciranda (JMC), que aconteceu no dia 22 de maio de 2022, num sábado à tarde em Feira de Santana. Essa vivência convergiu com o período do mês de maio dedicado as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) e tivemos o apoio da Articulação de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde da Bahia (ANEPS-BA).

O movimento surgiu a partir da necessidade de atender a mulheres em suas diversas especificidades, além da observação de que os espaços sociais vem sendo cada vez mais ocupados pelo feminino e que estas precisam se fortalecerem e se cuidarem para não se deixarem abater por toda violência e discriminação que infelizmente ainda existem e são vivenciadas de diversas formas por muitas mulheres nos espaços sociais.

A iniciativa JMC diz respeito a um grupo de mulheres com formação em áreas significativas do universo feminino e que conjuntamente se propõem a colocar seu desenvolvimento, serviço, práticas terapêutica, holísticas, psicossociais para outras mulheres.

Foi um encontro com profissionais e terapeutas de diversas áreas tais como: terapeuta com as mãos, educadora popular em saúde e assistente social; terapeuta homeopática, terapeuta holística, sexóloga, fisioterapeuta, professora de yoga do riso, terapeuta tântrica, psicóloga e consteladoras familiar. Na perspectiva de curas emocionais/corporais compartilhando narrativas, saberes dons, e missões neste universo. Em um espaço amplo, acolhedor e seguro, foi possível em círculo cada uma das sete mulheres, ir se apresentando como pessoa e profissional, numa escuta aberta, sensível, empática, onde os conflitos, dores, anseios, desejos puderam ser expressados sem culpa ou julgamentos.

1 Assistente Social, Educadora Popular em Saúde e Mestranda PLANTERR/Universidade Estadual de Feira de Santana.

2 Psicóloga , Gestalt-Terapeuta, Consteladora Familiar, Psicotraumatóloga em formação.

3 Homeopata e Bacharel em Serviço Social.

2. OBJETIVOS:

Esse movimento teve como objetivo principal proporcionar a mulheres experiências que melhore sua qualidade de vida; e como objetivos específicos: estimular o autocuidado e autoamor; Potencializar nova consciência de cuidados femininos que considerem uma visão sistêmica de cuidado, através das PICS, busca pelo sagrado, ancestralidade e motivação/orientação para criação de divulgação e colaboração mútua, para continuidade no trabalho iniciado na JMC.

3. MÉTODOS:

Tratou-se de uma abordagem colaborativa, onde em círculo todas as mulheres foram se apresentando, partilhando suas expectativas, seus trabalhos.

O público alvo eram mulheres, sendo que participaram sete mulheres/terapeutas, destas cinco eram mães, tendo como formação em Serviço Social, Psicologia, Homeopatia, Fisioterapia, Professora de Yoga, Terapeuta Holística, Facilitadora do Yoga do Riso, Educadora Popular em Saúde etc. As mulheres estavam na faixa etária de 23 a 46 anos.

Essa vivência foi realizada num espaço holístico/terapêutico, alugado, tarde e noite, do sábado 22 maio de 2022 no centro da cidade de Feira de Santana. Inicialmente empreendemos esforços na divulgação de um dia inteiro de atividades, tendo como dinâmica geral da JMC duas horas para cada grupo com uma ou duas profissionais que trabalharia um aspecto do feminino de importância para a saúde integral do grupo. Seria disponibilizado palestras, dança terapia, massagens, constelações familiares, atendimento psicológico, entre outras, dedicados para o universo feminino. Onde as mulheres num dia dedicado a elas, vivenciaríamos suas necessidades e não as dos filhos, maridos, trabalho, etc.

Contudo, apesar da ampla divulgação, o objetivo das inscrições não foi alcançado, redirecionamos a ação para as pessoas/equipe que haviam pensado nesse evento, como uma estratégia piloto de autocuidado inicial com os idealizadores e foi maravilhosa a experiência colaborativa e acolhedora desse grupo. Assim, inicialmente em círculo cada uma das sete mulheres, foram se apresentando como pessoa e profissional, numa escuta aberta e sensível, onde os sentimentos e pensamentos puderam ser expressos sem culpa ou repressão. Depois houve uma constelação familiar liberando emoções represadas e foi possível ressignificar experiências traumáticas relacionadas ao feminino, fechamos esse momento com uma ciranda com música circular.

Após o trabalho, buscamos no espaço um símbolo representando nosso sentimento em relação à experiência, colocamos nosso símbolo na natureza e em seguida através da dança foi possível deixar aflorar a expressão do corpo, em movimentos onde as emoções foram vivenciadas de modo lúdico e intenso, sem críticas ou vergonha. Experimentamos a possibilidade de soltar o corpo e simplesmente seguir os movimentos espontâneos e criativos de cada uma. Houve ainda o momento de aterramento junto Pachamama (mãe terra), com o contato com a natureza, através dos pés descalços na terra, o acesso as plantas, a água. Momento de autocuidado, reencontros (algumas dessas mulheres já se conheciam), trocas de experiências, orientações e construção de objetivos comuns.

4. RESULTADOS:

Esse relato apresenta como resultados: A constatação que diante da vivência na pandemia do Covid-19, essas mulheres tiveram muitas dificuldades, visto que, ainda é socialmente instituído o cuidar as mulheres como algo não emergencial. O que culminou em maiores cobranças sociais, familiares, profissionais, cujas consequências incidiram de forma mais contundente na saúde emocional e física destas. Ainda nessa linha nos diz Fritz Pels:

Para evitar conflitos – para permanecer dentro dos limites da sociedade ou de outras unidades – o indivíduo aliena aquelas partes de sua personalidade que levariam a conflitos com o meio ambiente [...] Se há uma cisão na personalidade (por exemplo entre consciência e instintos), o ego pode ser hostil em relação ao instinto e amigável em relação a consciência (inibição), ou vice-versa (desafio) (PERLS, 2002, p. 220).

Neste sentido o que podemos observar é que em detrimento da família a mulher aliena suas necessidades e considera apenas as dos outros membros da família. André René Barboni, na sua apresentação dos anais do I Seminário sobre PICS na APS em Feira de Santana, afirma: “Vocês verão, nos relatos de experiência dos trabalhadores, que a população gosta das PICS e que mesmo quando ela não consegue curar, ela pode aliviar o sofrimento, dá esperanças, fortalece a imunidade, ajuda a desenvolver a resiliência com baixíssimo investimento” (BARBONI; BARBONI, 2021).

No universo feminino é preciso observar as diferenças que determinam acesso e o vivenciar das mulheres concernente à raça, classe social,

experiências específicas de mulheres de grupos étnicos ou raciais definidos são muitas vezes obscurecidas dentro de categorias mais

amplas de raça e gênero, a extensão total da sua vulnerabilidade interseccional ainda permanece desconhecida (CRENSHAW, 2002, p. 174).

Dito isso, disseminar a importância e o acesso as PICS é primordial para o cuidado em saúde e qualidade de vida das mulheres. Portanto, a divulgação e potencialização do uso das PICS é fundamental, para fortalecimento pessoal, o autocuidado, além de uma rede de apoio que convergem no mesmo objetivo de promover a saúde e bem estar. Foi perceptível nesse grupo que elas utilizam estratégias que ressignificam suas próprias dores e/ou dificuldades, que elas buscam apoio em práticas integrativas e complementares de saúde e nos saberes populares. Aliado a busca por conhecimento através dos estudos, dos movimentos populares de saúde no município vem fomentando a divulgação das PICS na cidade. O que propicia ajuda a si mesmas e podem também facilitar a trajetória de outras mulheres que não possuem conhecimento das PICS, e nem recursos pessoais e financeiros para trilhar o mesmo caminho de cuidado.

5. REFLEXÃO:

Apesar da política nacional de Prática Integrativa e Complementares (PNPIC) Portaria GM/MS nº 971, de 3 de maio de 2006, o desconhecimento sobre os benefícios das PICS é grande em nosso município. Há uma certa resistência no uso de terapias integrativas, muito preconceito referente a atuação dos terapeutas, a atenção a saúde mental, o cuidado psíquico, como aspectos de “pessoas fracas” ou “sem fé”. Aliado ao fato de, comumente o cuidado ter sido sempre delegado a figura feminina, onde a mulher não considera importante e/ou necessário um olhar para suas próprias necessidades. Justificando, um dos aspectos que consideramos ter favorecido a pouca procura pelos serviços ofertados. Devido ao pouco conhecimento sobre as PICS no município, ressaltamos que conforme Freire e Souza (2021, p. 21) afirma que “atualmente treze unidades desenvolvem as PICS, dentre elas: Ventosaterapia, Liberação miofacial manual, Dança Circular, Massoterapia, Shantala, Reiki, Meditação Guiada, Aromaterapia, Constelação Familiar, Fitoterapia, Auriculoterapia”, de forma gratuita na atenção básica. É notório a necessidade de fortalecer as PICS, o empoderamento dos terapeutas e seu empreendedorismo criativo. Cabral et. al., aponta a necessidade de um olhar ampliado onde “compreendemos as queixas e os motivos dos usuários, socialmente construídos e interligados com seus aspectos de saúde, sociodemográficos e qualidade de vida” (2021, p. 143).

Acolher essas mulheres é dar vez e voz às diversas situações de vulnerabilidade que elas enfrentam, nos diversos espaços em que estão presentes

e, que muitas vezes, são oprimidas, subjugadas e menosprezadas, além, da carga excessiva de atividades que acumulam no cotidiano. Essa voz que se cala, essa dor suprimida e essa sobrecarga possuem um caminho: o corpo. Ele adocece, física e emocionalmente. Nesse momento, escutar os relatos, das dores físicas e emocionais, já propicia uma ação terapêutica, onde psicólogas do projeto dão o suporte necessário. Não obstante, as dores físicas também precisam de suporte, para essas situações, buscamos as práticas alternativas e complementares da saúde, a exemplo da aromaterapia, fitoterapia e homeopatia.

Terapias naturais que visam o equilíbrio do corpo, que em essência, por sua natureza e similitude, propicia mais harmonia e equilíbrio de forma ampla e integral. A utilização de plantas para fins medicinais, culinários, estéticos, entre outras funcionalidades, datam de antes de Cristo, por volta de 3.000 anos antes, pelos egípcios, logo após, há registros dos gregos, romanos, persas e indianos. A aromaterapia data desse período, incluindo registros bíblicos do nascimento de Cristo, como um dos presentes recebidos pelos Reis Magos. Os óleos essenciais são extraídos das plantas (raiz, caule, folha, flor e fruto) e cada um age para determinado fim, como antibiótico, antisséptico, antivirais, relaxantes, entre outros. Em contato com o olfato, que capta para o sistema nervoso central ou, em contato com a pele, que adentra a corrente sanguínea, os benefícios são sentidos rapidamente por quem os utiliza (NEVES, 2018).

A Homeopatia, descoberta por Samuel Hahnemann, em 1790, tem como um dos seus principais pilares, o que Hipócrates enunciou, “Semelhante cura semelhante”. A cura das doenças chegaria pela via natural, através de uma análise minuciosa do paciente e, não somente, da doença (HAHNEMANN, 2013). Visto que, a mesma enfermidade, possui diversas origens, sobretudo, mental, e, é esta, que deve ser tratada, para que o “mal” não retorne ao corpo (HAY, 2004).

Assim, as mulheres atendidas pelo projeto JMC, possuem atendimento individualizado, onde serão ouvidas, compreendendo os males físicos, suas origens, para posteriormente uma indicação homeopática, com acompanhamento mensal para avaliar a evolução do tratamento.

Visto que, foi possível uma tarde vivencial, onde foi disponibilizado um lugar de voz para o feminino, com acesso as PICS, vivências terapêuticas com profissionais sérios, competentes, estudiosos do universo feminino e sua multiplicidade. Portanto, essa experiência suscitou um olhar de autocuidado, para as mulheres que são fontes de resistência e amparo familiar, que necessitam serem vistas em suas necessidades. Destarte, o avanço das conquistas com as políticas públicas destinada as mulheres, estas ainda não contemplam a diversidade das

muitas necessidades do universo feminino, visto que, a raça, a classe social, o território, irá determinar as diferenças do viver das mulheres brasileiras, baianas e feirenses. Essa experiência suscitou desejo de replicá-la em outros estados, municípios, visto que, a idealizadora desse movimento não reside mais em Feira de Santana, e sim, no Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, PICS, Feminino.

REFERÊNCIAS

BARBONI, A. R; BARBONI, S de A. V. I Seminário sobre PICS na APS em Feira de Santana. **Anais do Evento**. Feira de Santana: NFSEE, 2021. E-book. Disponível em: <http://proex.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=21> Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

CABRAL, M. E. G da S; GUIMARÃES, M. B; SOUSA, I. C. Usuários de práticas corporais: qualidade de vida e motivos de procura pelas práticas integrativas e complementares. In: SOUSA, I. C; GUIMARÃES, M. B; PEREZ, D. F. G. (Orgs) **Experiências e reflexões sobre medicinas tradicionais, complementares e integrativas em sistemas de saúde nas Américas: Experiencias y reflexiones sobre medicinas tradicionales, complementarias e integradoras en los sistemas de salud de las Américas** – Recife: Fiocruz-PE; ObservaPICS, 2021.1 recurso *online* (192 p.): PDF.

CRENSHAW, K. W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FREIRE, K. B. A; SOUZA, M. L. A. R. Relato de Experiência: construção do plano de implantação das práticas integrativas e complementares em saúde do município de Feira de Santana-Ba. In. BARBONI, A. R; BARBONI, S de A. V. (orgs.). I Seminário sobre PICS na APS em Feira de Santana. **Anais do Evento. Feira de Santana**: NFSEE, 2021. E-book. Disponível em: <http://proex.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=21> Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

NEVES, M. **O poder dos óleos essenciais em seu dia a dia**. Editora Autografia, 2018.

HAHNEMANN, S. **Organon**. Da arte de curar. 5ª edição. São Paulo. Editora GEHSP “Benoit Mure”, 2013.

HAY, L. **Cure seu corpo**. As causas mentais dos males físicos e o modo metafísico de combatê-los. Tradução de Evelyn Kay Massaro. Rio de Janeiro: Editora Best Seller. 25ª edição, 2004.

PERLS, F. S. **Ego, Fome e Agressão**. São Paulo: Summus, 2002.

UMA EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NO GRUPO BATURITÉ

Aliciene Pereira da Silva¹

Este texto se constitui em um autorrelato de uma doutoranda em enfermagem (UFBA) que realizou o curso Teorias das terapias tradicionais oferecido de forma remota pelo grupo Baturité (UEFS) no segundo semestre de 2022.

Quando fiz a inscrição e iniciei o curso meu principal objetivo era focar nos conhecimentos que adquiriria no curso para somar conhecimento teórico na minha trajetória de construção de tese de doutoramento como também de assistência na enfermagem.

Porém foi muito além. O curso foi para mim, mais que base teórica para construção acadêmica, pois em paralelo ao início do curso recebi o diagnóstico de câncer de mama HER2+ com metástase ganglionar. E, o que era para ser apenas aula, passou a ser um norte humanitário no processo de tratamento pessoal.

As noites quinzenais de quinta-feira (dias em que aconteciam as aulas síncronas) foram momentos em que eu passava a ver que existem muitos caminhos para trilhar o caminho saúde-doença e, todas as palavras, conceitos e direcionamentos que eram tão bem explanados no curso, me reestabelecia a esperança de terapias além da dureza e dos custos altíssimos das consultas médicas e exames laboratoriais.

Sim. Conhecer as Medicinas Tradicionais tornaram meu caminho de doente oncológica menos pesado. Pois, a história conta que, desde as primeiras observações no século XXI sobre o tratamento do câncer no Brasil e na criação de institutos voltados ao estudo e acompanhamento de pacientes oncológicos, que todo este processo se concentra, apenas, em especulações e busca de evidências no rol da medicina europeia.

A própria doença, desde 400 a.C., teve seu simbolismo em figuras que se assemelhavam a um fardo e, assim, a medicina convencionou nos colocar até nos dias atuais: a doença como um peso que deve ser carregado pelo corpo e, que, pode-se curar ou não e assim, sobreviver. É tudo muito frio e difícil. Com poucas alternativas fora do campo da indústria farmacêutica e laboratorial.

¹ Doutoranda de Enfermagem (UFBA).

Esta pouca aderência do tratamento oncológico ao ser humano que está doente, penso que pode ser das possibilidades de tratamento na medicina ocidental que surgem de “acazos da história”, como a descoberta do rádio por Pierre e Marie Curie, em 1902, que levou à morte da cientista por câncer, em razão da contínua exposição à radiação. Mais tarde, quem diria, a radioterapia seria amplamente usada em todos os tumores neoplásicos. Nos anos 1950, descobriu-se que uma propriedade do gás mostarda (usado durante a guerra) provocava a redução da divisão de algumas células de rápida reprodução. Surgia, assim, a quimioterapia (MUKHERJEE, 2012).

Dentre as alternativas complementares de tratamento existe uma linha de terapia denominada oncologia integrativa que é um ramo da medicina integrativa que já está inserida Sistema Único de Saúde (SUS), que usa práticas de forma integrada com a medicina convencional, a partir da aplicação de cinco categorias de medicinas denominadas alternativas e complementares no acompanhamento dos tratamentos convencionais como a quimioterapia, cirurgia, radioterapia e terapia molecular:

- 1) Práticas baseadas na biologia: vitaminas, remédios à base de ervas e outros suplementos dietéticos;
- 2) Técnicas mente-corpo: yoga, meditação, visualização; artes expressivas (arteterapia, musicoterapia, dança);
- 3) Práticas de manipulação corporal: reflexologia, massagem, exercícios;
- 4) Terapias energéticas: reiki, toque terapêutico, qigong;
- 5) Sistemas médicos tradicionais como o tradicional chinês e a medicina ayurvédica.

Eu que já conhecia a yoga, conheci uma mestra que dá aula virtual para pacientes com doenças crônicas e atualmente estou com ela em aulas que regulam minha respiração e, assim, equilibram meu emocional. Encontrei um grupo de apoio dentro da Universidade de Sergipe que envia o Reiki uma vez por semana. E o resultado é que meu sono tem sido muito mais tranquilo e vitalizante.

Porém fui mais além e, a partir das aulas de Teoria das Terapias Tradicionais então busquei fortalecer meu corpo para resistir as sessões de quimioterapia. Fui buscar ser ouvida, fui lembrar antepassados que antes dormiam em minha memória de antecedente de Tupi Guarani, que sou. E conheci a medicina Indígena que tem me ofertado elixir poderosos na manutenção dos meus leucócitos, neutrófilos e produção de plaquetas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2013) a medicina tradicional tem uma longa história. É a soma total dos conhecimentos, habilidades e práticas baseadas nas teorias, crenças e experiências de diferentes culturas, explicáveis ou não, usado para manter a saúde e prevenir, diagnosticar, melhorar ou tratar doenças físicas e mentais.

A medicina tradicional e complementar é um recurso de saúde importante e muitas vezes subestimado com muitas aplicações, especialmente na prevenção e gestão de doenças crônicas relacionadas ao estilo de vida, e na satisfação das necessidades de saúde das populações em envelhecimento (WHO, 2019).

Atualmente faço o tratamento convencional (quimioterapia) e o integrativo (Reik e yoga) pelo SUS e os elixires da terapia indígena eu pago com um custo bastante acessível. Porém a relação destes custos com as dos exames (laboratório, tomografias, ressonâncias) e consultas ainda é extremamente discrepante.

Segundo Santos e Meneses (2009), o descrédito de práticas sociais não-cristãs, não-ocidentais, não-europeias suprimiu e desperdiçou saberes locais e contextuais possíveis de serem utilizados para o avanço da ciência. Em geral há uma perda de autorreferência, uma perda ontológica tida como saberes inferiores próprios de seres inferiores.

Quando busquei abrigo na medicina tradicional, encontrei em rezadeiras e pajés o bem viver indo além da história natural da doença, alcançando os potenciais do corpo-mente-alma. Onde a natureza faz morada e dela tem posse e serventia como forma de cuidar do ser humano, que por força política, econômica e militar do colonialismo e do capitalismo foram marginalizados pela ciência moderna.

E assim, como argumenta Santos (2007, p. 76), verifica-se que “a negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal”. Modernamente o campo da saúde vive este clássico de total apagamento de medicinas tradicionais antigas com sobreposição de poderes econômicos capitalista em todo planeta.

Este é um relato de final de curso, mas para mim é uma forma de expressar meu profundo agradecimento pessoal e profissional aos professores que tiveram a iniciativa de instigar reflexões epistemológicas sobre a importância do contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento em saúde.

Buscando conhecer quais as consequências desta descontextualização entre as medicinas existentes na humanidade.

REFERENCIAS:

MUKHERJEE, S. **O Imperador de Todos os Males: Uma Biografia do Câncer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, 640 p.

OMS **Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023**. Genebra: OMS, 2013.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 79, p. 71-94, nov. 2007.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. 518 p.

WHO. **Global report on traditional and complementary medicine 2019**. Genebra: WHO, 2019.

RESILIÊNCIA: CONSTELAÇÃO E SISTEMA GEMELAR

Marly Cordeiro¹

RESUMO:

O objetivo do presente trabalho é abordar a capacidade que o ser humano em sua individualidade tem de se recuperar das adversidades, tribulações e traumas sofridos ao longo da vida, avaliando ações e reações diante das dificuldades na trajetória da vida. Se as adversidades são inevitáveis a resiliência passa a ser uma necessidade. O objetivo geral deste trabalho é analisar o conceito de resiliência em confronto com as adversidades da vida. Como objetivos específicos são elencados: as concepções sobre a resiliência; a teoria de Bert Hellinger sobre a constelação sistêmica; a teoria de Graziella Freni sobre o sistema gemelar. A pesquisa é de natureza bibliográfica. Como resultados, se conclui que a resiliência auxilia o ser humano à serviço da vida.

Palavras-Chave: Resiliência. Adversidade. Vida. Conhecimento.

1. INTRODUÇÃO:

A resiliência se relaciona com as adversidades presentes na vida da humanidade e, à forma imprevisível que as pessoas reagem a estas em suas variáveis, quanto à intensidade, duração e grau de dificuldade.

Na relação entre os seres humanos sempre são existentes os confrontos e, diante do perpassar da sociedade, se criaram métodos de resolvê-los. A importância das consequências influenciou a necessidade de perceberem-se ferramentas que são habilitadas para tratar os traumas dos indivíduos.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar o conceito de resiliência em confronto com as adversidades da vida. Como objetivos específicos são elencados: conhecer as concepções sobre resiliência e adversidade; conhecer a teoria de Bert Hellinger sobre a constelação sistêmica; conhecer a teoria de Graziella Freni sobre o sistema gemelar.

Neste trabalho, foi utilizada a metodologia de estudo bibliográfico através de pesquisas de artigos acadêmicos, livros, matérias em sites, pesquisas em outros. A pesquisa em campo teve como objetivo obter informações sobre as

¹ Consteladora Sistêmica.

problemáticas traçadas na pesquisa. Portanto, a pesquisa foi de cunho bibliográfico, de abordagem sistêmica.

2. DEFININDO O CONCEITO DE RESILIÊNCIA

Para dar início a este trabalho é preciso entender o significado de resiliência no seu termo técnico e na sua aplicação prática, bem como o que é adversidade em seu termo técnico, prático e sistêmico. O conceito de resiliência é muito abrangente, podendo ser aplicado nas mais diversas áreas da ciência. O termo resiliência está intimamente ligado a aspectos físicos, biológicos e psíquicos, sendo originado da Física, significando a capacidade de um corpo se recuperar após sofrer um choque ou deformação.

Ao discutir sobre a resiliência Rutter² (1991 *apud* INFANTE, 1997, p. 10) compreende:

Como uma resposta global em que estão em jogo os mecanismos de proteção, entendendo por estes não, a valência contrária aos fatores de risco, mas aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, em cada situação específica, respeitando as características pessoais.

Luthar; Cicchetti e Becker (2000, p. 543) definem resiliência como “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade”.

Em 1974, o psiquiatra infantil E. J. Anthony introduziu o termo invulnerabilidade na literatura da psicopatologia do desenvolvimento para descrever crianças que, apesar de prolongados períodos de adversidades e estresse psicológico, apresentavam saúde emocional e alta competência.

Assim, se deve reconhecer a relação íntima entre o pensamento e a emoção, considerada condição necessária para compreender o desenvolvimento a partir de uma perspectiva genética. Neste aspecto, emoção e cognição estão intimamente e dialeticamente relacionados, estando a autonomia emocional conectada a outros processos psicológicos, pois o ser humano é subjetivamente constituído. Então, tanto a inteligência quanto o emocional são instrumentos de adaptação que permitem construir noções sobre os objetos, indivíduos e situações, conferindo-lhes atributos.

2 RUTTER, M. Resilience: some conceptual considerations. Trabalho apresentado In: **Initiatives Conference on Fostering Resilience**, Washington D. C., dezembro de 1991.

Piaget³ (1932/1994 *apud* Zandonato, 2004, p. 12) assegura “que os pais têm muita responsabilidade sobre as dificuldades e/ou problemas apresentados pelos filhos e que, (...) é quase sempre presente, em crianças ou adultos em situações problemáticas, a presença de lembranças familiares negativas”.

Como forma de desafios das sociedades contemporâneas decorrem as necessidades de promover nas crianças e nas pessoas um desequilíbrio emocional, “com uma carga muito mais negativa” e com muitas carências emocionais (ALMEIDA; CORREIA; VEIGA-BRANCO, 2012).

Neste ângulo, uma grande quantidade de crianças que começarem a sua trajetória escolar, exprimem suas ausências emocionais, prevendo que “é necessário ensinar às novas gerações a resiliência, a esperança, o otimismo, para as tornar mais resistentes à depressão e capazes de levar uma vida mais feliz e produtiva” (OLIVEIRA⁴, 2010 *apud* ALMEIDA-CORREIA; VEIGA-BRANCO, 2012, p.4).

A família, conforme a Teoria Sistêmica, pode ser concebida como um sistema, podendo serem aplicadas leis à sua estrutura e função. De acordo com o ponto de vista sistêmico, a família se institui como um todo organizado cujos membros interagem entre si. Baseado no exposto anteriormente, ao observar uma família, se busca compreender a interação que existe entre eles (GRANDESSO, 2000).

Macedo (2009), orienta que na abordagem sistêmica, as dinâmicas relacionais não podem se instituir em termos de polaridades opostas e fixas tanto para homens, quanto para mulheres, mas demarcam posições de superioridade e inferioridade. Portanto, para Macedo (2009, p. 67):

Considerando a influência do contexto em que raça, classe social, gênero, religião, cultura, fase de vida e idade são fatores intervenientes na construção do significado atribuído às ações de cada um, só se justifica uma postura profissional com flexibilidade para considerar cada situação, com a relatividade que lhe cabe. Assim, as relações entre os gêneros adquirem uma diversidade que não permite generalizações atreladas ao sexo como causa de determinados comportamentos.

Conceber a família como um sistema parte do princípio de que por meio da reflexão dos padrões repetitivos de interação se poderá identificar os desvios ou mesmo as causas da exclusão desse sistema familiar. Baseado no exposto anteriormente, a família é parte fundamental na vida do ser humano, pois

3 PIAGET, Jean. **O Juízo moral na criança**. Trad. Elizon Lenardon. 2 ed. São Paulo: Summus, 1932/1994.

4 OLIVEIRA, J. H. B. de. **Psicologia Positiva**: uma nova psicologia. Porto: Legis Editora, 2010. 192 p.

é a primeira referência de sociedade com a qual o indivíduo inicia sua socialização.

É nela que o indivíduo aprenderá os principais valores que o acompanharão por toda a sua vida, norteando na hora em que necessitar tomar decisões. Deste modo, a organização familiar torna-se responsável pela educação embasada na aquisição de valores, crenças e conhecimentos, ordenando sua conduta e oferecendo apoio emocional para resolver problemas e conflitos ao integrar-se à sociedade.

Infere-se que o cuidar envolve agir, integrado por duas formações: a pessoal e a profissional. Os valores que embasam essas formações, com reflexos na prática, podem ser percebidos no cotidiano, no relacionamento entre clientes-profissionais. Acredita-se no cuidado mais humano, voltado para a pessoa, o meio ambiente e não centrado em procedimentos. Nesse aspecto, os pais têm que cuidar dos filhos.

2.1 A RESILIÊNCIA SOB O ASPECTO HUMANO

Abordando a resiliência sob o aspecto humano é difícil ou quase impossível medir a capacidade, intensidade ou até mesmo a origem dessa força em cada indivíduo, a pergunta mais intrigante relacionada a esse fenômeno é o que determina a capacidade resiliente frente aos eventos traumáticos da vida, seja eles em ambientes externos ou internos marcados por doenças orgânicas, tragédias de qualquer natureza e outros tantos dissabores que o ser humano é surpreendido ao longo da vida.

O caminho que cada pessoa segue em sua força resiliente ante as adversidades da vida está, também, associado à ancestralidade, pois é possível encontrar em várias gerações a diferença de comportamento existente entre pessoas do mais variado nível social ao enfrentarem dificuldades e adversidades, mantendo a lucidez e a esperança, surpreendendo a todos que tomam conhecimento destes relatos transgeracionais.

As ciências relacionadas à saúde começaram a observar e estudar pessoas que vivenciaram situações traumáticas agudas ou prolongadas e mantiveram a serenidade, sem adoecer.

Salienta-se que a interpretação que se faz do transtorno emocional é individual, considerando-se uma compreensão construtivista a esse respeito (MANUAL DSM-IV, 2002). Para tanto, esta compreensão justifica o fato de

alguns indivíduos ficarem debilitados ou mesmo desenvolverem patologias quando são submetidos a um evento traumático.

Então, para diagnosticar se um indivíduo está sofrendo com estresse ou trauma, é necessário identificar que sentido o mesmo atribui ao problema pelo qual está passando. A experiência que apresenta caráter anômalo, ou seja, fora da ordem estabelecida em uma situação súbita e imprevista pode ocasionar traumas. As reações emocionais a essas experiências podem ser consideradas compatíveis com a situação que provocou o transtorno.

A palavra adversidade é um substantivo feminino, dentro da sua classe gramatical diz respeito ao que se faz, antes de estabelecer o significado da adversidade, é gravar sua etimologia. Neste sentido, deve-se dizer que vem do Latim, ou seja, “*adversitas*” que é composta pelas seguintes partes:

O prefixo “*ad*”, que significa “em direção a”.

A palavra “*versus*” o que se traduz como “virou”.

A adversidade é uma palavra de representação negativa, especificando algo ou alguém que é adversário, inimigo, algo desfavorável contrária a normalidade das coisas.

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio *Online*, “adversidade é um substantivo feminino que significa infortúnio ou desgraça; falta de sorte: ela superou todas as adversidades do acidente”. “Aborrecimento; algo que incomoda: ela enfrenta muitas adversidades no trabalho”. “Desvantajoso; particularidade ou natureza do que é adverso contrário ou desfavorável”. Etimologia (origem da palavra adversidade). Do Latim *adversitas*.

Sinônimos de adversidade.: aborrecimento, tragédia, infortúnio, revés, flagelo, fatalidade, desgraça, catástrofe, calamidade, desvantajoso.

Baseado no exposto anteriormente, se observa que adversidade é uma palavra de representação negativa, especificando algo ou alguém que é adversário, inimigo desfavorável contrário a normalidade das coisas.

Assim, envolve toda situação nas quais se tem dificuldade de dominar e gerenciar algumas situações que se passam na vida, caracterizadas por desgraça ou uma falta de sorte.

Bert Hellinger desenvolveu a constelação familiar, que se institui como um modelo de terapia que concebe a dor e as doenças como processos inconscientes, os quais são motivados por traumas pessoais e familiares que atravessam as gerações (DEUS *et al.*, 2014).

No livro intitulado “O essencial é simples”, Bert utiliza as constelações para tratar diversos sintomas e doenças, não buscando a cura da doente, mas ajudando que este aprenda a conviver com a dor. Mesmo não objetivando a cura, Melo (2011) analisou que alguns pacientes relataram que os sintomas da dor desapareceram.

No mesmo olhar, a filosofia é um recurso que traz efeitos terapêuticos, mas se alerta que a mesma não substitui a terapia médica ou psicológica, sendo concebida como uma forma em que o paciente entenda a mensagem que a dor transmite, aprendendo a conviver em paz com a doença.

A técnica usa esculturas vivas para representar a árvore genealógica do cliente, conseguindo identificar bloqueios emocionais presentes em qualquer geração do sistema familiar (MELO, 2011).

A Constelação Sistêmica Familiar se constitui como uma abordagem sistêmica fenomenológica que se originou dos estudos e práticas clínicas de Bert Hellinger. A metodologia de Hellinger passou pela Psicanálise, Dinâmica de Grupo, Teoria Primal e Terapia de Família.

A teoria de Bert Hellinger envolve as áreas do direito, saúde, pedagogia e terapia familiar (FRANCELINO *et al*, 2018). O conceito de terapia familiar sistêmica investiga o sistema familiar, compreendendo as complicações na vida individual de um membro. Para Hellinger, identificar tais fatos ajuda a pessoa a ficar livre na trajetória pessoal.

Somente desvelando e conhecendo o modo de vida dos homens é possível compreender como se constrói a consciência humana, desde que a considere enquanto um sistema integrado, em processo permanente, determinada pelas condições histórico-sociais. Neste aspecto, a significação somente terá sentido se for refletida em relação à realidade. Porém, o sentido subjetivo e pessoal que a significação tem para o homem se encontra dependente da forma como o indivíduo se apropria da produção histórica e social, ou seja, o sentido é pessoal e o significado é social e ambos constituem o principal componente da consciência do homem.

Fundamentando-se no exposto anteriormente, esse princípio da individuação vai se tornando sólido à medida que se amadurece e tem-se a consciência de si mesmo. Conceito central para o materialismo histórico-dialético, a realidade concreta deve ser compreendida através da abstração do real para o plano concreto por meio de categorias históricas de produção material, buscando chegar à totalidade. Alerta-se para o fato de que a realidade concreta se

condiciona ao desenvolvimento das forças produtivas que embasam as relações de produção.

Se conclui que o Direito de Família contemporâneo é algo que vem se tornando cada vez mais focado nas relações pessoais familiares, sobretudo, após a constitucionalização das relações privadas, em que há a aplicação de normas constitucionais nas relações privadas com o intuito de respeitar a dignidade da pessoa humana. Nesse cenário, a responsabilidade civil também é aplicada nas relações de família, tendo em vista que a indenização por dano moral é um direito fundamental pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

3. CONSTELAÇÃO E SISTEMA GEMELAR

A vida contemporânea proporcionou nas últimas décadas muitas abordagens para resolver as adversidades da vida, que são sempre relacionadas aos conflitos envolvendo pais e filhos, trabalho, saúde, aspectos econômicos e outros. Segundo a Dr^a Graziella Freni, apenas um gêmeo sobrevivente pode estar emaranhado. Na Constelação Sistêmica segundo Bert Hellinger, o indivíduo está a serviço do seu sistema familiar e está emaranhado no destino dos seus antepassados.

Ao discutir sobre a sistema gemelar Freni (2016) compreende:

Não se trata contudo de questão de emaranhamento sistêmico, mas de movimentos interrompidos em direção à vida, desde o ventre da mãe até encontrar o seu lugar no mundo. Prova disso é que durante o decorrer da constelação gemelar, é o gêmeo sobrevivente que se movimenta para ocupar o lugar do antepassado.

O método Freni cocria a passagem da vida intrauterina de cada indivíduo desde o momento em que ele foi deixado sozinho na bolsa de líquido amniótico, retornando ao início, quando os irmãos estavam todos vivos em todas as bolsas que faziam parte do sistema gemelar. A essência do trabalho é dar oportunidade para que cada indivíduo possa sentir as suas percepções, as suas sensações corporais e o reconhecimento gradualmente do seu pertencimento a um grupo de gêmeos e a um gêmeo espelho.

É um processo de desenvolvimento integrativo, incluindo as ressignificações de temas não vistos, liberação de traumas, etapas de resiliência e movimento em direção a vida. Neste trabalho ele encena a relação com os irmãos na sua bolsa e descobre o valor das várias bolsas como um todo e que áreas da sua vida elas representam numa projeção.

3.1 A RESILIÊNCIA E O MOVIMENTO EM DIREÇÃO À VIDA

A partir da constelação gemelar o indivíduo reconhece seu estado resiliente pelos padrões de sobrevivência adotados durante as sessões, integra seus irmãos, irmãs e melhora a qualidade de vida. Restabelece o oxigênio no seu corpo e, portanto, toda a energia necessária para alcançar o seu bem-estar e os seus objetivos.

Cada fase concluída é seguida de uma sensação de luto, que dá lugar a uma energia diferente, a uma consciência diferente, a uma leveza de alma. O indivíduo estará pronto para ouvir o seu corpo, chamando para uma nova visão da vida.

Depoimento (Turim, homem de 32 anos):

O olhar vai sempre para os irmãos maiores, aos quais atribuímos um valor adicional: *“Eles sabiam como sair daqui. Eu não estava à altura”*.

A comparação contínua entre ele os seus irmãos falecidos faz com que tudo que o distingue fisicamente deles seja agora julgado: como único sobrevivente, só que se acusará a si próprio de não ser igual a eles, de ser maior ou menor, desconfiando constantemente do seu corpo e, em última análise, de si próprio. Na realidade, o sobrevivente não se perdoa por não poder seguir os seus irmãos na morte. Muitas doenças e enfermidades, especialmente a saúde sistêmica, têm aqui suas raízes. É aqui que a junção das abordagens segundo Bert Hellinger e Graziella Freni se completam: ao reconhecer a dor da perda, dos irmãos gêmeos, o indivíduo passa pela resiliência, regressará ao sistema familiar e retomará o seu movimento vital, pelo caminho da inclusão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda situação em que se tem dificuldade de dominar, gerenciar ou sobrepor, caracteriza-se uma adversidade para a vida. Não é difícil entender ou ter uma noção do que é adversidade, algumas perdas que passamos na vida a reputamos por desgraça ou uma falta de sorte até mesmo uma infelicidade.

Sempre que estamos diante de uma adversidade, sempre há um preço a ser pago, uma resposta ao que é adverso, situações assim sempre cobram de nós força, resistência, ânimo, perseverança, para resumir estas e outras palavras que se encaixaria nesse contexto vamos necessitar de resiliência.

Diante de estudos pesquisados para estas abordagens segue a proposição que o desenvolvimento da Constelação Sistêmica e Sistema Gemelar colaborou para a evolução emocional e pessoal, sendo desenvolvida e otimizada por meio da reflexão associada à prática por meio de estudos e competências. Ainda nesta vertente foi estruturado e implementado no Brasil vários programas de intervenção e cursos seguindo a teoria de Bert Hellinger e Graziella Freni.

Nas pesquisas que se referem a implementação e avaliação do programa da Pós-Graduação em Constelação Sistêmica e Psicossomática da UNATE, providas do corpo docente e discente, através de conteúdos mencionados no presente trabalho, os resultados foram satisfatórios. Onde as práticas adequadas demonstraram a qualidade, não só da metodologia aplicada, como também, especificamente, a constelação e o sistema gemelar integrados, na dimensão que os conteúdos de resiliência estudados asseguram que a aprendizagem emocional aparece como atributo afirmativo para o bem-estar de todos os envolvidos, em nível pessoal e profissional.

São relevantes que em nível de competências da Constelação Sistêmica e Sistema Gemelar, ressalta-se a relevância de identificar, diferenciar e entender as próprias emoções, traumas transgeracionais intra uterinos, como também os estudos de processos embrionários, na medida em que se desenvolve as competências empáticas e assertivas do ser humano, como também os procedimentos de estudos e aprofundamentos da história de cada indivíduo.

Para a compreensão do campo sistêmico, a família além da matriz básica pais e filhos, pode ser composta por três gerações para a realização das intervenções; avós, tios e primos que se agregam, trazendo contextos diferenciados dos habituais, contribuindo para a ordem no ambiente familiar. A instituição familiar também é concebida como um grupo social primário, pois é nela que acontecem as primeiras socializações do indivíduo, o qual é influenciado pelo comportamento, atitudes e ações dos membros que a compõem, pois ambos compartilham entre si conhecimentos, desejos, sonhos, angústias e necessidades, influenciando a maneira de agir e pensar de todos. É o lugar de respeito e de apoio mútuo, onde acontecem as relações intensas e criam-se fortes laços de afeto, independentemente do seu arranjo. Assim, é na convivência familiar a primeira forma de socialização.

O trabalho do sistema gemelar é complementar e muito importante, pois cria uma primeira experiência de integridade, integralidade e felicidade, que será memorizada pelo indivíduo nas práticas integrativas e prosseguida nos trabalhos em prol da saúde e da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA-CORREIA, A.; VEIGA-BRANCO, A. Efeitos da formação em educação emocional nas competências emocionais de professores. In **Atas do I Congresso Internacional de Inteligência Emocional e Educação**, Universidade do Minho, 6-7 jul. 2012.

DEUS, J. M. de; SANTOS, A. F. dos; BOSQUETTI, R. de B.; POFHAL, L.; ALVES NETO, O . Análise de 230 mulheres com dor pélvica crônica atendidas em um hospital público. **Revista Dor**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 191-197, jul.-set. 2014.

FRANCELINO, E. T.; ALBUQUERQUE, M. F. C.; MEDEIROS, C.; MAGALHÃES, M. D. L. B. de; BARBARA, J. F. O impacto da Constelação Familiar Sistêmica na saúde emocional dos discentes da EEFM João Mattos. **Anais do Colóquio Luso-Brasileiro de Educação-COLBEDUCA**, 3, 2018.

FRENI, C. G. Constellazioni e Sistema Gemellare, **Psiche** ed., Itália 2016.

GRANDESSO, M. A. **Sobre a reconstrução do significado**: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

INFANTE, F. **Acciones específicas que los jóvenes y los agentes de salud toman para promover la resiliencia em los primeros**. Trabalho de conclusão de curso de Psicologia na Universidade Diego Portales, Santiago, Chile, 1997.

LUTHAR, S.; CICHETTI, D.; BECKER, B. **The Construct of resilience**: A critical evaluation and guidelines for future work, Editora Child Development, 2000.

MACEDO, R. M. S. Questões de gênero na terapia familiar e de casal. In: L. C. Osório e M. E. P. do Valle. **Manual de Terapia Familiar**, Porto Alegre, Artmed, 2009.

MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MELO, C. **Constelação familiar como aliada no tratamento**: a terapia integrativa é utilizada no ambulatório de ginecologia do hospital das clínicas. *Jornal UFG, Goiânia*, ed. 91, 2011.

ZANDONATO, Z. L. **Indisciplina Escolar e relação Professor-Aluno, uma análise sob perspectivas Moral e Institucional**. 2004. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2004.

CONSTELAÇÃO COM CAVALOS: UMA EXPERIÊNCIA DE RECONEXÃO

Sara Aguilar (Mitsuyana Borges Matsuno)¹

Participar da constelação com cavalos, conduzida por Marly Cordeiro, foi como costurar a colcha de retalhos do meu ser, ou como colar os caquinhos quebrados de um vaso partido (como feito da técnica japonesa do *kintsugi*²), liberando também aqueles pedaços soltos que não me pertenciam, mas que pelos caminhos e pela própria natureza da vida encarnada haviam se infiltrado e que não tinham mais porque permanecer carregando.

Passei maior parte da minha vida (nem sei mensurar desde quando) me sentindo como uma peneira, sem filtros, sendo atravessada pelas energias, emoções, pensamentos e todo um conjunto de sensações que me rodeiam. Uma sensação de não quase não ter borda: mediunidade intensiva, sentindo todos os ambientes, as energias das pessoas com quem convivi, ou mesmo tendo contato numa conversa momentânea.

Sempre foi difícil entender ou caminhar com essa sensação de estar sempre desprotegida, vulnerável todo o tempo. Isso me levou a ter uma vida mais reclusa, com poucos momentos sociais, pois estar com muitas pessoas ao mesmo tempo sempre foi altamente desafiador.

A busca pelo autoconhecimento sempre foi um caminho desde cedo pra lidar com essa hipersensibilidade, mas ao mesmo tempo também seguindo me anestesiando em fugas para não acessar dores que estavam além do que conseguia dar conta.

Após passar cerca de quase 10 anos (desde entrada no curso de Psicologia) buscando compreender melhor e, principalmente, trilhar um caminho de cura por meio de diferentes caminhos (incluindo formações e vivências dentro do xamanismo, bioenergética, constelação familiar, entre outros conhecimentos) me vi no começo deste ano de 2022 numa situação que detonou diversas áreas da minha vida: afetiva, profissional, financeira, relação com minha autoestima... praticamente tudo foi afetado por uma grande crise que levou à um estado de depressão que atravessei durante os meses de janeiro a março. Somente no final de fevereiro comecei a ter forças para começar a me reerguer emocionalmente, e que só foi possível contando com ajuda de amigos e pessoas que surgiram do caminho, que me acolheram desde o começo do processo. Precisei fazer uma constelação para conseguir sair de muitas energias que ainda estavam presentes.

1 Estudante de Psicologia da UEFS.

2 *Kintsugi*: também conhecida como *Kintsukuroi* é a arte japonesa de reparar uma cerâmica quebrada com laca espanada ou misturada com pó de ouro, prata ou platina.

Mas foi na constelação com Marly, tendo a presença incrível e amorosa desses seres divinos, que são os cavalos, foi que pude me dar conta do que estava atravessando. É como se eu estivesse realmente encarnando naquele momento. Estava olhando de verdade para a vida como um todo naquele momento.

Cada constelação que eu assisti ou atuei como representante me trouxe um mar de emoções ligado a algum aspecto, algumas coisas que minha mente nem tinha condições de captar totalmente... Só sentir! Foi como chegar em meu coração! Encontrar essa casinha sagrada onde nada pode invadir nem entrar sem minha permissão. Entrar em meu corpo, de fato, sentindo esse limite da pele como algo bom, prazeroso, que é poroso, sim, mas não mais sem bordas, tendo cada fragmento costurado, ali, ao ver na história do outro um pedacinho da minha história, sendo colado, devolvendo também os pedaços que estavam ocupando o lugar daquele fragmento e impedindo que minha verdadeira energia pudesse ali estar presente.

Então, me veio a percepção do porquê ter recebido um nome iniciático (Sara Aguilar) no ano anterior e isso passou a fazer mais sentido. Ali pude entender também toda essa crise (que ainda não se concluiu totalmente pois alguns aspectos estão em processo de regeneração gradativa), mas não mais num lugar de dor, mas de gratidão por ter a oportunidade de morrer e renascer ainda no mesmo corpo. Morrer para o velho sistema, para a velha vida, e assumir inteiramente o lugar que de fato nasci pra estar. O novo nome não nega o antigo, assim como o velho corpo não precisa morrer para poder dar lugar a um novo ser, pois que nome, que é verbo, é isso: uma vibração, como nossas células também vibram, encarnar é sentir o verbo da alma abraçando um corpo, matéria que faz segundo essa vibração primordial da nossa essência.

Deixando para trás tudo que foi, em lágrimas e risos, foi chegando um profundo sentimento de gratidão a todos os meus ancestrais, incluindo aqueles mais antigos (que numa das últimas constelações pude ver no olhar de um dos cavalos), podendo assim sentir essa que é a ancestral das ancestrais: a Mãe Terra, a própria vida se fazendo presente, batendo em meu coração.

E o sentimento que fica é esse: profunda gratidão a todos que vieram antes de mim; aos cavalos, esses seres também ancestrais que trazem uma profunda sabedoria e intensa conexão com o amor que também é vida; a Cida Vasconcelos que me permitiu participar dessa vivência, com sua generosidade e acolhimento do momento que atravesso; a todas as pessoas presentes que foram outros “eus” na qual pude ver o reflexo de mim mesma; e, a Marly Cordeiro, que com sua profunda sensibilidade e escuta me ajudou a acessar o sentimento de unidade e inteireza em meu ser.

RELATO: JOVEM INDÍGENA, 20 ANOS DE IDADE

Erick Soares da Silva¹

Sou indígena do povo Pankararu, localizado em três municípios, Tacaratu, Jatobá e Petrolândia no estado de Pernambuco. Desde criança sou bem participativo em minha cultura, fui escolhido pelos seres da natureza e encantos para servi-los e assim ajudar meu povo na questão espiritual e cultural. Como fui destinado a isso, sempre tive que tomar muito cuidado, existem várias restrições sobre mim, a principal delas é não modificar meu corpo, não fazer tatuagem, não pintar o cabelo, não fazer procedimentos estéticos, nada que altera minha fisionomia, pois iria chegar momentos que esse corpo não seria só meu. Minha vida também não é só pra isso, posso seguir meu futuro profissional/carreira, posso sair pra festejar, beber, namorar, tudo igual uma pessoa normal, mas sempre tomando cuidado pra não violar minhas restrições.

No ano de 2022, com o intuito de construir meu futuro, decidi entrar na vida acadêmica, comecei a cursar minha graduação em Enfermagem na Universidade Estadual de Feira de Santana. Pedi permissão aos meus guias (espíritos da natureza e encantos), foi concedida. Então viajei para cidade de Feira de Santana. Chegando na cidade, fui acolhido em uma casa específica para indígenas, dentro do campus da universidade. Em primeiro momento senti presenças espirituais dentro da residência, imaginei que isso não seria problema para mim, pois se respeitamos eles, eles vão nos respeitar.

Basicamente todos os dias me conectava com meus guias, momentos de fé e concentração, pedindo forças e coragem. Aquilo foi incomodando os espíritos que habitam aquele local, pois meus guias são seres servente a deus, senhor Jesus Cristo, e aqueles que lá estavam são espíritos malignos. Vários dias e noites esses espíritos tentaram me assustar, tentaram me expulsar daquele lugar, teve uma noite que um deles veio a mim, tentando me assustar, as palavras dele foram as seguintes:

— Saia daqui, o que você faz aqui?

Eu não tive medo e respondi:

— Eu moro aqui! Não estou aqui pra incomodar ninguém.

Ele respondeu: — não! Aqui não é seu lugar, suma daqui, não quero você aqui!

¹ Estudante de Enfermagem da UEFS.

Depois disso várias noites foram as mesmas, não podia dormir, que eles apareciam em meu quarto, e sempre meus guias comigo não deixando nada de grave acontecer.

Uma vez no mês, eu tinha que retornar a minha aldeia, para renovar minhas energias, pois aquilo já estava acabando comigo.

Com a chegada da maior tradição/ritual pankararu, que é a corrida do umbu, meus guias precisavam se ausentar mais, foi com isso que a cada noite foi agravando os quadros de perturbação, era tentativa de posse sobre meu corpo, alucinações e o pior de todos, tentativas de estrangulamento durando o sonho. Com tudo isso minha saúde mental também foi sendo afetada.

Eu conectei-me com meus guias, cheguei no estado profundo de conexão, que é a comunicação com os espíritos, e as primeiras palavras ditas a mim foram:

— Volte para aldeia, aqui nós não temos forças de afugenta-los de você.

Eu não podia voltar naquele momento, pois já era final de semestre, não podia perder as disciplinas, assim aguentei o máximo que pude. Meus guias não podiam estar comigo a todo momento para me proteger, por quê a aldeia também precisava de proteção, estava em tempo da maior tradição e vários espíritos malignos tentavam atrapalhar essa tradição.

As perturbações eram frequente, até que um dia chegou ao auge, desmaiei, tomaram meu corpo... com muita luta consegui retomar. Depois disso, não pensei muito, retornei as presas para minha aldeia para buscar ajuda, já na última semana do semestre. Um amigo meu veio comigo para me auxiliar na viagem. Chegando na aldeia, já alucinado, tendo sintomas de esquizofrenia e desmaios frequentes, entrei em ritual fechado (aqui não posso relatar), com muita luta junto com médiuns e guias da aldeia, consegui a vitória, os espíritos em mim foram arrebatados. Meus guias vieram a mim com muita tristeza pedir perdão pelo acontecido. No final do ritual fechado ganhei mais uma proteção... agora eles poderiam até me perturbar, mas nunca mais, com fé no senhor Jesus Cristo, eles tomarão meu corpo.

A vida de um indígena que é escolhido para servir sua tradição, não é nada fácil, vários maus tentam lhe desmoronar, principalmente quando está fora de sua aldeia. Então sempre devesse andar com suas defesas, sempre ora/rezar a Deus para que nada de ruim tenha domínio sobre ti.

PERCEPÇÕES, REFLEXÕES E RELATO DE EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS SOBRE O GRUPO BATURITÉ (UEFS, BAHIA)

Fábia Kelly Santana Cerqueira¹

“... o que afinal de contas poderia ser mais verdadeiro do que o relato da própria pessoa a respeito do assunto que ela vivenciou?” (Scott e Maluf, 1998)²

Este trabalho tem por objetivo registrar percepções pessoais, reflexões e relatos da minha experiência sobre os encontros virtuais no **“Grupo Baturité” (UEFS, Bahia)**, em 2022, tendo como foco documentar a existência e enriquecer a composição de acervos de evidências e narrativas de memória para difusão dos saberes médicos e práticas de cura tradicionais indígenas e afro-brasileiras em ambiente acadêmico.

Neste sentido, escrevo para documentar e tornar histórica a nova experiência, a existência e as atividades do **“Grupo de Estudos Baturité” (UEFS, Bahia)** em 2022 – formato *online* – a partir da perspectiva de uma formanda em Psicologia, contribuindo com o legado cultural e científico sobre o tema.

Esta experiência documentada pode vir a se constituir como herança do passado para ajudar gerações vindouras dando sentido ao esforço empreendido pelo Grupo para a visibilidade no meio acadêmico de práticas médicas tão excluídas e tidas como atrasadas e selvagens.

Apresento-me como formanda (10^º semestre) em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Fui bolsista de Iniciação Científica (PROBIC/UEFS) durante dois anos na temática: Doença Renal Crônica/Hemodiálise e Pandemia de Covid-19. Participei como voluntária de atividades do Programa de Extensão “Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para UEFS”, quando fui membro da comissão organizadora do I Simpósio Brasileiro *on-line* de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), em 2020, atuando como monitora. E, por fim, desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso, com a Prof^ª. Dra. Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni, a partir da perspectiva do SUS, a vertente para a qual sempre direcionei minhas pesquisas na graduação.

Ainda que as práticas médicas tradicionais não façam parte de meu campo direto de interesse e minha atuação profissional e de pesquisa, sei que a

1 Estudante de Psicologia da UEFS.

2 Scott, Joan W., and Marina Maluf. “A invisibilidade da experiência.” Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História** 16 (1998).

formação em saúde num país tão desigual, deve ser plural, pautada na justiça social de forma a dar substância às reivindicações de grupos tachados como “marginais” ou “minoritários”, sem voz.

Por princípios éticos defendo que o cuidado em Psicologia deve se pautar nas metodologias e abordagens definidas na Ciência. Isso de modo algum limita minha crença que outros cuidados de saúde podem gerar resultados positivos e que semelhante ao saber científico, também têm suas limitações e falhas.

Pelos mesmos princípios éticos que me vinculam à Ciência, também defendo que o silenciamento, o apagamento e opressão são estratégias cruéis, desonestas e não científicas para “rotulagem” daquilo que nos parece exótico e que radicalmente me oponho.

Como pesquisadora e futura profissional de saúde tenho o dever de reconhecer as demandas cada vez mais crescentes de um emergente movimento de saúde integrativa, que encontra apoio e respaldo em setores, instituições de saúde e Universidades.

Dito isto, talvez fique mais compreensível ao longo do meu relato o que fez despertar meu interesse pelo Grupo de Estudos Baturité. Importante frisar que a academia nos deixa bastante enrijecidos quanto à Ciência, aquela hegemônica, que surge a partir dos conhecimentos colonizadores da Europa, refletindo uma camada muito específica de população e construção de saberes.

Não é diferente com a Psicologia, uma vez que esta agrega muitas abordagens teóricas e, constantemente, sofre ataques quanto à cientificidade dos seus métodos, o que é descabido, considerando que tratamos de um objeto que não é necessariamente palpável, sendo os efeitos de um processo terapêutico advindos com o tempo.

Quantificar sempre foi uma questão para o ser humano, e há certo fascínio mesmo em poder comprovar de maneira calculada alguns dados. Mas, eu aprendi ao longo do curso e das experiências práticas com o comportamento humano que nem sempre uma formação técnica-científica nos dará o suporte necessário para atender um paciente em uma grave crise ou surto psicológico, por exemplo, embora ela seja extremamente imprescindível. Ter o aporte teórico é essencial, ainda mais se este tem respaldo na Ciência que é validada e reconhecida.

Contudo, sempre vou defender a importância de um ensino científico para a Psicologia com todo o rigor que lhe cabe, afinal existe a variedade epistemológica, bem como se trata da formação de um profissional que vai atuar

diretamente com vidas, sendo necessária que haja uma padronização das práticas, unificada pelo Código de Ética Profissional, baseado nos Direitos Humanos, cabendo ao Conselho Federal de Psicologia e as instâncias de cada região ou Estado (Os CRPs) a vigilância dessas atuações e as possíveis sanções para quem decide ir à revelia do que se propõe no documento que rege e subsidia as práticas dos psicólogos.

No entanto, ao pensar as questões referentes à Saúde Pública, faz-se urgente atentarmos para as diversas culturas e “medicinas” que foram silenciadas da história em detrimento de uma única forma de promover saúde, assumindo um caráter mercadológico, na qual serviços de saúde são moedas de trocas. Além disso, foi imposta uma hierarquia de saberes, com a primazia de um profissional formado nas Universidades e o mais profundo desprezo pelas práticas advindas das comunidades tradicionais e camadas populares.

Num momento histórico em que respirávamos no Brasil um ar de discórdias, ódios e polarização, sob o manto da “Pátria Amada”, o Grupo de Estudo Baturité foi a oportunidade de discutir como é possível, neste cenário absurdo e hostil, estabelecer diálogos com formas tidas como alternativas e subalternas de se fazer um cuidado em saúde. Não como concessão ou cota, mas por direito.

A tônica do Grupo francamente comprometida com uma vertente de Equidade, forte pilar do SUS, foi didaticamente desconstruindo a chamada “hierarquia de saberes” e conduzindo – pelas mãos de Boaventura Souza Santos – a uma “ecologia de saberes”. Outras identidades e seus recursos de saúde. Cosmovisões que se interpenetravam no cuidado à saúde e por um meio ambiente que possibilitasse o bem viver.

Foi assim que o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde Educação e Espiritualidade (NFSEE) do Departamento de Saúde que ancora o Programa de Extensão “Rede de Apoio, Afetos e Ações Solidárias para UEFS” (Rede AAA – CONSEPE 022/2019), dentro do sub-projeto: “Sentir, Emocionar e Transformar-se” (SENT), coordenado pelos Profs. André e Suzi Barboni, promoveram no semestre 2022.2 o Grupo Baturité, formato *online*, gratuito e aberto ao público – pautado num movimento de práticas de Medicina Africana e Afro-brasileira, Medicina Indígena e Xamânica, que também incluiu outras práticas de povos tradicionais asiáticos.

Foram trazidos para os encontros temas para estudos teóricos dentro de uma concepção ampliada de saúde conforme preconizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), visando uma proposta de saúde integral, diferente de pensar o corpo fragmentado e os saberes subdivididos em especialidades.

Felizmente, e pelo menos normativamente, algumas práticas tradicionais já se aproximam de alguma forma do SUS por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC) e, na Bahia, pela Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares (PEPICS-Bahia). Esse avanço representa não apenas a inclusão de práticas advindas dos saberes de povos indígenas, por exemplo, como também objetiva dar visibilidade a essas práticas que sofreram apagamento para a pesquisa científica e cursos acadêmicos.

Em especial, a PEPICS-Bahia é o marco legal, um cânone, a ser difundido, explicado, trazido para o cotidiano das Equipes Saúde da Família. Isto não só por oferecer um tratamento integral, considerando as especificidades dos sujeitos, mas também por reconhecer que estes recursos podem ser complementares até mesmo para propiciar adesão ao tratamento hospitalar e medicamentoso.

Outro desafio: os profissionais de Psicologia compreender que estas práticas são INTEGRATIVAS e COMPLEMENTARES sem substituição, abandono ou exclusão do acompanhamento psicológico ou médico. É preciso relacionar estas duas dimensões para que os psicólogos e pesquisadores da Psicologia resistentes percebam o filão praticamente inexplorado pelos estudiosos da Psicologia que entendem este campo das PICS como alçada exclusiva de técnicos de saúde ou curandeiros populares.

Reconhecendo este campo de pesquisa pode haver uma verdadeira explosão de estudos sobre PICS a partir da Psicologia, sobre eficácia, sobre resultados positivos ou não, enfim, sobre um vasto elenco de estudos epidemiológicos sofisticados, o que poderia agregar para a própria Ciência defendida pelo campo *psi*, uma vez que este é repleto de bifurcações, devido à variedade de correntes que partem de epistemologias distantes.

Outro viés é bem mais problemático ainda: profissionais de saúde que tratam os saberes médicos de povos indígenas e afro-brasileiros como atrasados, perigosos, transe místico religioso, resumindo basicamente à crônica de folclorização e patologização.

Enquanto futura profissional de Psicologia, entender que as PICS podem ser desenvolvidas dentro dos serviços do SUS, de modo acessível e gratuito aos usuários, é coerente com a equidade e fez a diferença no meu percurso de formação e aprendizagem de práticas e cuidados em saúde. Entendi que são outras racionalidades médicas onde o processo saúde-doença-cuidado obedece a princípios de causalidades múltiplas que incluem dimensões da espiritualidade, inexploradas cientificamente.

A fragmentação dos saberes não traz benefícios para a Atenção Integral que se propõe dentro do SUS, uma vez que a equipe que deveria ser multidisciplinar atua numa lógica interdisciplinar, que isola os profissionais e deixa o indivíduo reduzido às especificidades de cada área da saúde, o que muitas vezes, impossibilita um olhar amplo sobre as enfermidades, que são sempre carregadas de historicidade dos próprios sujeitos: singulares em suas existências.

O Grupo me permitiu ampliar esse olhar no que concerne ao sujeito em sua integralidade, reconhecendo, sobretudo que ele carrega crenças próprias da sua vivência e comunidade, validando o saber ancestral que este traz sobre seu corpo e seu processo de saúde e doença. Uma reflexão minha sobre as questões referentes à humanização em saúde, que pode parecer óbvia, mas que precisamos pontuar sempre: será que realmente estão concentradas somente na Medicina Hegemônica todas as respostas às quais precisamos?

Um modelo pautado no individualismo, tendo a saúde/doença como uma mercadoria, participação passiva do sujeito, focando na medicalização dos problemas, pode mesmo ser resolutive? As discussões construídas no bojo do Grupo apontam que não. Tratar os sintomas e silenciar a causa, certamente não ocasionará em tratar o adoecimento. Este pode ter múltiplas causas e evidenciar aspectos próprios de uma cultura, isto é, determinado episódio pode variar de região, de como se dá o entendimento daquela população, entre outros fatores.

E, falando em comunidade e seus saberes e práticas, quero visibilizar a minha terra (não foi a que nasci, mas onde cresci e morei por 18 anos) – apelidada de Monte Alegre da Bahia, hoje, Mairi – “cidadezinha” no interior da Bahia, descoberta devido à proximidade com Jacobina e suas minas de ouro. Os saberes populares locais incluem benzedeadas e rezadeiras. Cresci vendo muitas pessoas pedindo para serem “rezadas” a fim de acabar com o “mau-olhado”, por exemplo. Meu povo, minha gente sofrida, numa terra maravilhosa, abandonada pelo poder público e de escassez de recursos médicos acadêmicos.

Entender que historicamente as práticas de saúde estiveram interligadas com esses saberes ditos não científicos me faz não ficar engessada em uma vertente apenas, mas abrir os caminhos para acolher a imensa variedade de saberes, reconstituindo suas identidades.

Além disso, como a população nem sempre teve acesso a uma gama ampla de profissionais, serviços e medicamentos farmacêuticos, os chás e garrafadas foram sempre utilizados a partir de folhas, de raízes, de cascas... Através dos conhecimentos de “raizeiros”, como o meu avô Fernando, que indicava, com base em sua vivência de anos pelas fazendas, cultivando plantas, o que era específico de cada caso, eu mesma utilizo desde a infância até os dias

atuais, o que de modo algum me impede/limita de fazer uso dos remédios advindos das farmácias, essenciais para os processos de adoecimento, e em geral, eram recursos que se completavam em eficácia.

De algumas décadas para cá, o acesso ao SUS ampliou-se, embora com dificuldades, nestes pouco mais de 30 anos. O SUS avançou enormemente e está presente até mesmo em distritos e povoados por meio das Unidades Básicas de Saúde que foram sendo construídas, gradativamente, neste município, o que representa um avanço para as comunidades locais, considerando que Atenção Básica, eficaz, resolutiva e próxima das pessoas, consegue fazer com que os demais níveis não sejam tão recorridos, gerando colapsos no sistema.

Com isso creio que incluir as PICS no SUS de minha cidade não será uma “medicina para pobres”, mas a oportunidade de inclusão, de visibilidade às práticas populares locais e também as PICS. Trazer para o povo a dimensão do quão benéfico pode ser ter acesso com qualidade tanto a uma sessão de Aromaterapia quanto a umas inalações de ervas nativas colhidas na região com reconhecido poder terapêutico, por exemplo, de modo a completar o tratamento no âmbito do SUS.

Considero que a minha geração – psicólogos e psicólogas, formados numa Universidade pública comprometida com a equidade – deve estar mobilizada politicamente pelo direito à saúde assim como com uma reorientação teórica e de práticas em saúde que possibilite a formação decolonial. Estar neste Grupo me permitiu este algo mais na formação.

Além disso, fez com que o tempo todo eu estivesse conectada com algo que é muito intrínseco à minha vida pessoal, mas, sobretudo, fez com que eu pudesse ter um novo olhar quanto ao lado profissional, compreendendo que as práticas podem e devem ser fluidas, sem o enrijecimento das áreas de conhecimento fechadas em suas próprias “caixinhas”, uma vez que romper com esse modelo curativista, favorece a comunicação entre a multidisciplinaridade, conectando saberes, pessoas e construindo processos de saúde mais resolutivos que promovam qualidade de vida e bem estar.

Finalizo em aplauso e esperança quando foi publicizado o tema de redação do ENEM 2022: “Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil”. Este tema chama atenção da necessidade de mais discussão acadêmica e escolar sobre justiça social para estes povos. Chama atenção de milhares de jovens e de professores sobre as maneiras históricas coloniais de perceber e interpretar povos tradicionais, sempre vistos nos livros didáticos e filmes de forma caricata, como bárbaros, selvagens, sem cultura, subalternos e até criminalizados. Estes rótulos tiveram um profundo impacto

negativo sobre a formulação de políticas públicas que negam a autonomia destes povos e os tratam com indiferença as suas respectivas culturas.

Parabenizo e agradeço simultaneamente aos Profs. André e Suzi Barboni por trazerem para a Universidade essa temática inédita, seja através do ensino (incluindo nas ementas de disciplinas), da pesquisa (orientando estudantes que caminham por essa vertente) ou da extensão (como a Rede AAA) uma proposição, sem dúvidas, muito corajosa e desafiadora em tempos sombrios que vivemos no Brasil, no qual até mesmo a Ciência hegemônica sofre ataques, quiza as PICS e os saberes indígenas e afro-brasileiros. Sem dúvida, essa atitude promove a difusão desses saberes ao passo que interfere diretamente na saúde universitária, inclusive para os discentes (como eu), docentes, servidores técnicos e toda a comunidade acadêmica.

É preciso falar mais e ter mais estudos sérios no campo médico-etno-histórico os quais também devem ser estimulados em qualquer curso superior de formação em saúde, introduzindo uma nova conjugação entre justiça social e decolonialismo, na esperança de se produzir um modelo renovado e justo de saúde para todos os brasileiros e brasileiras.

MEDITAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: CAMINHOS INTERIORES DE AUTOCURA

Tainah Ferreira da Silva¹

Em um final de semana como outro qualquer, uma notícia de que uma nova doença tinha chegado ao Brasil e que com isso, casos foram registrados na cidade. Algo completamente desconhecido estava por vir, trazendo consigo mais que um vírus mortal: o medo, a incerteza e uma quarentena pela frente. As autoridades decretaram isolamento total das pessoas, com escolas fechadas, comércio parado e cada qual em suas casas... SUAS casas, ou seja, sem qualquer contato com família, amigos e pessoas queridas que não dividem o mesmo teto que você. Nessas horas, quem não mora sozinho se viu aliviado em ter com quem contar numa situação tão delicada. Foi assim que pensou o Théo quando soube, no trabalho, que teria sido decretada quarentena a fim de evitar o contágio e a proliferação da doença.

Quinze dias de “descanso” ao lado de sua esposa e de seu filho... O que Théo não imaginava, é que essa quarentena estava muito longe de um descanso e mais ainda, que quinze dias não seriam nem o começo dessa história.

Théo que trabalhava no comércio local, mais de 8 h por dia, seis dias por semana, encarou de primeira a quarentena como uma oportunidade de ficar mais perto do filho de onze meses e da sua esposa, rezando para tudo se resolver rápido.

Ainda assim, com a insegurança do que estava por vir, muitas especulações, medo de escassez de comida, da possível proibição de locomoção entre cidades e todas as questões que chegaram com a quarentena, decidiu viajar para o interior com sua família, para perto dos seus pais, sogros e outros familiares.

Após a chegada em sua cidade natal, com pouco mais 30.000 habitantes, Théo se sentiu aliviado e pensou que em uma cidade menor, mais perto da família, seria mais fácil enfrentar o que estava por vir. Instalaram-se na fazenda da família, um lugar tranquilo, com muitos animais, longe da cidade: perfeito pra se conectar com Deus, com a natureza e buscar calma para passar por esse momento.

A fé foi o instrumento que Théo e tantas outras pessoas buscaram para atravessar a tempestade, pois não se tinha respostas de como ela iria passar,

¹ Estudante de Farmácia da UEFS.

quando iria passar, muito menos de que forma... o medo de faltar o básico, o alimento, a saúde, a vida de um ente querido... Um fluxo de informação gigantesco, toda hora uma medida de segurança nova, o aumento de pessoas contaminadas pela doença, o número de mortos subindo a cada minuto e sendo passado em todos os noticiários. O medo se instalando na casa das pessoas. Pessoas com saúde física e mental completamente abaladas. Seria melhor desligar a televisão?! Talvez... “Vamos focar na família e fortalecer a nossa fé, enquanto esses dias passam”, pensou Théó.

Para dar uma amenizada na ansiedade, que já era grande e em tempos de pandemia se tornou maior, sua esposa percebeu que o autoconhecimento era um importante passo, então foi buscando alguns meios e começou a estudar mais sobre os chakras, lembrando das aulas que ela aprendeu na universidade.

Foi olhando para si mesmo, praticando contemplação e técnicas para alinhar suas energias e fazendo todos os dias meditações guiadas. Pensava que era o melhor diante da insegurança da situação toda, que fugia ao seu controle, mas, ao mesmo tempo, percebendo que poderia ter controle sobre seu corpo. Tudo que a ajudasse a passar por esse processo seria válido, para que sua mente não adoecesse e para manter sua imunidade em bom funcionamento. Enquanto isso, Théó se apegou a sua fé, nunca colocou rótulos em sua religião, mas sempre gostou de orar e se conectar com a natureza. Para ele, Deus estava no simples, no canto dos pássaros, nos alimentos naturais, “no meio do mato”, como ele mesmo diz...

Ao final dos primeiros quinze dias de quarentena, a empresa que Théó trabalhava comunicou que o prazo teria sido estendido e o comércio local ainda estava proibido de funcionar. O salário diminuiu e as comissões que ele ganhava, foram zeradas, já que as lojas não abriram. Então a família começou a sentir o lado financeiro pesar. A porta de entrada para que o medo se instalasse mais uma vez. Mais mortos, mais desempregos, alimentos mais caros, cidades proibindo entrada de pessoas a passeio...

Se um dia, estar com a família na fazenda, parecia um refúgio, em outro momento, virou um lugar de caos. Várias pessoas do mesmo laço familiar, cada um com seus próprios pensamentos, trancados numa mesma casa, preocupados com a situação terrível que estavam, com os nervos à flor da pele. A convivência em poucos dias se tornou difícil... todos estavam tão exaustos de uma quarentena que tinha chegado há pouco, de tal forma que qualquer assunto era sinônimo de discussão na família. “Quase 3 semanas fora de casa e talvez fosse a hora de voltar”, pensou Théó.

Então, lá estava ele, sua esposa e seu filho, em destino à cidade em que eles moravam... novamente longe de seus familiares.

Um casal confinado em meio a uma pandemia que tomou proporções drásticas, onde os números só demonstravam que o pior estava acontecendo... não se tinha remédio nenhum, não se conhecia um medicamento que causasse alívio, não se tinha vacina. As brigas em casa cada vez eram mais comuns. Ambos faziam as tarefas do lar e cuidavam do bebê, mas por vezes um se achava mais sobrecarregado que o outro e iniciava uma discussão.

Até que um dia Théo recebeu uma ligação do gerente da loja em que trabalhava, com a notícia que a empresa ia fechar algumas filiais, inclusive a sua unidade de trabalho, e com isso ele seria demitido, junto com seus colegas. Naquela hora o seu mundo desabou... pensou em todo o sustento da sua família, tanta tragédia nas últimas semanas, o casamento que estava turbulento e parecia que tudo estava dando errado. Enxugou as lágrimas e foi contar a sua esposa, mas para sua surpresa, a reação dela foi de calma. Ele não entendia como a esposa poderia ter calma em um momento como esses. Ela podia ter gritado, chorado, mas, ela respondeu que o mais valioso eles tinham: a vida.

Théo ficou reflexivo, vendo quanto que a esposa mudou em tão pouco tempo na quarentena, parecia que estava mais calma e que não se deixava abalar tão facilmente. Lembrou das aulas virtuais de meditação guiada e tudo que a esposa vinha fazendo para mudar seu estado de espírito e como isso vinha impactando sua forma de encarar a vida.

Após uma conversa com a esposa, ambos decidiram aplicar o dinheiro que Théo receberia da empresa, numa forma de obter renda. O relacionamento deles foi se fortalecendo, à medida que um foi incentivando o outro, e Théo por sua vez, aprendeu muito com a sabedoria dela e aos poucos quis tomar conhecimento de tudo que a esposa estava fazendo e como isso a ajudava a levar a vida de uma forma mais leve.

Muitas vezes a gente tende a olhar para fora procurando respostas, quando na verdade é olhando para dentro nós que as encontramos. Olhando para quem nós somos, para nossa conexão com o universo, nos autoconhecendo e buscando forças através do nosso corpo.

Em tempos onde tudo que a gente tem é colocado à prova, fica o aprendizado: o que é, de fato, importante?! O autoconhecimento nos ajuda a encontrar meios de seguir, sabedoria para sentir nossas emoções e o que fazer com elas; não deixando que a raiva, o medo e a ansiedade, tomem conta da gente,

evitando até que elas se manifestem em aparecimento de doenças físicas e mentais.

Aos poucos é preciso se reconectar... olhar para nós desde a mente até o corpo. Inclusive, a Ciência reconhece a importância que isso tem na qualidade de vida.

Mas muitos de nós não sabem o caminho... como é possível fazer isso em meio à correria em que vivemos, tornando-se ainda mais desafiador diante desse contexto pandêmico? Théo encontrou um caminho, e não foi se afundando de trabalho, como antes ele julgava como “fuga” ideal para seus problemas... foi através da meditação. Ele descobriu nessa pausa diária, o que precisava: um momento de saúde mental.

Théo que sempre viu a meditação como algo muito difícil de alcançar, descobriu que podia começar aos poucos, do jeito que ele conseguia e que não precisava de um lugar perfeito ao ar livre, com tapete, ar fresco, natureza e tudo que a gente costuma ver nos filmes.

Percebeu que a companheira, a esposa caminharia com ele, presente, disponível, inteira. Incentivadora, apoiadora e motivada.

Foi assim, pesquisando na internet que ele descobriu que podia começar ali mesmo, naquela casa pequena e nada silenciosa. Um cantinho da casa é suficiente para meditar, aliado com a vontade de apenas começar. Com esforço, junto com sua companheira, iniciou a prática e foi percebendo os processos espirituais, enfrentar seus fantasmas... a meditação mudava a ele, sobretudo. Meses se passaram e aos poucos, foi se despojando de tanta coisa que não fazia mais sentido...

Tudo começou de si e voltava para si. Não foi um caminho material percorrido a pé, com exercícios físicos, mas um caminho espiritual percorrido com alma, com lágrimas. Quis desistir. Aonde isso tudo estava levando sua vida? Mas percebeu que aos poucos foi devolvendo a calma perdida. O sono foi melhorando, sua concentração também. Ele fez deste seu momento durante a pandemia, seu canto simples em sua casa, da meditação, sua peregrinação e seu Caminho de Santiago.

Meditação é sobre caminhar aos poucos para onde se quer chegar... se integrar com seu corpo, sentir que você e ele estão bem. É também sobre sair daquele modo automático e da preocupação em sempre produzir. E, por que não falar sobre a sensação de bem-estar?! Como se você e o seu corpo estivessem prontos para iniciar o dia de uma forma especial, com foco e atenção. Meditar

significa um olhar para o corpo, de uma forma única que vai além do físico, de maneira muito mais profunda e espiritual.

Essa evolução de Théo renovou sua força, trouxe a autocura e eles decidiram ensinar seu filho desde muito novinho a meditar.

É verdade que eles sofreram muito para aprender a fazer uma pausa, aprenderam pela dor. Mas como Pietro Ubaldi ensina, também é possível aprender pelo amor, e essa é a forma que queriam passar suas lições de vida para seu filho.

Todas as manhãs Théo tinha um momento de meditação com seu pequeno, que ainda era bem novinho e não entendia tanto, mas que em breve seguiria os passos dos pais e descobriria o quanto isso torna sua vida melhor, mais leve e saudável.

A lição que ficou da pandemia para Théo: a vida nem sempre é sobre o que nos acontece, mas tem muito de como lidamos com isso.

TEMPOS DE PANDEMIA

Stephane Mislayne de Jesus Ferreira¹

Atualmente vivenciamos tempos difíceis, com a volta às aulas presenciais, após dois anos de pandemia com aulas remotas. Diante disso, tivemos que nos adaptar a novos costumes e hábitos para sobreviver, dentre eles, o distanciamento social, que afetou a todos, tanto os professores quanto os alunos.

Há quem diga que foi um período “razoável” por achar tempo pra fazer seus deveres de casa, e para descansar. Mas, para nós alunos por mais que achássemos tempo para realizar nossas tarefas, enfrentamos dificuldades para acompanhar as aulas remotas, principalmente pra mim que sou de exatas, compreender cálculos sem ter um contato direto com o professor, foi complicado, sem falar que alguns optaram por dar aula por slide.

Diante do cenário visto em 2020 a 2021 as aulas remotas trouxeram dificuldades para o ensino e aprendizado dos alunos. Ademais, gerando mais complicações às pessoas sem acesso à internet e sem equipamentos tecnológicos.

Além disso ocorreu muita confusão com algumas disciplinas, dúvida sobre metodologia, atenção redobrada nas matérias e o principal além dessa rotina, foi a saúde mental dos alunos que foi afetada.

A pandemia e o distanciamento social causaram e causam grandes impactos na saúde das pessoas, como ansiedade, crise de pânico e até mesmo depressão. Esses impactos pegaram todos de surpresa, com essa mudança repentina, os alunos se desestabilizaram mentalmente, já que a adaptação foi muito acelerada e a falta de comunicação com outros colegas dificultaram ainda mais um aprendizado, pois fez com que ficassem aflitos em suas casas, sem ao menos poderem ver seus familiares que não habitavam na mesma residência.

Diante da situação vivida, o professor André Renê Barboni, em um vídeo sobre seu trabalho de conclusão de curso em Filosofia, destaca que “Já não é mais o momento de dizer o tempo virá, mas sim de afirmar: o tempo chegou”. Essa frase citada pelo professor, foi retirada da apresentação do livro de Pietro Ubaldi. A mesma nos faz refletir que diante de tantas tragédias vivenciadas, a cada dia um novo vírus é descoberto, índices de pessoas com ansiedades e depressão só aumentam, assim como os preços de coisas essenciais para sobrevivência aumentam drasticamente, e etc. Será que realmente chegamos ao fim da humanidade?

¹ Estudante de Matemática da UEFS.

Podemos fazer uma relação com as previsões citadas no livro da Bíblia que fala sobre o fim dos tempos: “Haverá grandes terremotos, fomes e pestes em vários lugares” (Lc 21,11). O que vemos atualmente, é que a Covid-19 afetou todos os países em geral, todos tiveram que se readaptar, fechar as portas de seus comércios e se isolarem, fazendo com que a economia do Brasil caísse, já que muitos ficaram sem trabalhos, o dinheiro diminui sua rotação e o governo teve que ofertar um auxílio para os cidadãos que não tinha como manter nem suas necessidades básicas.

Há muitos anos ouvíamos dizer que chegariam o dia, que Cristo depois de preparar a humanidade, viria salvar os “seus”, sendo eles todos os que creem nele e seguem suas palavras. Porém na bíblia, cita “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24,36). O momento vivido atualmente é desesperador, mas tenhamos fé e não nos abalamos, são tempos de rever nossas atitudes.

Em uma aula dada pelo professor André Barboni e a Professora Suzi Barboni, foi apresentado graficamente os dados de casos e óbitos em outros países e no nosso. Podemos ver que além do que algumas pessoas pensavam, que a Covid-19 era só uma “gripezinha” e continuava saindo, continuando suas atividades normais, outras estavam morrendo, por conta dessa irresponsabilidade, o vírus continua se propagando.

Podemos ver que por mais que uma grande porcentagem da população brasileira esteja vacinada, a Covid-19 ainda não acabou, nunca voltamos para o normal de antes da pandemia, e agora, no mês de dezembro de 2022, estamos enfrentando uma nova onda do Vírus, confirmando o que foi dito pelos professores citados a cima. Nós brasileiros, nos encontramos em um novo tempo de aflição e dúvida, sem saber se voltaremos ao tempo de pandemia, onde tudo teve que fechar e voltar ao afastamento social, onde cada um fica na sua casa.

Acredito que apesar do retorno das atividades normais, não deveríamos parar com uso das máscaras e nem abandonarmos as orientações da secretaria de saúde, pois apesar da eficácia da vacina ainda estamos enfrentando um grande número de infectados, embora a quantidade de óbitos seja mínima, ainda é tempo se proteger, tomando todas as vacinas e nos prevenirmos, já que após ser contaminado pelo vírus da Covid-19 não sabemos se ficamos com sequelas, pois em cada indivíduo ela age de maneira diferente.

Ocasionalmente, nos deparamos com pessoas que tiveram Covid-19 com um discurso em que, seu olfato não é mais como antes, ou teve modificação no paladar após a contaminação, até mesmo problemas de atenção e prejuízo na memória. Dessa maneira também, que a Covid-19 tem afetado os estudantes,

trazendo mais dificuldades para manter sua atenção nas aulas, e com isso provocando ansiedade.

Precisamos falar mais sobre a vacinação, tentar conscientizar as pessoas que não estão se vacinando, que precisam se vacinar, tanto para se proteger como para proteger a todos que estão à sua volta, para tentarmos pelo menos controlar a propagação do vírus.

ARTESANATO COLETIVO: SONHO OU REALIDADE?

Maria Celma Silva Vieira¹

Esta noite eu tive um sonho. Acordei pensativa e cheia de esperança num mundo melhor.

O cenário da pandemia deixou muitos de nós atônitos devido a inúmeras mudanças inesperadas. Quantas vidas ceifadas ao mesmo tempo pela Covid-19, o medo e a angústia de também morrer?

Naquele período, a partir do mês de março do ano 2020, em que ainda não haviam vacinas, não conhecíamos cientificamente o vírus, foi aterrorizante. Sofremos muito!

Mas, estamos vencendo. E se estamos aqui, vamos seguir, vamos melhorar esse mundo que aí está, e, que precisa de cada um de nós, seres viventes neste Planeta Terra, no nosso Brasil, na nossa cidade, na nossa comunidade e na nossa casa. Isto me anima diariamente.

Foi assim que sonhei com um mundo de colaboração. Trouxe o sonho para meu pensar e sonho em concretizar o projeto “Artesanato Coletivo”.

Se hoje pessoas estão cada dia mais distantes umas das outras, poucos são os encontros presenciais, vivemos em um mundo cercado de redes sociais, quase todos estão *online*, por que não gerar aproximação? Aproximação não só de corpos mas de ideias e forças?

Será que, principalmente nas periferias, nas comunidades mais carentes onde faltam recursos financeiros, incentivos socioculturais, uma ideia criativa envolvendo o coletivo, poderia vir a melhorar a renda familiar, e consequentemente a qualidade de vida, tanto no aspecto de melhorar as necessidades mais básicas da “pirâmide das necessidades”, alimentação, vestuário e saúde, bem como a educação, cultura e arte?

Então, porque não incentivar o “Artesanato Coletivo”, para as pessoas que estão sem oportunidades no mercado de trabalho, mas que querem ser ativas e produtivas, jovens desempregados, donas de casa, aposentados e outros? Claro, precisa de um mínimo de recurso financeiro para seu início, além de liderança. Vamos tratar disso daqui a pouco.

E por que artesanato?...

¹ Estudante de Biologia da UEFS.

Porque a neurociência tem comprovado seu efeito positivo extraordinário para a saúde do cérebro, com benefícios psicológicos, emocionais e sociais. Inclusive fazer artesanato é considerado por alguns com efeitos similares à meditação, às técnicas de relaxamento e atenção plena. Está sendo levado em conta como auxiliar no tratamento da dor, da depressão e transtornos mentais comuns.

Neste meu sonho, para um piloto, logo de início, após ser delimitada uma área, um bairro amostral, será preciso efetuar-se uma busca ativa do tipo “porta-a-porta” e panfletagem de sensibilização da comunidade.

Em seguida, marcar uma reunião no centro comunitário daquele bairro, ou local semelhante. Desta reunião, certamente a partir de mais de um indivíduo brotará as mais criativas inspirações deste projeto “artesanato coletivo”, para que se caracterize como socialmente construído.

Como conseguir verba para custeio dos materiais e instrutores? Talvez organizar um bingo, sensibilizar comerciantes locais para uma parceria, um festival de sorvete.

Ainda nesta fase de planejamento, a equipe executora do projeto deve identificar pessoas interessadas em fazer artesanato com objetivos diversos: cultural, socialização, financeiro, terapêutico dentre outros. Todas as produções podem gerar resultados positivos, como confecção de panos de prato com bordados ou pintura; artesanato em madeira, como brinquedos educativos, ou outros artigos em madeira; trabalhos cerâmicos, entre outros.

Essa produção inicial de artesanato seria apenas de alguns itens, porém recheados de amor, dedicação, trabalho, união. Seria para desenvolver uma rede de afetos e confiança entre as pessoas.

Com o tempo e o engajamento, a criatividade do grupo brotaria naturalmente, a amizade, a colaboração mesmo com as diferenças. Natural expectativa de que a diversidade de artesanato iria se multiplicar, com produtos localmente referenciados.

Definidos quais tipos de artesanato poderiam ser os mais adequados à realidade cultural daquela comunidade importante também a divulgação e venda dos artigos produzidos através de feiras regionalizadas, vendas pela internet, localizar os produtos em pontos de venda na cidade. Tudo a um preço simbólico.

Bom lembrar que, é imprescindível saber quem teria mais aptidão, buscar cursos de aprendizagem com turmas pequenas, para poucas pessoas, e

estas posteriormente, seriam agentes multiplicadores para repassar seus conhecimentos práticos e artísticos aos demais membros da comunidade.

Qual a consequência de tudo isso?...

É lentamente que se constroem as redes de colaboração. Mas serão os inúmeros benefícios, além da riqueza do trabalho em grupo, da troca de conhecimentos e de uma possível união de pessoas, sem distinção de cor, idade, sexo, raça, condição social ou religião.

Ficção, sonho ou realidade?...

Não importa, acredito na mudança, acredito na força de “vontade” de pessoas que estão em busca de um mundo melhor. O “Artesanato Coletivo” é somente uma ideia visionária em meio às infinitas que podemos projetar para ajudar pessoas e nos ajudar.

Sei que para os projetos e sonhos possam ser concretizados com sucesso, como este do “Artesanato Coletivo”, faz-se necessário sair da nossa zona de conforto, levantar da confortável poltrona, agir, suar, vencer obstáculos, as adversidades.

Sinceramente? Eu sinto-me nesta zona de conforto, acomodada, mas querendo participar de algum desses grupos, mostrar para que viemos a esse Planeta Terra, descobrir aos poucos, qual a missão de cada um, qual a minha missão.

RESILIÊNCIA, AFETOS E RECORDAÇÕES DE TEMPOS PANDÊMICOS: ESCRREVENDO AOS SOBREVIVENTES

Maria Alice Lucas Pereira¹

O ano era 2020, lembro como se fosse ontem, todos os jornais alertando sobre a doença da década. Nunca imaginei que poderia viver um momento histórico, desesperador e tão marcante em nossas vidas.

Todos os jornais, rádios e TVs noticiavam a mesma coisa, era o assunto do momento, algo novo para todos nós, levando a suspensão de atividades, à necessidade do distanciamento social e a perdas que geraram tristezas e medos que marcaram nossas vidas para sempre.

Não vou mentir, no começo achei que seria algo como uma gripe normal, algo passageiro, mas o desconhecido foi tomando forma, foi ficando indomável, e agravando mais e mais a situação planetária. Cada vez que passava um noticiário, mais percebíamos a gravidade dessa doença, mortes e mais mortes em todo lugar.

Lembro de uma das cenas que mais me chocou e doeu meu coração: as imagens dos corpos das pessoas sendo enterradas sem caixão, uma pilha de corpos sendo jogados do jeito possível por não ter mais espaço nos cemitérios.

A experiência do isolamento no começo foi algo novo e até bacana, na minha ingenuidade! Imaginei que seriam só uns dias, até tirei um tempinho para mim, para descansar. Depois que alguns dias passaram, tudo muito quieto, começou a ficar estranho. Era um tempo de muita agonia, de não poder ter contato com as pessoas que mais amo, de não poder sair sem riscos de trazer consigo a própria morte. O medo de perder algum parente próximo ou até mesmo de pegar a doença crescia. Isso não é brincadeira, e foi ficando mais sério, mais sério e desesperador.

O uso das máscaras, a cada dia era mais sufocante! Encostar em alguém já era motivo de desespero, e abraçar e beijar alguém já não era mais possível.

A pandemia estava instalada.

E nosso o equilíbrio mental? Como atravessar estas situações com leveza? Somos humanos, a sanidade já não era mais a mesma. O medo, a angústia e a fragilidade tomou conta e derrubaram nosso emocional. Era algo novo e todos cuidados tinham que ser tomados, e também o financeiro já que muitos pontos

¹ Estudante de Educação Física da UEFS.

comerciais precisaram fechar as portas, e os trabalhadores, de toda forma necessitavam colocar comida na mesa... muitos pais e mães de família desempregados!

Dentro das casas, começam os atritos pelo tempo de convivência no isolamento. Chegou um momento em que conviver com as pessoas de casa já estava sendo uma tarefa bastante desafiadora, e os muitos casamentos acabados pelo convívio no isolamento?

Muitas pessoas entraram em depressão, ao longo de todo processo vivido, alguns conseguiram buscar ajuda médica, outras não. Por isso, a importância das terapias integrativas e complementares, como a meditação. Ter acesso às práticas integrativas e complementares em saúde foi o melhor remédio para muitos nesse período difícil, inclusive para mim.

Encontrar alguém para conversar, dividir minhas angústias e medos foi minha válvula de escape para não enlouquecer nessa situação, e conhecer a meditação guiada me trouxe de volta para o mundo. Percebi que foi preciso desacelerar para seguir em frente, até porque eu precisava ter forças para sustentar todos a minha volta.

Eu estava disposta a trazer tudo que me fosse bom nesses tempos para minha vida, como a minha fé, o meu autocuidado, minha demonstração de afeto e algumas terapias corporais que ainda não tinha conhecido.

Foi fortalecedor descobrir a meditação e como os aromas falam. Descobri que cuidando do meu interior fluía mais e mais a minha vida pois meu corpo é meu templo.

Sim. Passar por uma mudança tão drástica não foi fácil. Dias muitos difíceis passamos na pandemia. Crise de ansiedade, a depressão... foi uma grande barra nos tempos de isolamento.

Como viver “trancada” sendo que uma semana atrás estava vivendo os melhores momentos da carreira, com a família, com a vida?!!

Mas na verdade isso mostra que não somos nada, e que tudo é passageiro, o que fica sempre será o que fizemos na Terra. Mas cedemos ao corre-corre da vida e muitas vezes com o mundo tão exigente não paramos nossas vidas para nos olhar de dentro para fora, dar mais valor as pessoas que nos amam, e precisávamos desse momento para chacoalhar nossa cabeça e vermos que a vida é um sopro, um nada, frágil.

Virou clichê aquela frase “abraça agora, diga que ame agora, o depois será tarde” porque realmente a insegurança sanitária nos tirou de nossos lugares

de conforto e as notícias tristes avolumando, e pessoas da família ou conhecidas se foram. Ficou a lição: precisamos espalhar amor, viver o carinho, e deixar um legado de paz.

A pandemia me trouxe uma crise de ansiedade daquelas! Um medo de morrer e perder as pessoas que amo, um medo de não estar aqui no mundo com um propósito...

A pandemia também mostrou minhas maiores paixões em diferentes lugares, como a pessoa que eu pretendo construir minha família, a minha paixão pelo empreendedorismo, mais aproximação com minha família e trouxe gatilhos que jamais tinha dito antes.

Mas sempre sentia que estava precisando de mais alguma coisa, principalmente porque mesmo com tudo que eu tinha ainda estava me sentindo vazia, e descobrir depois de um tempo, depois de meus pais quase se separarem, depois de ter passado um susto e dias nos hospitais, descobrir que a vida com amor é que vale a pena.

Disso tudo, foi possível ver um lado bom: a chance de um recomeço, de avaliarmos nossas atitudes, valorizar as pessoas que amamos, ter um olhar mais cuidadoso para a vida. A realidade e o desafio de reinventar o trabalho e a rotina. A resiliência e a capacidade de adaptação.

Hoje, quase três anos depois do início da pandemia, eu paro e penso: “O mundo é tão corrido... tão louco! Vivi uma montanha-russa nessa pandemia!” Vivi coisas que se eu parar pra pensar, daria uma conversa de uma década!

Graças a Deus ninguém da minha família teve algum agravante na pandemia, mas com milhares de outras pessoas sei que não foi bem assim, e muitas não sobreviveram e outras não conseguiram se encontrar de verdade. É para estas últimas que escrevo. Acredito que esse breve depoimento fará diferença na vida de alguma pessoa que estiver lendo e que passou pelo que eu passei. Tudo passa, então priorize sua vida, seus valores e que cada momento seja precioso para cada um de vocês.

APRENDER COM OUTRAS EPISTEMOLOGIAS: UMA EXPERIÊNCIA NO TIROCÍNIO DOCENTE SOBRE O CUIDADO COM A SAÚDE E A ESPIRITUALIDADE

Bruna Farias de Santana¹

A construção deste texto ocorre a partir de uma experiência com o Tirocínio Docente durante meu Doutorado em Botânica na UEFS.

Escolhi fazer meu segundo estágio na disciplina BIO161 – Saúde e Espiritualidade, a qual, em seus diversificados temas, trata também das medicinas ancestrais. Neste processo, iniciei a pesquisa bibliográfica e fui percebendo a riqueza de saberes de povos ancestrais, especialmente em relação ao uso de espécies botânicas na cura de doenças e na promoção da saúde.

Ao longo das aulas e durante a pesquisa, compreendi que as alterações no estado de saúde estão ligadas a interações complexas entre fatores ambientais, genéticos e culturais (FERREIRA JÚNIOR *et al.*, 2018). E, para lidar com essas alterações, a partir de contextos socioculturais específicos, um amplo conjunto de diferentes conhecimentos e práticas foram desenvolvidos, tanto de forma empírica quanto intuitiva. Dessa forma, ao longo da história humana, houve um acúmulo de saberes que compõem o que chamamos de sistemas médicos, os quais contemplam uma diversidade de entendimentos e percepções sobre saúde e doença, a partir de diferentes referenciais e racionalidades (LUZ; BARROS, 2012; FERREIRA JÚNIOR *et al.*, 2018).

Uma estratégia muito presente no tratamento das doenças em diferentes sistemas médicos é o uso de espécies vegetais. Em uma revisão historiográfica da medicina popular brasileira, Camargo (2014) traça o uso histórico de diferentes espécies botânicas e seus sucedâneos, e as contribuições de origem europeia, africana e indígena sobre esse repertório etnomédico. Essas três matrizes, por meio de trocas materiais e simbólicas, influenciaram também na relação entre plantas medicinais e a religiosidade, dotando um caráter de sacralidade a essa medicina popular (CAMARGO, 2014). Apesar disso, as contribuições dos povos originários e afrodiáspóricos no sistema de saúde oficial ainda são pouco relevantes.

A colonialidade legou ao Brasil e a outros países do sul global um saber hegemônico sobre a produção do conhecimento, em uma tentativa de homogeneização epistemológica, qual seja, o pensamento ocidental. Essa tentativa

¹ Estudante de Doutorado em Botânica da UEFS.

de legitimar uma única forma de pensamento tem implicações em diversas dimensões da vida, especialmente na relação da espécie humana com os outros viventes, resultando em um pensamento hierárquico que se traduz na dominação e exploração dos humanos sobre os seres não humanos e do ambiente em geral. Além disso, traz a ideia de uma humanidade única que caminha para os mesmos objetivos, negando toda a pluralidade étnica da espécie humana e, portanto, diminuindo as possibilidades de existência dos que não se encaixam nessa categoria de humanidade (KRENAK, 2019).

Nesse cenário ocidentalizado, um exemplo emblemático é o caso da valorização da medicina ocidental em detrimento dos saberes e práticas etnomédicos tradicionais e locais – embora muitas das pesquisas biomédicas tenham emergido a partir de diferentes conhecimentos tradicionais. O mundo vegetal, por exemplo, que integra uma parte significativa nas estratégias de cura de diferentes sistemas médicos, passa a ter, para o pensamento ocidental, uma perspectiva unicamente utilitária. A consequência disso é o epistemicídio de uma pluralidade de concepções de mundo e estratégias de cura e prevenção de doenças construídos em diferentes tempos e espaços pelas humanidades em interação com os outros viventes (SILVA, 2021).

Nesse sentido, a descolonização da produção do conhecimento dá luz a outras epistemologias invisibilizadas pelo pensamento ocidental. No Brasil, isso ocorre por meio da legitimidade dos saberes dos povos originários e afrodiaspóricos. Um exemplo a ser citado diz respeito à perspectiva indígena de não distinção entre natureza e cultura, incluindo os seres humanos e os não humanos como parte de uma grande rede de interações socioecológicas (CLEMENT *et al.*, 2018). Essa perspectiva reconhece que tudo que existe é produto das interações entre diferentes espécies, e que os seres humanos são apenas parte dessas relações.

Na visão ontológica dos povos originários, as florestas não existem por elas mesmas, mas sim como produto de diferentes seres, materiais ou espirituais, em uma relação de proximidade ou parentesco (CLEMENT *et al.*, 2018). Essa relação de horizontalidade interespecífica reconhece a agência de cada vivente nessas relações, em que todos os seres são sujeitos e não meros objetos a serem dominados e explorados como recursos.

O escritor, crítico, ensaísta e professor Evando Nascimento denomina esse reconhecimento da espécie humana sobre a agência, sensibilidade e modos de pensar das plantas como o “pensamento vegetal”, o qual só é possível a partir de um entrelaçamento entre diferentes campos epistemológicos (MAIA, 2022).

Para o autor, pensar é a capacidade de se relacionar com as alteridades, humanas ou não humanas (NASCIMENTO, 2021). Nessa perspectiva multiespecífica, o bem-estar ou a saúde (física, mental e espiritual) da espécie humana perpassa não apenas por aspectos simbólicos, sociais, políticos e econômicos, como também pelo entendimento das humanidades inseridas em uma complexa rede de interações socioecológicas.

A partir dessas relações, a saúde pode ser compreendida pela perspectiva do cuidado. Cuidar exige responsabilidade. Para alguns saberes, como citado acima, pode-se complementar com a responsabilidade espiritual, não necessariamente religiosa. Na filosofia de povos africanos, por exemplo, a espiritualidade envolve a ancestralidade e o pertencimento. Manter a saúde, nesse sentido, é cultivar o pertencimento, o qual só é possível por meio do coletivo, da relação com o outro. Conhecer a si, cuidar de si e do outro é uma forma de estar em equilíbrio com a espiritualidade, a qual não se separa do mundo material (MACHADO, 2019).

No Brasil, a visão de pertencimento e ancestralidade afrodiáspórica é muito presente nas religiões de matriz africana, que ocorrem por meio do culto às divindades, as quais podem ser de diferentes origens geográficas do continente africano. Nessas comunidades afro-religiosas brasileiras, os sistemas de cura contemplam uma visão integrativa de saúde, considerada em seus aspectos orgânicos, mágicos e espirituais. Esses aspectos seguem os princípios da visão cosmológica perpetuados pelos ancestrais africanos e reconstruídos pelos grupos migrantes e seus descendentes nas Américas.

De acordo essas cosmovisões, destacando-se aqui as influências da cultura Yorubá (*Yorùbá*), a condição humana é estabelecida pelas relações com o sobrenatural. O equilíbrio dinâmico entre os humanos (mundo material) e as divindades (mundo espiritual) é o que garante a manutenção da saúde, por cura ou prevenção, através do cultivo do Axé (*Asè*), energia ou força que nutre essa relação entre os mundos material (*Àiyé*) e o espiritual (*Òrun*) (VOEKS, 1997).

Para a tradição Yorubá, grupo étnico-linguístico da porção da África Ocidental, o mundo espiritual tem como base uma fusão entre divinização dos espíritos da natureza, cujos domínios abarcam diferentes aspectos do mundo natural (tempestades, trovões, raios, montanhas, cursos d'água, árvores e florestas), e o culto aos antepassados (PRANDI, 2005). Dessa relação entre os elementos da natureza e o princípio de ancestralidade origina-se a concepção divina dos ancestrais que em vida conseguiram o controle de alguns elementos da natureza, a exemplo do fogo, vento e água, ou que exerceram atividades de forma exemplar, como a caça, trabalho com metais e conhecimentos sobre plantas

medicinais, implicando uma gênese sagrada dos seres viventes (PRANDI, 2005; VOEKS, 1997).

Nesse sentido, cada ser é uma manifestação divina, não separado de sua ancestralidade, apesar de muitos estarem afastados de suas origens. A iniciação religiosa torna-se, assim, a restauração com o divino anteriormente negado (SOUZA JUNIOR, 2011).

De acordo com Souza Junior (2011), a integração entre os mundos material e espiritual compõe o que chamamos de “teia da vida”, uma concepção sistêmica da natureza na qual tudo se interliga a partir de um princípio vital que se manifesta em todas as formas de existência, mantendo a continuidade do mundo. Esse princípio, citado anteriormente, é o Axé (*Asè*). O sentido de continuidade do mundo ocorre pelo sentimento de pertença a uma origem comum, ou seja, pelo princípio da ancestralidade.

As características de cada divindade têm sentido a partir dos mitos (*Odi*) que lhe deram origem, sendo caracterizados por preferências e proibições. Cada adepto está ligado pelo menos a duas delas, cujos temperamentos opostos frequentemente entram em conflito. Os esforços dos adeptos em cultivar o equilíbrio com o mundo espiritual estão justamente nas obrigações que devem cumprir com as divindades, que envolvem oferendas votivas, banhos de purificação, jejum, observação de tabus, transe e prescrição de plantas medicinais (VOEKS, 1997).

A relação planta-divindade, de origem mitológica, é estabelecida com cada divindade, que possui seu próprio repertório de plantas, evidenciando, através do aspecto simbólico de sacralidade, relações éticas no manejo da flora local (LÉO NETO; ALVES, 2010). Esforços coletivos na construção do sagrado estão relacionados a uma “memória idílica da África” (BRAGA, 1998), que foi recriada nas Américas em um contexto religioso muito diferente do que existia no continente africano, como a mescla de divindades em um único panteão e a assimilação das culturas indígenas no conhecimento de plantas e seus poderes mágicos associados.

O sistema de classificação botânico de tradição Yorubá baseia-se em características táteis, olfativas, visuais, geográficas ou médicas, sugerindo associação com arquétipos de uma ou outra divindade. Essa relação planta-divindade também ocorre por meio da doutrina das assinaturas, que atua como um artefato mnemônico para associar as características das plantas a funções mágicas ou terapêuticas. Nesse contexto, as aquisições de novas espécies e as substituições de espécies africanas por espécies do Novo Mundo (em muitos

casos, congêneres), ocorridas a partir de associações sensoriais e morfológicas com propriedades mágicas e medicinais, foram fundamentais para garantir a continuidade das recriações do sagrado (VOEKS, 1997). A evidência das plantas como instrumento material fundamental para a manutenção dessas práticas religiosas está explícita na conhecida frase: “*Kosi ewe, kosi, Orisà*” (sem folha não há orixá).

A partir desses curtos exemplos de compreensão de concepções de mundo, saúde e ancestralidade dos povos originários e afrodiaspóricos, é possível perceber a visão holística da vida que emerge desses saberes. Para essa compreensão tão ampla da vida, é preciso saber agir no mundo com responsabilidade, o que envolve saber fazer escolhas e entender as consequências dessas escolhas – uma compreensão muito importante no contexto de destruição do mundo do século XXI. A construção do ser humano é constante, e tem relação com o passado, o presente, o futuro e com as múltiplas formas de interação com mundo. É possível aprender com erros e com acertos, com as vivências, com as leituras, com a escuta, com observação dos viventes, humanos ou não, em suas múltiplas formas de estar no mundo. Isso porque há um processo dinâmico nessa experiência de constantemente construir a si mesmo, sem nunca se apartar do que está ao redor e de quem veio antes.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, J. **Fuxico de Candomblé**: Estudos Afro-brasileiros. 1 ed. Feira de Santana: UEFS, 1998. 113p.
- CAMARGO, M. T. L. de A. **As plantas medicinais e o sagrado**: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. 1 ed. São Paulo: Ícone, 2014. 280p.
- CLEMENT, C. R.; LEVIS, C.; OLIVEIRA, J. C. de; FAUSTO, C.; SANTOS, G. M. dos; BANIWA, F. F.; MEHINAKU, M.; WAJÁPI, A.; WAJÁPI, R.; MAIA, G. S. Naturalness Is in the Eye of the Beholder. **Frontiers in Forests and Global Change**, v.4, p. 1-6, 2018.
- FERREIRA JÚNIOR, W. S.; SANTORO, F. R.; ALBUQUERQUE, U. P. **Nossa história evolutiva**: plantas medicinais e a origem e evolução da medicina. 1 ed. Recife: NUPEEA, 2018. 95p.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 104p.

Aprender com outras epistemologias: uma experiência no Tirocínio Docente sobre o cuidado com a saúde e a espiritualidade
Bruna Farias de Santana

LÉO NETO, N.; ALVES, R. R. da N. *Natureza Sagrada do Candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de Candomblé no Nordeste do Brasil. Interciência*, 35(8): 568-574, 2010.

LUZ, M. T.; BARROS, N. F. de. (Org.) **Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas em Saúde**. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS, 2012. 452 p.

MAIA, A. Book Reviews – NASCIMENTO, E. *O Pensamento Vegetal: a Literatura e as Plantas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2021. **Journal of Lusophone Studies**, 2022.

MACHADO, A. F. **Filosofia africana: ética do cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento**. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v.10, n.2, p.56-75, 2019.

NASCIMENTO, E. **O pensamento vegetal: A literatura e as plantas**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2021. 350p.

PRANDI, R. **Segredos guardados: Orixás na alma brasileira**. 1 ed. São Paulo: Companhia de letras, 2005. 328p.

SILVA, T. N. **Aprender com a cabeça na terra: repensando o ensino de botânica inspirada nas palavras de Ailton Krenak**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

SOUSA JUNIOR, V. C. de. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2011. 166 p.

VOEKS, R. A. **Sacred Leaves of Candomblé: African Magic, Medicine, and Religion in Brazil**. 1 ed. Austin: University of Texas Press, 1997. 236p.

HONRANDO, SAUDANDO E PEDINDO LICENÇA AOS NOSSOS ANCESTRAIS

Daniele Bastos Pires¹

Binha é uma jovem muito guerreira, trabalhadora e dedicada em tudo que faz. Natural de uma pequena cidade da Chapada Diamantina, em 2016 veio para Feira de Santana para estudar na UEFS. Hoje ela é professora de musicalização infantil e ama o que faz. Apesar de gostar muito de sua profissão, Binha desejava ter mais tempo para se cuidar e fazer o que almejava – escrever um livrinho infantil sobre sua ancestralidade – mas que não fazia devido a sobrecarga e falta de recursos financeiros.

Com a chegada da pandemia em outubro de 2019 e com orientação de ficar em casa, sua correia frenética deu uma trégua, e foi nesse momento que ela se viu tendo o tempo que tanto desejava ter, embora a pandemia tenha sido um momento de muita tenção e preocupação para todos, esse foi para Binha um tempo que possibilitou um pouco de descanso, permitindo-lhe a oportunidade de fazer coisas que ela sempre gostaria de fazer, como, por exemplo, cuidar da aparência, da casa, das plantas, ou seja, ter tempo para si mesma. Mas esse período durou pouco, seu pai sofreu um acidente doméstico, deixando-o internado em estado grave. Sendo assim, Binha precisou viajar até São Paulo, onde estava internado para cuidar dele.

Ela não via o pai – um descendente de italianos, alto, forte, branco – há mais de dez anos. Ele veio para a Bahia como engenheiro de uma companhia de estradas, e perto do acampamento dos operários, a vila onde morava sua família materna. Numa noite de São João ele foi tomado de paixão por aquela moça linda, de olhos vivos e alegre. E deste caso nasceu Binha.

Ele tomou aquela moça como esposa, alugou uma casa, acompanhou a gestação e viu sua filha nascer pelas mãos da vovó parteira.

Mas a construção das estradas finalizaram e meses depois, meio irritado e contrariado, ele avisou que ia embora, que era casado em São Paulo, tinha mulher e três filhos e tudo aquilo tinha que acabar ali. Jogou um bolo de dinheiro amarrado em elástico em cima da velha mesa, dizendo que era para “ajudar” a criança por uns tempos. E foi embora.

Anos depois, Binha já mocinha ele voltou sozinho para ver a menina. Conversou um Binha por alguns minutos e estirou a mão para Dolores, mãe de

¹ Estudante de Música da UEFS.

Binha, com um envelope com dinheiro e grampeado um cartão dele com número de celular “para qualquer coisa que elas precisassem”.

Dolores não recebeu e deixou o envelope cair no chão.

Os anos passam, vem a pandemia. Um dia, ainda internado, ele sofreu uma parada cardiorrespiratória, os médicos conseguiram reanimá-lo, mas ele precisou ser entubado. Foram 45 dias de internação e os médicos não davam esperança em sua recuperação. Foi processo lento e doloroso para Binha e todo os seus familiares que se esforçaram ao máximo nessa causa.

Depois de muitas coisas vividas dentro do hospital, Binha precisava continuar sendo forte pois ainda existia um longo processo de recuperação pela frente. Binha teve que guardar sua dor, seu medo e seu cansaço para continuar cuidando de seu pai.

A memória de Binha era muito apagada sobre seus parentes de São Paulo. Aliás, seriam mesmo, parentes? Eles nunca se aproximaram dela e sua mãe, pouco se falaram durante sua infância isolada deles na Bahia. Dolores dizia para ela que tudo era porque elas eram quilombola, pretas, e em seu imaginário infantil, Binha não entendia o que a mãe falava.

Com o tempo, ela evidenciou os diversos tipos de racismos sofridos por ela e sua mãe.

O sentido da etnicidade marcou sua juventude, como também o desenvolvimento emocional de amar sua terra, de ensinar as crianças da roça e de aprender com as vovós e vovôs da região.

Sua construção de uma identidade quilombola estava muito ligada a musicalidade, as estórias do povo, as festas de santos. Sua cultura era oral e do corpo, praticamente não tinha contato com livros.

Binha adorava as festas de São João e de rezeiro que eram feitas todos os anos na pequena comunidade quilombola onde sua avó materna vivia, e todos anos ela participava sempre com muita empolgação.

TRANSCRIÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Michele de Oliveira Santos¹

Essa história é vivida por Helena uma menina, mulher, estudante, trabalhadora, esposa, mãe. No ano de 2020 tudo mudou na vida de Helena. Em janeiro foi seu aniversário, ela completou os tão sonhados 25 anos na praia, foi um dia muito alegre entre amigos. Depois de um tempo acabou as férias e as aulas iniciaram. Em fevereiro Helena e seu marido resolveram dar entrada nos papéis para o casamento, que seria em março. Mas as coisas não saíram como planejado, pois um novo vírus se expandiu pelo mundo de forma aligeirada, deixando toda população em alerta.

O SARS-CoV-2 surgiu na China no ano de 2019, e se alastrou muito rápido pelo mundo causando várias mortes. O primeiro caso no Brasil foi em São Paulo, um homem de 61 anos deu entrada no hospital no mês de fevereiro. O ministro da saúde que informou o primeiro caso no Brasil não imaginava a gravidade do que ele anunciava diante de câmeras de televisão. As recomendações dadas para a população foi manter a higiene como, lavar as mãos, utilizar lenços descartáveis para limpar o nariz, evitar passar as mãos nos olhos, boca e nariz se as mãos estiverem sujas. Úteis mas insuficientes. Não demorou muito tempo para o vírus se alastrar por todo o país causando milhares de mortes em tão pouco tempo.

Os sintomas mais frequentes da Covid-19 e muitas vezes facilmente confundíveis com outras doenças como rinite e resfriado, são: febre, tosse seca e cansaço. Podem ocorrer ainda perda de olfato e paladar, dor de cabeça, garganta inflamada, olhos vermelhos ou irritados, diarreia, o mesmo atinge principalmente, e mais gravemente, o pulmão e as vias aéreas.

Neste panorama complexo e cheio de dores e luto, o casamento que estava marcado para março foi cancelado. Impossível em meio a uma pandemia, e o isolamento social, algum evento com muitas pessoas. Remarcado então para 20 de maio do mesmo ano, e em meio a um aumento da mortalidade, só puderam comparecer os noivos e as duas testemunhas. Aos pais idosos foi recomendado ficarem em casa, isolados.

Em junho do mesmo ano, Helena teve um dos sintomas da covid-19 que foi a falta de ar! Ela foi para o hospital, e no atendimento explicou que no dia anterior estava mexendo com argamassa, fazendo uns vasos artesanais, e talvez

¹ Estudante de Educação Física da UEFS.

fosse isso. A médica avaliou e não identificou nenhum sinal de intoxicação ou alergia, e prescreveu “remédios fortes” para combater o sintoma que ela estava sentido.

Pelo “coquetel” era provavelmente infecção pelo coronavírus. Medicamento antes, diagnóstico depois: Helena só poderia fazer o teste depois de 10 dias a partir do primeiro sintoma, sendo assim, sem opção ela ingeriu toda medicação resignada. Precisava estar bem, precisava trabalhar, pagar contas.

Durante todo o tempo de uso de medicamentos, ela ficou em casa em isolamento no seu quarto, tendo crises de falta de ar. Os dias pareciam que não passavam para ela. Com todo medo e dor que passava, ainda teve que guardar segredo sobre o seu caso porque existia o preconceito e o medo das pessoas para com os infectados pelo vírus. A mídia bombardeava os telespectadores e radio-ouvintes a todo momento com informações sobre o coronavírus. Felizmente, depois de muita insistência conseguiu fazer o exame e o resultado do teste deu negativo.

Em julho Helena fez por conta própria um teste de gravidez no banheiro do seu trabalho, e o resultado positivo desencadeou uma reação estranha de dar risadas e ao mesmo tempo, a sensação de estar aérea. Totalmente confusa, ela saiu mais cedo do trabalho, e foi no centro da cidade e comprou um bico, uma roupinha de bebê e uma caixa de mdf. Em casa, organizou tudo dentro da caixa inclusive o teste de gravidez, e entregou ao marido. Enternecido, ele abraçou a esposa e sussurrou: “Vai ficar tudo bem!” “Eu estou muito feliz”.

Um grande dilema a aguardava. Como conciliar a gestação de forma segura com a exposição ao vírus saindo de casa para trabalhar? Em seu trabalho, ela tinha muito contato com pessoas assim como no transporte público.

Helena ficou grávida, estava desempregada, e sua vida virou de cabeça para baixo. Não foi fácil, mas ela conseguiu enfrentar essa situação, através da força do amor! O amor que estava sendo gerado em seu ventre, crescendo cada dia mais.

Meses mais tarde, ela soube que estava grávida de uma menina, através do chá revelação que as irmãs e primas prepararam para ela! Esse foi um dos dias mais felizes de sua vida. Sua prima Marta, que também é sua amiga desde a infância, esteve à frente da organização.

Marta é conhecida por ter um temperamento muito forte, mas sempre se deu bem com Helena. E... Coisa do destino: Marta também estava grávida só que de gêmeos, um menino e uma menina de desenvolvimento lento, sem

conseguir ganhar peso. Marta preocupada sempre desabafava e dividia experiências com Helena.

Aos sete meses de gravidez Marta se assustou com um acidental escapamento de gás em sua casa. No dia seguinte a mesma entrou em trabalho de parto prematuro. Ela ainda não tinha feito enxoval, e estava totalmente despreparada para aquele momento! Foi para o hospital e deu entrada sozinha, uma vez que naquele período não era permitida a entrada de acompanhante!

A menina nasceu primeiro, mas já estava morta... um tempo de luto vindo de seu ventre. O pai da menina foi avisado e em choro e desespero saiu para providenciar o caixãozinho.

O menino nasceu com vida, mas ficou internado na UTI pois era prematuro. Só depois de três meses e alguns dias o bebê teve alta, e todo esse tempo Marta ficou com bebê no hospital. Dia após dia, Marta teve que se mostrar como mulher forte, guerreira, permanecer firme de pé, tornando-se um grande exemplo para Helena e sua família.

Passaram-se alguns meses e Helena chegou à reta final de sua gravidez. Sentimentos e sensações de felicidade, amor, medo, dores, curiosidades, fé tomavam conta a todo momento. Em abril de 2021 Isabela chegou ao mundo através de uma cesariana. Nesse período já era permitido ter acompanhante nas enfermarias da maternidade, mas visitantes não. Helena entre dores e inseguranças do pós-parto lembrava da prima e sentia consolo e forças.

Com o nascimento de Isabela, Helena e seu marido descobriram um novo mundo. Um amor que eles nem imaginariam que poderiam sentir por alguém. Mas tiveram que saber lidar com um bebê que dependia inteiramente deles, vivendo todos os processos de adaptação de uma nova vida, porque a partir do momento do nascimento de Isabela eles já não eram mais as mesmas pessoas.

Nos primeiros meses de vida Isabela sentia muita cólica, principalmente à noite, e apesar de dormir muito, não tinha um sono regular. Helena se viu em um processo de abdicação a todo o momento. As mamadas no início eram a cada três horas, mas depois Helena resolveu fazer em livre demanda, que é quando as mamadas são de acordo a necessidade do neném, respeitando claro, o espaço de tempo de três horas. Helena teve que aprender a dar banho em Isabela, cuidar do umbigo da mesma que caiu com onze dias de vida. Para Helena a maternidade era amor, entrega, intensidade, proteção, felicidade e responsabilidade.

Helena passou pelo puerpério que já é uma coisa louca de se administrar e só fez piorar suas preocupações com a pandemia. As visitas tiveram que ser reduzidas por um bom tempo, e só para os íntimos.

Certo dia, chegou uma visita sem avisar. Além disso estava sem máscara, tendo ciência que Helena só aceitava visitas com máscara. Quando a visita foi embora, Helena entrou em desespero começou a chorar e a higienizar os locais onde a pessoa ficou. Ela sentia muito medo de sua família se contaminar com o coronavírus, principalmente a pequena Isabela.

As primeiras vacinas chegaram ao Brasil em março de 2021. Fortes embates envolveram a vacinação no país: motivos de decisões políticas, disputas, falta de bom senso. Com a politização, a população acabou ficando de certa forma dividida com relação a vacina, pois existiam muitas dúvidas, se ela era eficaz, se valeria a pena se vacinar e sentir os sintomas que elas causaria. A mídia se incumbiu de ir tirando essas dúvidas, para que as pessoas se conscientizassem e tomassem a vacina. Esse cenário confuso, a falta de esclarecimentos, o atraso na compra de vacinas, associados a outros fatores, causaram milhares de mortes no Brasil.

Helena e seu marido aguardaram o momento deles tomarem a vacina, pois existia uma ordem de prioridades de pessoas para se vacinar. Com a chegada da vacina e as pessoas se vacinando foi notório nas estatísticas a queda de infectados e mortos pela covid-19. A vacinação prosseguiu, as pesquisas avançaram, alguns cuidados sanitários e distanciamento foram relaxados, e o ano de 2022 chegou trazendo novas esperanças.

Helena voltou a ter aulas presenciais na UEFS, mas com quantidade reduzida de disciplinas. Uma dessas é a de Terapias Corporais. O foco dessa disciplina é o autoconhecimento através de movimentos corporais sistêmicos.

Os professores dividem as aulas em dois momentos: o teórico e prático. São trabalhados conteúdos como o corpo físico, corpos energéticos-espiritual, e a partir destes conteúdos apresentam também métodos para o autoconhecimento, autopercepção, autopasse, chakras, autoidentificação de caráter, liberação de coraças com movimento de expressão, constelação familiar entre outros.

Helena identificou-se com a disciplina, participa das aulas, e pensa que esta deveria ser obrigatória e não optativa, pela sua relevância para a saúde do ser humano. Hoje ela entende que se autoconhecer é libertador, empodera e é saudável.

Agora, próximo do final do ano de 2022, o uso de máscara volta a ser obrigatório em espaços fechados, em função de variantes agressivas do coronavírus. Cuidados de higiene pessoal passaram a ser recomendados com mais intensidade.

REVENDO A PANDEMIA

Valéria Barbosa da Silva¹

Era uma vez um conto sem fadas chamado “2020”. Foi um ano que começou normal, como todos os outros para nós brasileiros, e estávamos nos preparando para as famosas metas de cada ano, matrícula na escola, trabalho novo, trocar de carro, fazer uma faculdade, abrir um negócio, viajar para o exterior e etc... Conseguimos aproveitar até o carnaval daquele ano, ufa!

Mas ninguém sabia o que estava por vir: começaram a surgir os primeiros casos de uma doença provocada por um novo vírus desconhecido da Ciência, e popularmente ninguém sabia ao certo o que era, se era uma gripe, quais os sintomas e formas de transmissão. Tem cura? Mata? E a vacina? Até que a Organização Mundial da Saúde identificou o agente e sinalizou então que se tratava de uma pandemia.

Em meados de março de 2020 começaram as primeiras medidas drásticas de prevenção, afinal, não havia ainda vacinas ou formas eficazes de tratamento para a doença. O famoso “DISTANCIAMENTO SOCIAL” entrou como necessidade. Universidades fecharam, escolas fecharam, empresas, pararam; as festas, os bares e tudo que gerasse uma aglomeração também não poderiam acontecer. E todo mundo pensando que seria apenas uma gripe simples, que passaria muito rápido e que não impactaria tanto na vida de todo o planeta. Tivemos que nos acostumar a fazer nossas tarefas em *home office*, palavra essa, que nem era tão conhecida pelos brasileiros – e foi apenas uma dentre as diversas palavras que tivemos que inserir no nosso vocabulário. *Lock-down*, quarentena, isolamento, máscaras n95, intubação, entre outras.

Muitas pessoas continuaram trabalhando, utilizando transporte público lotado, passando por situações de exposição de sua saúde, silenciosas com medo de perder o emprego.

As pessoas que podiam e foram acionadas pelos seus empregos passaram a trabalhar em casa, no sentido do *home office*, e ficaram mais tempo em casa. Outras, em especial, crianças e adolescentes não podiam sair nem para ir à escola e muito menos para se divertir: não se podia aglomerar com os amigos e a família, e acabaram ficando sem uma válvula de escape. Presos no isolamento social, as consequências começam a surgir.

¹ Estudante de Enfermagem da UEFS.

E a doença não diminuiu, avançou muito e aí o caos começou... pessoas morrendo, falta de medicamentos, falta de leitos, falta de ar, falta de comida, falta de emprego, falta de SANIDADE MENTAL.

Algumas mulheres passaram a ter muitos gatilhos negativos, como conviver com o seu agressor diariamente sendo pai ou marido. Outras pessoas desenvolveram ansiedade por medo da doença e do futuro que era incerto, a facilidade de acesso e o acúmulo de informações na internet, rádio e jornais contribuiu para isso. Outras pessoas ficaram extremamente estressadas por não estarem presas à sua rotina, sem lazer e ter que ficar em casa o tempo todo.

Mas também houve aqueles que buscaram “algo mais”. Aqueles que passaram a se conhecer mais ainda no isolamento, passaram a meditar, fazer curso de inglês, praticar exercícios regularmente, mesmo dentro de casa. Aqueles que aproveitaram para ficar mais tempo com a família e também tiveram os que só passaram pela fase cheios de esperança, acreditando que um dia ia tudo melhorar, cumprindo as medidas de prevenção e esperando a vacina para colocar no braço!!!!

Passei também por esta pandemia com minhas lutas e esperanças: durante dois semestres sem aulas, tinham dias e dias. Houve dias que eu achei que tudo estava acabando, especialmente com as notícias que os casos voltavam a subir. Eu me desesperava, ficava preocupada. Houve dias que eu fiquei ansiosa com o meu futuro pelo fato de atrasar um semestre, ansiosa com a Covid-19, a saúde da minha família, e principalmente as minhas avós. Houve dias que eu fiquei triste pelas pessoas que se foram e dias que eu simplesmente passei apática, sem muitas emoções, assistindo filmes na Netflix. Senti muita falta da minha rotina na Universidade, das práticas. Engordei um pouco na pandemia por ficar em casa o dia todo comendo coisas nem sempre saudáveis e isso me frustrava às vezes.

Como toda história tem “mocinhos” e “vilões” essa não seria diferente. De um lado os profissionais da saúde, lutando contra a doença, e fazendo todo possível para salvar os pacientes; as instituições de caridade ajudando as pessoas que ficaram desempregadas com o fechamento de diversas empresas; cientistas espalhados por todo o mundo, inclusive no Brasil, estudando possíveis tratamentos, pesquisando vacinas e testando medicamentos. As universidades tiveram um papel importantíssimo nas pesquisas em torno da Covid-19.

E do outro lado os políticos e apoiadores negacionistas, que chamavam uma doença tão devastadora de “gripezinha”, eram contra o uso de máscara e as medidas de proteção, debocharam de pessoas mortas com frases como “não sou

coveiro” e chegaram até a imitar pessoas com a crise de falta de ar, dificultaram a compra de vacinas e instalam mais terror ainda o país.

Acho que a humanidade sensível que saiu disso tudo, é outra e passou a dar mais valor para coisas antes despercebidas. Olhar o sorriso das pessoas sem máscaras, um aperto de mão, beijos e abraços antes quase que proibidos, voltaram a ter sua devida importância. Estar com os amigos e a família reunidos agora é motivo de grande festa!

Lembro da frase de Victor Frankl: “Quando a situação for boa, desfrute-a. Quando a situação for ruim, transforme-a. Quando a situação não puder ser transformada, transforme-se”. Aprendemos à força a trazer o lado positivo para nos recuperarmos da adversidade, da tristeza trazida pela pandemia, com adaptação ao que era necessário e urgente, inovação e novos aprendizados.

Neste contexto final de ciclo pandêmico, a Copa do Mundo de Futebol de 2022 com várias nações podendo se reunir novamente, interagindo com outras culturas, comemorar gols pulando e se divertindo sem restrições, pode ser uma renovação das emoções. Como possível, a Copa devolveu aos brasileiros a união, alegria e a sensação de uma só nação depois de uma pandemia devastadora recheada com eleições tão polarizadas e cheia de extremismos.

UM RETRATO DE DENTRO PARA FORA: RELATOS DE QUEM VIVEU A PANDEMIA

Jamile de Oliveira Sousa¹

Manhã de terça-feira.

Melina acordou mais cedo para se organizar e ir ao trabalho. Trabalhava com meditação para crianças em uma escola pertinho de sua casa e naquele dia ela notou que havia algo diferente pois não ouviu as crianças gritando fazendo folia para ir a escola.

Chegando lá se depara com uma das suas colegas colando nos portões um aviso em letras gigantes e também um decreto municipal: as aulas das escolas serão suspensas a partir desta quarta-feira. E seguia: “A previsão inicial de retorno é para quinze dias, mas o prazo pode ser prorrogado, a depender da evolução da pandemia da Covid-19”.

Melina ainda pouco informada do que estava acontecendo chegou em casa e fez algumas pesquisas na internet para entender a situação, os riscos, onde surgiu os primeiros casos. Ainda sem muitas evidências ela leu que era um vírus de contágio muito rápido e o primeiro caso surgiu na China em novembro de 2019 e que havia chegado ao Brasil por volta do dia 25 de fevereiro de 2020.

Leu também que o Ministério da Saúde estava monitorando o homem infectado e observando como o vírus reagiria aqui no hemisfério sul. Desde o surgimento do primeiro caso foram orientados cuidados para evitar a proliferação, como: medidas básicas de higiene, lavar as mãos com água e sabão, utilizar lenço descartável para higiene nasal, cobrir o nariz e a boca com um lenço de papel quando espirrar e tossir e jogá-lo no lixo, evitar tocar olhos, nariz e boca sem que as mãos estejam limpas, uso de álcool gel nas mãos e limpeza de objetos.

Os dias se passaram os casos de Covid-19 foram aumentando, os decretos foram ficando mais restritivos suspendendo eventos, academias, lojas, chegando a ponto que somente farmácias, supermercados, postos de gasolina e outros serviços ditos essenciais funcionavam. A economia foi abalada. Empresas dispensavam funcionários, as que podiam dividiam as equipes ficando uma parte trabalhando no estabelecimento e a outra em *home office*.

Dona Selina vizinha da Melina dispensou a sua colaboradora pois tinha medo por ela própria e pela moça. Sem poder sair de casa por fazer parte do grupo de risco, quem lhe ajudava com as compras de mercado era o seu filho

¹ Estudante de Educação Física da UEFS.

Pedro que semanalmente pegava a nota fazia as compras, higienizava e entregava para a mãe.

Muitas famílias passaram a ficar todos em casa. Melina morava com seu namorado que era enfermeiro e estava na linha de frente dentro do hospital tentando salvar o máximo de pessoas que ali chegavam de todos os lugares. Sempre que podia de dentro do hospital Edgar ligava para Melina contando como estavam sendo os seus plantões. Ali, em meio ao tumulto, presenciava a todo momento a superlotação no hospital, pessoas lutando pela sua vida, seus próprios amigos de profissão sendo infectados, falta de testes, falta de respiradores, falta de equipamentos de proteção individual... Mesmo em meio a todo caos ele permanecia ali.

Meses se passaram e os casos não paravam de aumentar e o número de mortes era gritante. A esperança de uma vacina estava começando a surgir. A vacina Oxford que estava em fase de teste no Reino Unido, havia sido aprovada para uso emergencial no Brasil, e assim, os testes começaram a ser realizados em voluntários brasileiros.

Iniciado o inverno, tendo uma marca diária em torno de 1.500 mortes, o Brasil entrou no pico da primeira onda de contaminação. Entre esses mortos do início do inverno estava a tia de Melina, D. Alice de 53 anos, dona de um supermercado, onde dali tirava o sustento da casa. Deu entrada no hospital com sintomas considerados leves muito similares aos sintomas de gripe, e em menos de dois dias, seu quadro já estava muito avançado ela não resistiu, faleceu sozinha, isolada numa ala do hospital pouco acolhedora onde se ouviam apenas o barulho repetitivo dos respiradores e equipamentos de sinais vitais. Sem velório, caixão fechado, o corpo de D. Alice foi enterrado quase à noite, contando apenas um pouco de familiares mais próximos, deixando a saudade nos corações. Que situação é essa, meu Deus? Perguntava Melina em seus pensamentos, misturados com medo, desânimo, tristeza e saudade.

Muitas pessoas foram enterradas desta forma rápida, solitária, sem as despedidas. Em alguns Estados o número de mortos já estava tão imenso que não havia mais lugares para enterrar tendo assim que colocar os caixões empilhados em uma mesma vala.

Na segunda onda de contaminação já havia “um dedo de esperança” pois o Brasil estava na terceira fase de teste do imunizante.

A TV estava ligada anunciando que em janeiro de 2021 começaria a vacinação e assim teríamos a certeza que seria um ano novo e novas esperanças. A felicidade de ouvir aquele noticiário estava na feição de Melina, pois ela tinha a

certeza que muitas pessoas estariam salvas e seu namorado voltaria para casa sem passar por aqueles plantões tão cansativos e arriscados.

Enfim o grande dia chegou! a primeira pessoa a ser imunizada foi uma mulher de 54 anos, pertencente ao grupo de risco e enfermeira. Além dela outras 111 pessoas foram imunizadas. Mesmo com os avanços da vacinação ainda haviam muitos casos, mas em uma menor escala e já podendo pensar em um retorno de atividades de forma totalmente presencial com uso de máscara, álcool em gel e cartão vacinal completo.

Em meio a tantas esperanças, Melina junto com outra amiga, Rosaly: criaram um grupo *online* de terapias corporais, acesso gratuito, onde elas abordavam algumas técnicas que equilibram a mente, o corpo e o espírito. Os encontros aconteciam de forma remota onde eram ensinadas formas de meditação, e outras técnicas conhecidas mas esquecidas, como escalda-pés e defumação. Algumas leves práticas sistêmicas, semelhantes à constelação familiar também eram realizadas.

Com a divulgação, o grupo chegou a 23 pessoas participantes. Com essas práticas, puderam ajudar diversas pessoas, como a Júlia de 26 anos casada com Marcelo de 32 anos, casados a apenas 2 anos e sem um convívio constante. Marcelo era um homem aparentemente tranquilo, cheio de princípios, com personalidade forte, até que ele se deparou com uma situação em que sua tranquilidade foi rompida. Ele estava desempregado devido ao fechamento da empresa em que trabalhava há dez anos. Isolados em casa, fontes escassas de renda, ele começou a discutir com Júlia chegando a agredi-la. Com vários hematomas no corpo Júlia teve um ato de bravura conseguindo fugir e ir até a Delegacia da Mulher prestar uma queixa. Marcelo tentou fugir com a chegada da polícia e foram estabelecidas medidas protetivas para Júlia.

As marcas de Júlia não eram somente físicas mas sobretudo, psicológicas por ter sofrido todo o processo da agressão, desilusão amorosa, e, mais ainda, por ter pedido apoio aos seus pais que negaram ajudá-la.

Júlia recebeu pelo WhatsApp o card do grupo de apoio de Melina e sem muito estímulo fez o contato. A receptividade das meninas foi fundamental para sua adesão porém ainda muito insegura e desconfiada.

O primeiro encontro, ela ficou todo tempo com a câmera fechada, não interagia mas ouvia as falas e tentava seguir como possível os movimentos respiratórios e corporais. Os quarenta e cinco minutos de encontro pareciam intermináveis...!

No segundo encontro Júlia se surpreendeu com a fala de uma senhora sobre suas mágoas familiares e ela chorou ao ouvir as orientações de Melina e Rosaly que não julgavam e sinalizavam o bem-estar e autoestima daquela senhora.

Outro encontro e Júlia sentindo-se mais restabelecida, abriu a câmera e conseguiu sorrir para uma saudação inicial aos membros do grupo. Melina e Rosaly perceberam serenamente que naquele coração havia uma mágoa interna, uma dor profunda, talvez dos pais que ela não conseguia se livrar. Com muita habilidade sem intromissão e muita delicadeza, através de movimentos sistêmicos com base em constelação familiar chegaram mais perto da dor de Melina que conseguiu meio chorosa se liberar um pouco da mágoa e conversar com o grupo.

Em meses o grupo que era *online* passou a ser presencial e com um local fixo na associação de moradores do bairro, Júlia se apresentou a Melina e a Rosaly. Estas com acolhimento conduziram Júlia para a roda formada no meio do salão simples, com várias pessoas do grupo que haviam chegado antes e se acomodavam entre esteiras e almofadas.

Júlia andou meio sem graça e cabisbaixa e procurou um cantinho mais recuado na roda e para disfarçar ficou mexendo na bolsa como se procurasse algo muito importante. Foi quando se aproximou dela um rapaz simpático e sorridente. “Júlia? Lembra de mim?” Ela olhou para ele e perguntou, Você não foi o motorista de aplicativo que estava comigo no dia que fui a delegacia? Fernando havia levado Júlia a delegacia, ele se compadeceu do estado físico dela e resolveu ficar com ela e levá-la para algum lugar seguro. Te procurei por toda parte, até que em fim te achei disse Fernando.

Júlia tímida e feliz por ter encontrado o rapaz, não contou duas vezes em agradecê-lo novamente. Ao terminar o apoio daquele dia eles foram tomar um café juntos, passaram horas conversando e trocaram números.

No dia seguinte Júlia foi novamente para o grupo de apoio e para a sua surpresa Fernando já estava lá, e quando iniciou as experiências, ele decidiu contar a sua história Me chamo Fernando tenho 30 anos, morava em São Paulo, fui casado por 6 anos com a Leide que faleceu no parto da nossa primeira filha que iria se chamar Cecília. O quarto estava pronto a minha vida estava organizada para recebê-la mas infelizmente não cheguei a conhecer a minha pequena Cecília. Perguntei a Deus por que tamanha injustiça, perder meus dois tesouros? Entrei em depressão vendi a casa com tudo dentro pois não tive coragem de tirar as coisas de Leide e de Cecília de dentro de casa.

Morando na Bahia estou tentando reescrever minha história, meu amigo Ricardo marido de Rosaly me convidou para vir.

Os dias e meses se passaram Júlia e Fernando estavam muito próximos, conversavam, almoçavam juntos, ele as vezes levava ela para casa, tinham uma amizade saudável.

Foi em um fim de tarde de domingo andando em um parque que Fernando soltou uma pergunta Quer namorar comigo? As bochechas de Júlia corram, a voz quase não sai mas um sim saiu meio gaguejado. E mais uma etapa da vida daqueles dois se iniciava.

O bem que fizemos no dia
anterior é o que nos traz
felicidade de manhã.



MÁRCIA LU TERAPIA HOLÍSTICA

REVISITANDO OS TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

Luane Neves Xavier¹

Março de 2020. Eu estava em minha última semana de prática da Universidade conversando com minha professora da época, lembro-me muito bem dela me dizer “Não se preocupem, gente! Isso de covid não fica assim grande, não. Estão apenas assustando a gente.” Uma semana depois estávamos sendo obrigados a cancelar as práticas e ficarmos “presos” dentro de casa. Sem rumo, achando que seriam apenas 15 dias. Logo naquele momento, que estava sendo um momento diferente pra mim, estava voltando para casa da minha mãe, com minha filha, com 2 anos!

Nossa, que período difícil! Passaram os 15 dias e a situação piorou, foram chegando mais casos e mais casos... Todo dia assistindo telejornal para saber das notícias – essas que eu não queria escutar – mas que necessitava ouvir. Chegou abril, nada de diferente do que estávamos acostumados a ouvir, mais casos, mais nervosismo, mais medo... Quanta angústia nesse coração!

Maiο chegou e junto a ele estava atrelado as incertezas, medo do futuro, sensação de vida parada mesmo o tempo andando. “Meu Deus, e o que eu fiz durante esse período? Como será o meu futuro? Quando eu vou voltar a Universidade?”

Junho chegou. Mês que tinha tudo pra ser lindo. Minha casa tinha acabado a reforma. Eu voltei a morar na minha casa dia 18 de junho de 2020. Eu não imaginaria que iria receber o maior susto da minha vida dois dias depois.

Meu pai...

Passou o dia inteiro se sentindo mal, muito molinho na cama. À noite, o chamei para jantar, ele me pediu ovo com arroz. Comeu duas colheradas e engasgou. Logo comigo, estudante de Enfermagem! Eu tinha que fazer alguma coisa, afinal, eu era estudante de Enfermagem!!!!

Tentei a manobra de engasgo e nada...! Liguei pra SAMU. Nenhuma ambulância disponível para chegar rápido em minha casa. Chequei pulso, fraco, mas ainda existia.

“Vamos levá-lo para o hospital!!”, decidi. Pegamos documento e fomos. Não pensei duas vezes. Mas não tinha mais jeito. Chegando lá meu pai não tinha mais vida. Liguei para meus irmãos para me prestarem auxílio. Meu irmão

¹ Estudante de Enfermagem da UEFS.

chegou e o médico me chamou em uma sala para conversar, fui com meu irmão. Eu não tinha mais chão. Ele me explicou que meu pai já chegou sem vida, que poderia ter sido uma parada cardíaca ou parada respiratória. Eu nunca vou saber, de verdade, o que foi. Por conta da Covid-19 não pôde fazer biópsia. São João não teve. Minha filha Maria não tocou fogos. Estava muito recente, eu não tinha forças.

Julho tinha um motivo especial para me trazer animação. Meu mês. Eu amo aniversários! Mas eu não queria comemorar, não podia sair de casa, não podia ver meus amigos, não podia ver minha família. Não existiam motivos para comemorar, só haviam perdas, tristeza e pensamento ruim. No dia do meu aniversário fazia um mês que meu pai tinha ido, um mês de um sofrimento terrível!... E o sofrimento foi ainda maior: estávamos no auge da pandemia de Covid-19, não pude receber um abraço nem um consolo de ninguém próximo. O sofrimento foi em dobro. Meus amigos se fizeram presentes de forma “*online*” no meu aniversário tentando me animar a cada minuto. Ganhei presentes. Meus amigos até bolo me mandaram. Eu sou muito grata pela sorte de tê-los.

Agosto tinha um propósito maior, comecei a pesquisa sobre Covid-19 e precisava realizar o teste em pessoas sintomáticas. Pesquisa essa que gerou meu trabalho de conclusão do curso. Quanto orgulho!

“Mas, que medo! Minha mãe é idosa, hipertensa, tenho uma filha em casa. E se eu levar covid pra casa?” Passava álcool em gel e lavava a mão por segundo. Máscara NK95 que minha Universidade disponibilizava. Machucava meu rosto de uma forma absurda! quanto sofrimento!

Mas eu tinha um propósito maior: eu queria participar da mudança daquele cenário. Eu sou uma enfermeira (ou quase, rs). Eu precisava sair de casa, ter alguma atividade. Estava perto de desistir de tudo. Não aguentava mais ficar em casa sem fazer nada. Na minha rotina normal, eu era a pessoa que não parava em casa e fui obrigada a não fazer nada. Foi um grande martírio!

Setembro continuava com o número alto de casos; ainda fazia minhas pesquisas, mas sempre muito assustada com tudo que estava acontecendo. O medo era algo muito presente na minha vida. Ainda não tinha coragem de visitar pessoas importantes para mim, além das pessoas que eu morava, afinal eu era a única pessoa que estava tendo contato direto, e caso acontecesse alguma coisa eu iria me culpar demais. Não estava preparada para acontecer o pior. Para evitar, me afastei de tudo e todos.

Outubro foi dessa mesma forma, mas ainda mais agravante quando eu comecei a não ver as pessoas, me cobrar por algo que não estava ao meu alcance e

ficar mal por não poder fazer nada. Eu já estava cansada daquela sensação, não aguentava mais “nadar, nadar e morrer na praia”. Eu me sentia inútil, e não aguentava mais ficar sem ter o que fazer.

Novembro já foi acalmando mais as coisas com a ideia da chegada da vacina a qual chegava com a ideia de que traria a “vida normal” novamente. E, eu queria participar da vacinação. Eu queria ver todo mundo meu vacinado. Minha vida se resumia a falar da vacina, a ler sobre as vacinas. Tanto que todos que tinham dúvidas sobre as vacinas conversavam comigo sobre.

Em dezembro já se tinha notícias que essas vacinas chegariam aqui no Brasil, e a ansiedade tomou conta de mim. As coisas já tentavam se normalizar nesse período. Minha família ainda não quis se juntar no final do ano, mas algumas pessoas tiveram essa oportunidade. O Natal e Réveillon foram somente com minha mãe e minha filha – primeiro ano de festa sem meu pai. Existia um vazio que não conseguíamos explicar, mas tentávamos fingir que estava tudo bem.

Utilizamos diversas maneiras e formas de fazer com o que não sentisse tanto a perda, nem que ficássemos tristes em um período que não “pode” socialmente ficar triste. Mas eu não conseguia, chorava por não estar com a família completa, chorava por não ter meu pai mais presente, chorava por minha irmã não estar junto a nós em comemoração.

2021 ainda foi um ano que nos trazia o normal, mas não tinha nada normal, o ano se passou com o sentimento de estar voltando, porém, “vamos com calma!”, e esse “vá com calma” não nos deixava nada calmos. Era um tal de “tira casaco, bota casaco” assim como no filme “Karatê Kid”, na língua de 2021 pode ser traduzido como “Testagem Covid/Vacinação”.

Pessoas viviam paranoicas, outras pareciam que a Covid-19 nunca tinha existido. E assim passou o ano inteiro. No fim, as pessoas já tinham esquecido a Covid-19: bares já andavam cheios, nos restaurantes já existiam famílias reunidas, já se faziam eventos.

2022 chega com um gostinho diferente, delicioso. Chegou de uma forma amorosa, sentimento de tudo “estar normal” novamente, que sensação maravilhosa! Minha filha Maria começou o ano na sua escola, eu voltei presencialmente a Universidade, como eu sonhei lá em 2020. Sonhei exatamente com isso e sabia que ia ser difícil, mas não imaginava que seria tanto! Correria é grande, todo dia na minha rotina é levar Maria para escola, ir para UEFS, sair mais cedo das aulas pra buscá-la na escola, almoçar e voltar para aula.

Essa rotina era muito cansativa, mas não era impossível. Eu via a chance de realizar o meu sonho e eu tinha a oportunidade: era somente agarrar. E

foi o que eu fiz, hoje posso dizer que sou uma enfermeiranda, (quase formada) mas não foi fácil. Foi aprendendo com os erros, descobrindo o que me acalmava e diante de uma disciplina descobri práticas que me levaram ao céu sem saber.

Uma disciplina da Universidade que fala não só conteúdos científicos, mas sobre ser humano, sobre se conhecer e ser você, sobre a visão sistêmica. Aprendi nela sobre conhecer meus limites, conversar com meu próprio corpo e entender o que estava se passando aqui dentro de mim. Me fascinei pela meditação, óleos essenciais e por toda a calma e paz que cada um transmite. Senti uma vontade enorme de conhecer mais para saber mais detalhes. Já ouviram falar da Aromaterapia? Descobri por conta da disciplina e me encantei! não durmo mais um dia sem Lavanda – que se tornou o meu cheiro favorito.

Por conta disso, agradeço aos envolvidos por me fazerem manter a calma, olhar pra dentro de mim, me conhecer, e depois conhecer o mundo como o meu pai me mostrou.

Meu pai que me deu vida e forças para andar com minhas pernas e ir para o mundo Hoje sei que este movimento de me formar em Enfermagem, esta conquista veio de minha mãe passa para meu pai e através dele, recebi a energia para alcançar o mundo e estar completa.

Mesmo na pandemia, olho tudo que passei e sei que a força e coragem que tive vieram deste alinhamento das imagens internalizadas de minha mãe e meu pai em mim. Consegui andar com a força da vida, coração e honrá-los!

Tenho paz e estou inteira em mim mesma.

TEMPOS DE MUDANÇAS E AS ORDENS DO AMOR

Tainah Ferreira da Silva¹

Sempre tive um desejo enorme de sair da casa dos meus pais e morar sozinha, mas foi em meio a uma pandemia que esse sonho virou realidade... de uma forma que eu não podia sequer imaginar.

Queria de qualquer forma morar sozinha e mesmo não tendo nada, tomei a decisão e com a ajuda da minha família consegui. Tive ajuda de tios e dos meus avós, com doações de móveis e então pude ir em busca de um cantinho para alugar. Se você tem um sonho, vai e corre atrás, porque o mundo está aí para ser ganho.

Saúde mental virou um desafio na pandemia. A recomendação foi: “Se isole das pessoas e fique em casa!” e eu, em plena pandemia buscando realizar meu sonho de ter a minha casinha, tempo pra mim e uma forma de resolver meus conflitos pessoais. Foi uma forma de ganhar coragem e fazer algo que eu queria há muito tempo. De certa forma, o medo de uma doença desconhecida e muito contagiosa, o risco à vida e outras coisas me fizeram lembrar que eu estava VIVA. Então, aproveitei o isolamento e encarei como forma de autoconhecimento e o primeiro passo seria minha casinha. Na vida, as vezes a gente tem que dar um salto maior para sair da zona de conforto, indo atrás dos nossos ideais.

Não que eu não tivesse medo, mas fui com medo mesmo... me apeguei ao meu sonho. A quarentena é difícil pra todo mundo, e pra quem fica em casa sozinho, a solidão pode ser que bata na porta... Quando não se tem ninguém pra conversar em casa, como fazer?! Nas notícias vemos muito sobre pessoas que relatam depressão, ansiedade, crises de pânico e etc. Tudo vai depender da realidade da pessoa, tanto da emocional quanto da rotina que ela tem.

O que seria de fato uma vida saudável na pandemia? Até onde deveríamos agir com normalidade ou até onde deveríamos levar tudo ao pé da letra?! Não se tinha receita, como de um bolo; não se tinha receita de sobrevivência e a cada dia a incerteza era maior.

Eu tive períodos de muito medo, mas aos poucos fui ressignificando e superando isso. Se eu pensar que ao morar sozinha, o contato com o vírus depende 100% de mim, me dando uma sensação de um pouco mais de controle e conforto, já que eu tomo todos os cuidados possíveis. Já quando diz respeito à minha família, que estavam distantes, o medo era muito maior e à exposição das pessoas que eu amo me fez ficar bem preocupada.

¹ Estudante de Farmácia da UEFS.

Algumas amigas tentaram se aproximar e quebrar o isolamento social, mas mesmo com a necessidade humana de um contato físico e a falta que interagir com outra pessoa faz, opto sempre pela minha saúde e entendo que esse não é o momento.

Falar sempre foi uma coisa que eu amo, mas que na pandemia eu senti muita falta e de vez em quando, ao passear com minha cachorrinha, aproveitava pra colocar o papo em dia com o porteiro ou então, uso as redes sociais.

Coisas simples como cozinhar no dia a dia, pra uma pessoa só e sem poder receber ninguém, é um “saco”. Porém tudo que está “do lado de fora” da porta é tão assustador que o jeito é ir acostumando. Mas será que a gente se acostuma um dia?! Tem dias melhores, dias piores. As vezes bate o desânimo, as vezes a ansiedade não quer sair de perto da gente, as vezes eu pensava que se pegasse o vírus, não teria ninguém pra cuidar de mim e esse é um lado muito ruim de se ver sozinha, em casa, num isolamento social durante uma pandemia.

Comecei desenvolver alguns hábitos como falar sozinha em voz alta e aos poucos fui procurando formas de não me sentir sozinha, mesmo estando. Aprender lidar com a solidão e arrumar ferramentas pra encarar isso é uma das coisas que eu mais aprendi a fazer. O contato corporal, o abraço, o estar perto, são coisas que fazem falta e nos tempos atuais quase não temos mais. Mas como dizem, a única companhia que teremos garantida por toda a vida é a nossa.

A incerteza era algo muito grande e eu comecei a procurar formas de lidar com ela, já que eu passaria muito tempo comigo mesmo, contando que até o meu trabalho passou a ser *home office*. Se por um lado a gente fica em casa preservando nossa saúde e o bem-estar coletivo, por outro, a saúde mental parece desmoronar entre as paredes de uma casa vazia. É contraditório. Ter alguém para compartilhar os momentos e expor meus sentimentos as vezes ajuda, mas eu não tinha. Algumas questões internas foram aparecendo com mais força nesse cenário, muitos medos e anseios que eram inconscientes e vieram à tona.

A pandemia foi sendo controlada aos poucos à medida que o tempo avançava, com a evolução das vacinas e tudo mais. Sair de casa foi se tornando algo mais comum e reunir pessoas não era mais algo “impossível”. Que saudade de um contato humano.

A constelação familiar surgiu na minha vida com um convite de uma amiga, para assistir uma sessão. Fui sem ideia nenhuma do que ia acontecer, e me surpreendi. Achei interessante ao ponto de querer experienciar aquilo mais vezes, até então desconhecido por mim. Senti como se algo aqui dentro tivesse mudado, mas não sabia exatamente o quê.

O isolamento fez a gente encarar coisas que as vezes deixávamos de lado, então essa experiência da constelação fez com que um caminho fosse aberto para que tantas coisas que estavam ali se encaixassem. Percebi que muitas coisas eu podia mudar e até melhorar na minha vida, com o apoio da constelação familiar... algumas questões realmente mereciam ser modificadas e aos poucos isso me deu uma qualidade de vida melhor. Olhei pra questões internas muito profundas, coisas que eu não tinha consciência e que aos poucos pude sentir que algo melhorou, algo mudou dentro de mim.

Antes da constelação era como se a minha vida estivesse mais ou menos boa, estável, mas não da forma que eu queria... profissionalmente eu sentia que merecia mais, que era capaz de mais, queria ajudar pessoas e não conseguia deslanchar. Comecei a olhar pras minhas relações familiares e também me sentia assim, tudo muito morno. Tudo foi mudando aos pouquinhos e é como se eu conseguisse agora acessar o amor da minha família de uma forma que antes eu não tinha... Sem contar que há comportamentos que carregamos e vem dos nossos antepassados, de ciclos que são estabelecidos e muitas vezes nem imaginávamos e é isso que a gente vai compreendendo.

Um caminho que te permite ver cenários, que fazem parte da sua vida e você sequer tinha prestado atenção. Essa consciência é importante: inclusive me mostrou que a minha vida é muito mais que “só” a minha vida... são gerações e gerações que vieram ao mundo para que eu pudesse estar aqui. A gente aprende a perdoar e a si perdoar, e vai adquirindo uma leveza.

Quando se faz uma mudança, primeiro vem o caos e depois o processo de arrumação, seguido da ordem. Com uma mudança interna, nada é diferente. O caos, muitas vezes vem pra tirar tudo do lugar e as vezes tudo parece uma grande bagunça. Só assim é possível que cada coisa ache o seu devido lugar e enfim a mudança aconteça. É sobre sair da zona de conforto, e alçar voo. Porém, antes do vôo, muitas vezes é preciso um intenso mergulho em si mesmo.

IMPLANTAÇÃO E ATENDIMENTOS COM HOMEOPATIA NO AMBULATÓRIO DE ESPECIALIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA NO CENTRO SOCIAL URBANO – CSU: QUANDO O SONHO SE TORNA REALIDADE

Célia Maria Carneiro dos Santos¹

Em 2003, foi implantado o Curso de Medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – Bahia. Participei como professora e membro do Colegiado de Medicina que deu início em 2002. O curso de Medicina da UEFS tinha característica da centralidade em metodologias ativas com Aprendizagem Baseada em Problemas, ou na Problematização (Método PBL – *Problem-Based Learning*). O método PBL tem como base os três eixos do curso: Habilidades Clínicas e Atitudes, Tutorial e Práticas de Integração Ensino, Serviço e Comunidade (PIESC), hoje chamada Práticas de Extensão Academia, Saúde e Comunidade (PEASC). Dessa forma, os alunos iam aprendendo sobre as teorias básicas da Medicina e adentravam na prática médica a partir de situações da vida (SANTOS, 2021).

Continuando a contextualização do curso de Medicina da UEFS o Colegiado de Medicina era coordenado pelo Professor João Batista de Cerqueira e o módulo de Habilidades Clínicas e Atitudes pelo Professor Renato Pires, que o estruturou, fazendo inclusive os Projetos para aquisição de material didático e de espaço de práticas. Neste período foi feito um projeto para o Hospital Escola do Curso de Medicina da UEFS, sendo entregue ao Reitor, pelo Coordenador do Colegiado de Medicina, o Professor João Batista. Este Projeto ficou “engavetado”, o que atrasou a aquisição de espaço próprio para as práticas dos alunos de Medicina. Neste período, foi elaborado então o Projeto do Ambulatório de Especialidades do curso de Medicina, incluindo nele a Homeopatia, conforme me informou o Professor Renato Pires nesta época, por ser Especialidade Médica reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina desde 1980.

Inicialmente, no primeiro ano, os alunos faziam o que é chamado de Territorialização: caminhavam pelo bairro onde teriam as suas atividades durante os quatro primeiros anos do curso, acompanhados dos professores de Clínica Médica e Saúde Coletiva. No final do primeiro ano eles elegiam os principais problemas da área, através de uma “Árvore de Problemas”, onde detectavam as raízes dos problemas elencados junto à população daquela área. Em seguida, correlacionavam com os sintomas apresentados e montavam “a copa” da árvore

¹ Médica Homeopata. Professora aposentada da UEFS.

delineando as possíveis consequências. Essa ação era realizada no componente curricular Práticas de Integração Ensino, Serviço e Comunidade (PIESC), O PIESC I era o preparo para o PIESC II, que preparava para o PIESC III, e este para o PIESC IV, atualmente PEASC.

No segundo ano, trabalhavam as alterações sociais e de saúde de grupos familiares, elencando os que poderiam ser ajudados por eles e pelo corpo de professores juntamente com os profissionais das Unidades Básicas de Saúde.

Ao iniciar o terceiro ano deste curso, eles começavam a atender pacientes em ambulatórios das Unidades Básicas de Saúde, do Sistema Único de Saúde (SUS), com a supervisão de um professor de Clínica Médica, além de discutirem o caso clínico com o preceptor de Saúde Coletiva, contextualizando o mesmo.

Víamos que, também num crescendo, os alunos construía uma relação com o SUS que lhes dava visão do amplo para o individual. No início, realizando visitas nos bairros e detectando problemas de saneamento básico, coleta de lixo, animais daninhos, estímulos ao alcoolismo, número de templos, bares e salões de beleza, dentre outros. Na oportunidade detectavam os líderes daquelas comunidades e trocavam ideias com os mesmos sobre a situação da comunidade.

No terceiro ano faziam atendimentos das pessoas com supervisão de um professor de Clínica Médica, na Unidade Básica de Saúde, além de executarem visitas domiciliares com os professores de Saúde Coletiva.

No quarto ano, os alunos atendiam com supervisão da professora de Clínica Médica, que também é homeopata, na Policlínica George Américo, no bairro do mesmo nome.

Percebeu-se que, para a solução dos adoecimentos, era necessário um conhecimento mais profundo sobre cada ser humano envolvido nos atendimentos.

Era preciso sair do paradigma médico-centrado/curativista exclusivo para o paradigma do ser integral.

Nesse contexto, foi identificado que o arsenal de medicamentos oferecidos pelo SUS nem sempre era suficiente para a solução do problema apresentado. Foi assim que nos deparamos nesta Policlínica, com uma pessoa portadora de abscesso em coxa, devido a trauma de bicicleta, e que tinha alergia a todos os antibióticos disponíveis na Rede Básica, sendo portadora de gastrite, o que limitava o uso de anti-inflamatórios. Como sempre discutimos cada caso clínico, fazendo um paralelo com o raciocínio homeopático, desde o primeiro ano, concluímos que naquele caso precisaria usar apenas homeopatia, ao tempo

que orientamos retornar ao Pronto Atendimento, caso houvesse piora dos sintomas. Na semana seguinte, esta pessoa retornou com o frasco do medicamento usado em mãos e o abscesso praticamente curado.

Daí surgiu a necessidade de aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre a teoria das bases da Homeopatia. Convidamos professores renomados na homeopatia do país, e programamos o curso intitulado “Homeopatia como Especialidade”, validado pelo Programa de Extensão, PROEX. Participaram oferecendo palestras neste curso os professores: Dr^a. Maria Amélia Soares da Cunha, farmacêutica e médica perpetuadora da Homeopatia em Salvador; Dr. Francisco Freitas, médico homeopata e Professor Coordenador da disciplina Homeopatia na grade curricular da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ); Dr^a. Sandra Abrahão Chaim Salles, pesquisadora em Homeopatia no Ambulatório de Homeopatia da Universidade de São Paulo (USP); Dr. Paulo César Maldonado, médico pediatra e homeopata, representante da Homeopatia na Câmara Técnica do Conselho Federal de Medicina no Rio de Janeiro. A procura foi acima do esperado, com alunos de Medicina, Enfermagem e Ciências Farmacêuticas, o que gerou o segundo Curso de Extensão “Homeopatia em Odontologia”, também com professores renomados do país: Dr. Mário Sérgio Giorgi, cirurgião-dentista homeopata e Presidente da Associação Brasileira dos Cirurgiões-Dentistas Homeopatas (ABCDH) com a Dr^a. Andrea Padre, cirurgiã-dentista em Salvador e representante da ABCDH no Norte e Nordeste. Ainda com procura elevada, montamos o terceiro Curso de Extensão “Evidências Científicas da Homeopatia”, administrado pelos professores Dr. Romeu Carillo Jr, Coordenador do Ambulatório de Homeopatia do Hospital dos Servidores de São Paulo e a Dr^a. Solange Gosik, Psiquiatra Pediatra e Homeopata, atuante no mesmo ambulatório do Hospital dos Servidores de São Paulo.

Desde o início da implantação do Curso de Medicina que contamos com o professor Dr. Renato Pires, que, como já mencionado, se dedicou aos Projetos de estrutura básica para o funcionamento do curso, dentre eles, o Laboratório de Habilidades e o Projeto do Ambulatório de Especialidades, onde já constava o embrião do Ambulatório de Homeopatia, ainda que em conversação com a homeopata do Curso de Medicina, lembrando que a irmã do Dr. Renato era também homeopata respeitada por todos da sua turma da Faculdade e que a Homeopatia é Especialidade Médica desde 1980, reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina. Com o passar dos anos, surgiu a possibilidade de adequar o espaço antes pertencente à Clínica Odontológica no Centro Social Urbano, ao referido Ambulatório.

O Ambulatório de Especialidade da UEFS alcançou o idealizado em 2018, quando iniciou-se o processo para a sua inauguração. Já com o espaço físico definido foi adquirido pela UEFS os equipamentos necessários para a inauguração.

Importante ressaltar que a Reitoria, a Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, o Departamento de Saúde (DSAU) da UEFS, por meio da diretora Professora Dr^a Silvia da Silva dos Santos Passos e toda a equipe do DSAU, em especial a Professora Dr^a Marluce Alves Nunes Oliveira, foram importantes para a realização desse sonho.

Vale ressaltar que com a transferência da Clínica Odontológica da UEFS, que realiza as atividades práticas do curso de Odontologia, localizada no Centro Social Urbano, foi transferida para uma Nova Clínica no Campus da UEFS possibilitou que o Ambulatório de Especialidades fosse alocado nesse espaço.

Foi elaborado pelo Setor de Convênio da UEFS, minuta para celebração do convênio entre UEFS e Prefeitura Municipal de Feira de Santana (PMFS) em 2020 para dar início as atividades do referido ambulatório. Mas com a pandemia da Covid-19 tivemos que recuar.

Nesse contexto, com a constatação da permanência de manifestações clínicas tardias e/ou sequelas apresentadas por pessoas adoecidas pela Covid-19, a Secretaria Municipal de Saúde de Feira de Santana – Bahia em parceria com a UEFS, propõem a implantação de unidade para garantir assistência à saúde a essas pessoas, com atendimento multidisciplinar especializado em pneumologia, infectologia, hemoterapia, psicologia, fisioterapia, enfermagem, nutrição, entre outros. Dessa forma, a proposta do Centro Pós-Covid-19, visava atender as pessoas que tiveram as formas moderada ou grave da infecção e que possivelmente necessitariam de internação hospitalar. Era indicação para atender as pessoas que tinham completado 21 dias após a data de início dos sintomas e que permanece com queixas, a exemplo de fraqueza, tosse, falta de ar, distúrbios do sono, ansiedade, entre outros.

Em 03 de agosto de 2021, foi inaugurado o Ambulatório de Especialidades, mas intitulado Centro de Atendimento a pessoas Pós-Covid-19, sob a coordenação da Enfermeira Professora Dr^a. Marluce Alves Nunes Oliveira (UEFS) e como representante da Secretária Municipal de Saúde de Feira de Santana a Enfermeira Graziela Lima Santos Dória.

O Ambulatório de Especialidades foi tomando corpo na gestão do Colegiado de Medicina do Professor João Batista de Cerqueira, que nos conta que

este ambulatório veio suprir a necessidade de um campo de prática, uma vez que o Projeto feito por ele para o nosso Hospital Universitário foi entregue ao Reitor José Onofre Gurjão Boavista da Cunha, porém nem seguiu adiante. Na gestão do Reitor José Carlos Barreto de Santana foi feita uma nova Comissão para viabilizar este Hospital Universitário e, novamente, ficou sem sair da Reitoria.

O desejo de fazer um curso forte, com práticas de qualidade, motivou a caminhada no sentido de agilizar a ideia do Ambulatório de Especialidades. O pensamento inicial foi para que fosse um Ambulatório do Curso de Medicina, sendo depois englobado pelo Departamento de Saúde, abrangendo todos os cursos de Saúde.

A Diretora do Departamento de Saúde (DSAU) na época, Professora Sílvia da Silva Santos Passos, nos informou que a negociação deste Ambulatório de Especialidades vinha desde a gestão anterior do DSAU, colaborou com as Professoras Silvone Santa Bárbara da Silva e Maricélia Maia de Lima, que colaboraram nas discussões Pós-Covid, sendo longa e desgastante, envolvendo a Secretaria Municipal de Saúde e a Secretaria Estadual de Saúde.

O material solicitado foi liberado pela Secretaria Estadual de Saúde na Gestão do Secretário Estadual de Saúde, o Dr. Fábio Vilas Boas, o mesmo que apoiou as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, gerando o documento PEPICS – BA: Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, da qual fiz parte como homeopata e Professora Assistente do Curso de Medicina, por indicação do Reitor Evandro do Nascimento Silva, a quem agradeço esta oportunidade, uma vez que este documento foi de participação multiprofissional, com vários Grupos de Trabalho, e foi aprovado na Comissão Intergestores Bipartite (PEPICS, 2019).

A Secretaria Municipal de Saúde inicialmente alegou, para a implantação do Ambulatório de Especialidades, questões referentes a recurso e competição com as Policlínicas, atrasando o processo de implantação. Com a chegada da pandemia de Covid-19 (SARS-COV-2), houve a necessidade de atender à população que apresentava sintomas prolongados da doença.

Com a transferência do ambulatório de Odontologia existente no prédio do Centro Social Urbano para a área interna da UEFS, foi readequado o espaço para receber o Ambulatório de Especialidades do Curso de Medicina da UEFS. Inaugurado durante a pandemia de Covid-19, pela necessidade de prestar assistência aos pacientes em fase de recuperação desta doença, em parceria com a prefeitura de Feira de Santana, através da Secretaria Municipal de Saúde, com a UEFS. O Ambulatório Pós-Covid passou a receber estes pacientes, em diversas

especialidades, entre elas, Pneumologia, Cardiologia, Homeopatia, Gastroenterologia, Fisioterapia, Hematologia, Psicologia e outras.

Em agosto de 2021 foi inaugurado oficialmente o Ambulatório Pós-Covid e em setembro de 2021 iniciamos o atendimento em Homeopatia.

Assim, no primeiro aniversário deste ambulatório foram computados os atendimentos: Pneumologia (490); Neurologia (419); Clínica Médica (297); Cardiologia (300); Urologia (399); Homeopatia (68); Dermatologia (25); Gastroenterologia (100); Psiquiatria (10); Hematologia (24); Fisioterapia (3.475); Psicologia (698); Nutrição (273); Fonoaudiologia (545); Técnico de Enfermagem (4.298); Enfermagem (632). Lembrando que houve algumas subnotificações, que estão sendo corrigidas.

Neste início de atendimento, contamos com a presença de um aluno do quarto ano de medicina da UEFES, que atendia sob supervisão no ambulatório de Homeopatia, onde visualizava uma tomada de caso com detalhes enriquecedores, o que gerou o seu depoimento:

Vivência em ambulatório de Homeopatia em Feira de Santana-BA: reflexões sobre o cuidado em saúde

Caio Melo da Silva Laudano

A Homeopatia é a especialidade médica caracterizada pelo cuidado do indivíduo em seu todo, ou seja, busca tratar a pessoa enquanto um ser biopsicossocial e não foca sua abordagem em um órgão ou conjunto de órgãos. Em vista disso, é possível desenvolver habilidades e competências médicas muito relevantes à profissão através do contato com o médico homeopata.

Nesse sentido, o acompanhamento da consulta homeopática evidenciou a importância de uma boa relação médico-paciente no diagnóstico de doenças e na efetividade da consulta para o paciente. Por meio da avaliação abrangente realizada no dia-a-dia dessa especialidade e da proximidade na relação entre médico e paciente, é possível trazer à tona problemas pouco perceptíveis do indivíduo consultado ou fazer com que o paciente expresse dados importantes que seriam ocultados caso não se sentisse à vontade para dizê-los.

Mas também, a prática nessa especialidade evidencia uma necessidade inerente à prática médica atual: a conexão física e afetiva entre o profissional e o doente. Em consultas médicas atuais, é comum a ocorrência de pouca empatia ou contato físico no atendimento do profissional, o que resulta em perda de qualidade no cuidado prestado ao indivíduo que busca as instituições de saúde.

Sendo assim, é possível conquistar um aprendizado valioso com a Homeopatia, uma vez que essa especialidade põe em prática

competências e habilidades relevantes para um cuidado pleno do indivíduo. Esse cuidado pleno, que compreende a técnica científica e a relacional do profissional, possibilita a conquista de maior resolutividade no atendimento à população.

Em 2022, após diversas reuniões de Grupos de Trabalho, sob a coordenação da Secretaria Estadual de Saúde da Bahia, SESAB, concluímos um documento reflexivo sobre a Portaria 971 MS de maio/2006, onde foram elencadas as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, aprovadas pelo Ministério da Saúde ao longo dos últimos anos, totalizando 29 práticas. Estas práticas enriquecem a abordagem médico-paciente e aumentam a sensibilidade do acadêmico de medicina e demais áreas da Saúde.

Implementando o Ambulatório de Homeopatia no Sistema Único de Saúde estaremos contribuindo para a sensibilização dos futuros médicos e o acolhimento do paciente como ser integral.

REFERÊNCIAS

SANTOS, C. M. C. dos. Trajetória da Homeopatia desde o Curso de Medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana até a Unidade de Tratamento Pós-Covid-19 da Secretaria Municipal de Saúde de Feira de Santana, Bahia. In: BARBONI, A. R. (Editor); BARBONI, S. A. V. (Curadora). **Anais do I Seminário sobre PICS na APS em Feira de Santana**, 2021, p. 51-60.

SUS – GOVERNO DO ESTADO – SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE: PEPICS – Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Bahia, Salvador, BA, 2019.

AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES E SABERES: INICIANDO UMA DISCUSSÃO SOBRE DESAFIOS PARA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE NA INCLUSÃO DA PRÁTICA DA MEDICINA POPULAR NA BAHIA

Bruna Souza de Araújo¹
Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni²

1. INTRODUÇÃO:

O presente artigo pretende iniciar uma discussão sobre a afirmação da identidade, resistência e visibilidade para a presença, totalmente desconhecida e ignorada, sobre praticantes e práticas populares de cura e sua atuação na Bahia, o modo como estas são produzidas e reproduzidas e as relações de poder frente a Medicina ocidental. Para tanto, entrecruzou-se bibliografia que aborda estas práticas e pessoas como sujeitos integrantes da concretização da Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Bahia (PEPICS-BA) e do Ministério da Saúde.

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) e sua importância entraram em pauta mundial na década de 70, a partir da Declaração de Alma Ata em 1978, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou como prioridade que todos os povos deveriam ter acesso à Atenção Primária à Saúde (APS) até o ano 2000.

A partir de entendimentos, cooperações técnicas com enfoques interculturais, a OMS também reforçou a inclusão das Medicinas Tradicionais e Complementares (MTCI) para avançar rumo à saúde universal e sua integração aos sistemas nacionais de saúde. Aqui no Brasil, como parte integrante desse processo e seguindo as recomendações da OMS, foi publicado pelo Ministério da Saúde (MS) a Portaria GM/MS nº 971, de 03 de maio de 2006, que aprova e institui a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS).

Na PNPIC destacaram-se, inicialmente, as modalidades no campo da Medicina Tradicional Chinesa (Acupuntura), da Homeopatia, da Fitoterapia, da Medicina Antroposófica e do Termalismo (Crenoterapia). Posteriormente, foram incluídas novas práticas através da Portaria nº 849 de 2017 como a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária

1 Estudante de Psicologia da UEFS.

2 Professora do DCBIO da UEFS.

Integrativa e Yoga. Em 2018, através da Portaria nº 702, foram incluídas a Apiterapia, Aromaterapia, Bioenergética, Constelação Familiar, Cromoterapia, Geoterapia, Hipnoterapia, Imposição de Mãos, Ozonioterapia e Terapia de Florais. De 2006 até o ano de 2018, 29 PICS foram regulamentadas e incorporadas à PNPIC.

Para além da PNPIC, os Estados e Municípios deveriam atuar com autonomia na definição e instituição das suas políticas em saúde oferecidas no SUS em especial para as terapias de interesse local. Assim ocorreu no Estado da Bahia onde as PICS estão presentes na assistência à saúde da população há muitos anos através de iniciativas particulares empresariais ou ações voluntárias de profissionais no SUS.

Demandas do controle social e articulações intersetoriais com atores envolvidos com essas práticas associadas às recomendações do MS quanto ao estabelecimento de políticas para garantir a integralidade na atenção à saúde estimularam a formulação da PEPICS-BA. Instituída através da Portaria SES-BA nº 521, de 05 de maio de 2016, a PEPICS-BA vem valorizar e fortalecer as práticas tradicionais e populares de cura reconhecendo-as no âmbito do SUS. A equipe de concepção da PEPICS-BA foi composta por representantes de diretorias e de superintendências da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (SESAB) (Área Técnica de Práticas Integrativas e Complementares – ATPICS; Coordenação de Políticas Transversais – CPT; Diretoria de Gestão do Cuidado – DGC; Superintendência de Atenção Integral à Saúde – SAIS) e universidades, entre elas a única estadual, a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) (BAHIA, 2019).

O documento oficial da PEPICS-BA é de acesso público, disponível na Internet, e é aqui trabalhado como fonte primária. É o marco legal essencial para a tomada de decisões pelas Secretarias Municipais de Saúde (SMS), para a comprovação de direitos individuais e coletivos de acesso às PICS. E neste sentido o texto da PEPICS-BA

destaca a importância da articulação e envolvimento da esfera municipal, compreendida pelos 417 municípios do Estado da Bahia, onde essas práticas irão de fato se efetivar consolidando um novo paradigma de cuidados em saúde incorporando princípios, conceitos e práticas, oriundos de diferentes sistemas complexos de atenção à saúde (PEPICS, BAHIA, 2019).

No Estado da Bahia, a PEPICS-BA foi construída a partir ampla mobilização social e intersetorial, com o objetivo de ampliar o acesso às PICS no

SUS, na perspectiva da compreensão do cuidado integrativo em todos os níveis de atenção (promoção, prevenção de agravos e recuperação da saúde) para a população do estado da Bahia. Baseada na PNPIC, busca contemplar em seu bojo, seu ponto forte, a identidade regional do estado, no intuito de valorizar e fortalecer as práticas tradicionais e populares. Além disso, a PEPICS-BA destaca a importância da articulação e envolvimento da esfera municipal, compreendida pelos 417 municípios do Estado da Bahia, onde essas práticas irão de fato se efetivar consolidando um novo paradigma de cuidados em saúde incorporando princípios, conceitos e práticas, oriundos de diferentes sistemas complexos de atenção à saúde onde se incluem outras formas não acadêmicas-científicas de se promover saúde (BAHIA, 2019). É sobre isso que trataremos.

2. DESENVOLVIMENTO:

2.1. AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE (PICS) E A MEDICINA TRADICIONAL E COMPLEMENTAR BRASILEIRA:

Para Andrade e Costa (2010), a “sabedoria popular” merece importância devido a variedade de saberes, mas que ainda não adentra em categorias de saberes acadêmicos, exceto algumas disciplinas curriculares optativas. Os saberes populares costumeiramente são passados de geração para geração através da oralidade, garantindo a permanência das tradições, dos costumes e das práticas de cura entre as comunidades, notabilizando as rurais e os remanescentes de quilombos.

As práticas populares de cura estão entre o que se chama Etnoconhecimento – entendido como “uma ciência baseada no conhecimento tradicional em uma construção social, produzido por diferentes povos em vários locais, por seu saber social”³.

A colonização da América Portuguesa cujas estratégias de dominação atingiram também o processo de higienização na segunda metade do século XIX tratou de desconstruir e desvalorizar estes saberes através da intervenção oficial da Saúde Pública. Ainda assim, a população não deixou de buscá-los junto a mulheres negras e brancas benzedeiras e rezadeiras e homens negros e brancos benzedeiros e rezadeiras – os curandeiros populares – que gozavam, e onde ainda resistem, gozam – de um status social difícil de ser apagado por meio de decretos e leis oficiais.

3 Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/204467/martins_vc_me_tupa.pdf?sequence=3&isAllowed=y.

Mesmo com a aceitação popular, esses grupos minoritários sempre foram alvo de fortes perseguições de adeptos de religiões fundamentalistas cristãs, que associavam suas práticas ao demônio; da Saúde Pública e da Polícia estatal, acusados de provocadores de incômodos sociais ou danos à saúde pública com foco em saúde mental.

Andrade e Costa (2010) apontam que a Medicina Tradicional se configura como um elemento cultural de extrema importância, tendo seus conhecimentos incorporados por determinados grupos populacionais e fixados no cotidiano. O conjunto de saberes, embora modificados e ressignificados no atual contexto social do Brasil contemporâneo coexiste com o saber médico instituído pelo cientificismo, e constitui-se um patrimônio nacional.

Reconhecidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), as chamadas Medicinas Tradicionais (MT) e Medicinas Complementares e Alternativas (MCA) possuem um enraizamento cultural de longa data, na maioria em práticas indígenas e/ou em sistemas refinados como o ayurveda indiano e a Medicina clássica chinesa (BARROS, 2000). Em muitos países é a principal oferta de serviços de saúde à população e em outros países estão inseridos nos sistemas de saúde de forma complementar⁴.

Assim, na estratégia formulada pela OMS, as MT/MCA são reconhecidas como cuidados de saúde complementares (WHO⁵, 2002 *apud* ANDRADE; COSTA, 2010). O documento da OMS de 2002 defende a promoção do potencial sanitário das MT/MCA, considerando a segurança, eficácia, qualidade de seu uso e acesso, tendo em vista a condução de políticas nacionais.

A OMS atenta às questões de segurança e eficácia desses métodos terapêuticos, reconhece o “enfoque holístico da vida, o equilíbrio entre mente, corpo e seu entorno, e a ênfase na saúde” (WHO⁶, 2002 *apud* ANDRADE; COSTA, 2010, p. 501). Acrescenta ainda, para efeito de implantação de políticas públicas em saúde, que as MT/MCA, enquanto práticas complementares, adotem amplamente a prevenção, o diagnóstico, o tratamento e a gestão do processo saúde-doença como instâncias articuladas.

Em todo planeta, nas diferentes culturas, os saberes e conhecimentos das MT/MCA perfazem uma miríade de usos, cosmologias e resultados

4 Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/medicinas-tradicionais-complementares-e-integrativas>.

5 WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Traditional Medicine Strategy 2002 - 2005**. Geneva: WHO, 2002.

6 Vide a nota anterior.

terapêuticos, constituindo patrimônio dos povos tradicionais, o que já representa uma legitimidade social (ANDRADE; COSTA, 2010). Em regiões como África, Ásia e América Latina, grande parte da população atende suas necessidades sanitárias por meio de crenças e saberes antigos, como terapias espirituais, técnicas manuais, tratamentos à base de ervas e minerais, por exemplo (WHO⁷, 2002 *apud* ANDRADE; COSTA, 2010). Essas estratégias são apropriadas por milhões de pessoas nos países em desenvolvimento, onde a oferta de serviços de saúde por parte dos governos é declaradamente incipiente em face dos custos, das crescentes demandas e complexidade contemporânea do processo saúde-doença. Neste aspecto, a temática das MT/MCA passou a ser uma relevante questão da saúde pública mundial, com o reconhecimento de governos, agências internacionais e entidades sanitárias, ainda que existam muitas controvérsias conceituais, das práticas em si e de metodologia da pesquisa em saúde para produção de evidências clínicas.

Considerando este cenário, o Brasil desde 2005, conta com políticas públicas que promovem as práticas não convencionais em saúde. A primeira delas foi a Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares - PMNPC (BRASIL, 2005). Essa política destaca que os diversos saberes e práticas da Medicina natural constituem “sistemas médicos complexos”, com enfoques que estimulam mecanismos naturais de promoção e recuperação da saúde. Afirma também que a abordagem enfatiza a “integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade”, realçando a “visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano” (BRASIL, 2005, p. 04).

PICS é a denominação do Ministério da Saúde para caracterizar a chamada Medicina complementar/alternativa, presente em suas diversas facetas no Brasil. Esse campo de saberes e cuidados é caracterizado por multiplicidade e sincretismo, e um número crescente de métodos diagnóstico-terapêuticos, práticas religiosas e outros. Esses tipos de cuidados em saúde recebem várias denominações como as de práticas tradicionais, populares, não ocidentais, complementares, holísticas, alternativas e integrativas (ANDRADE; COSTA, 2010).

Como dito anteriormente, a partir de 2006, quando o Ministério da Saúde implantou a PNPIC no SUS, várias modalidades terapêuticas foram identificadas e amparadas pela PNPIC sendo ao longo do tempo, várias outras modalidades incluídas no que diz respeito a oferta de cuidados.

Levando em consideração as diretrizes da OMS para as MT/MCA, a PNPIC destaca “a prevenção de agravos e da promoção e recuperação da saúde,

7 Vide a nota anterior.

com ênfase na atenção básica, voltada para o cuidado continuado, humanizado e integral em saúde” (BRASIL, 2006, p. 25). Destaca ainda “o indivíduo na sua dimensão global [...] quando da explicação de seus processos de adoecimento e de saúde” (BRASIL, 2006, p. 87), e, finalmente chama atenção para a integralidade da atenção à saúde, princípio do SUS.

Importante enfatizar que outras ações do Ministério da Saúde valorizam e convergem para a PNPIC, tal como a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no SUS (BRASIL, 2007). Essa Política, entre alguns de seus objetivos, visa a promover as práticas tradicionais de uso de plantas medicinais, largamente disseminadas na sociedade brasileira a partir da apropriação cotidiana feita pelas populações nativas. A construção da política pública atua como marco legal face ao pluralismo terapêutico presente entre os brasileiros – e usuários do SUS –, do qual convivem diferentes sistemas e modalidades médicas, crenças e itinerários de saúde, abrindo-se para uma outra racionalidade médica complementar e alternativa ao modelo clássico científico-acadêmico da Medicina (LUZ, 2005).

Estes diferentes sistemas e modalidades médicas, crenças e itinerários de saúde identificados no Brasil advêm de sua própria história. A população brasileira é considerada a mais heterogênea do planeta sendo resultante de quinhentos anos de miscigenação racial envolvendo europeus, ameríndios e africanos, principais formadores da população brasileira; e posteriormente, asiáticos e elementos do leste europeu, em menor escala. A distribuição étnica não ocorreu de forma homogênea, diferindo significativamente a depender da região geográfica o que conseqüentemente, influenciou a cultura, saberes e práticas (inclusive médicas) nas suas peculiaridades locais e regionais (MACHADO, 2008).

Essas práticas de saúde têm longa história no contexto brasileiro, mas foi somente com a aprovação pelo Ministério da Saúde da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), no Sistema Único de Saúde (SUS), em 2006, que a denominação PICS passou a ser utilizada.

O campo das PICS no Brasil atual é um fenômeno de crescente visibilidade estando bem difundidos por clínicas particulares, comunidades tradicionais, igrejas, movimentos sociais e entidades não governamentais. A partir da crescente demanda essas práticas de atenção em saúde passaram a ser investigados e validados por organismos governamentais ligados à saúde, como o próprio Ministério da Saúde que implantou regulamentações de estímulo à difusão da Medicina complementar.

Com o advento das PICS no SUS na promoção de cuidados integrativos é importante analisar a dimensão sociocultural e da eficácia terapêutica desses métodos, bem como compreender o lugar que a Medicina complementar vem assumindo ao se tornar serviço disponível ao usuário do SUS.

Os recursos terapêuticos contemplados na PNPIC, apesar do considerável avanço com a implementação dessa política no SUS, não incorpora, por exemplo, a Medicina Tradicional Indígena e as diversas formas de lidar com o processo saúde-doença em comunidades quilombolas, populações do subúrbio, zona rural, ribeirinhos e ciganos, por exemplo. Sendo assim, de acordo com o conceito de colonialidade do poder segundo Aníbal Quijano (2010), cuja ideia contida nesse exemplo está na questão do poder do conhecimento eurocentrado, é reconhecido como válido apenas o que é diplomado. A PNPIC reafirma a invisibilidade que historicamente atravessa os saberes desses povos, reforçando a hegemonia do poder colonial europeu e norte-americano das diversas formas de cuidado à saúde presentes na sociedade brasileira.

2.2 PRÁTICAS POPULARES DE CURA: QUAIS SÃO OS AVANÇOS DA PEPICS-BA?

Historicamente, as culturas populares de cura praticadas no Brasil foram constituídas por uma “mistura étnica e religiosa dos povos que aqui se encontravam com os que chegaram” (NASCIMENTO, 2010, p. 17), resultando em receitas, ofícios, habilidades e saberes que se perpetuam oralmente. O Brasil, por ser um país colonizado, passou por um processo de subordinação pelos colonizadores europeus sobre os indígenas e os africanos (BANDEIRA, 2013) que passaram por um processo de atrocidades e descaracterização de suas culturas.

Durante o período colonial, a população da Bahia sofreu com várias doenças típicas do clima tropical como lepra, malária e febre amarela. Outras doenças “climáticas” chegaram a se transformar em surtos epidêmicos em razão da enorme variação de intensidade e frequência das chuvas entre o inverno e o verão, aliadas à falta de higiene e saneamento da cidade (BANDEIRA, 2013).

Também some-se as doenças trazidas pelos escravos, marinheiros e colonizadores, como a varíola, a sífilis e o escorbuto. Dentre os fatores que colaboraram para a degradação das já precárias condições de saúde de Salvador, a questão das três raças, que vindas de três continentes diferentes, participaram da miscigenação do povo brasileiro, baseada na teoria da degenerescência em voga na época. Isto tornava a Bahia um terreno fértil para o surgimento de várias

doenças porque cada região e cada continente possuíam uma gama própria de doenças (RUSSELL-WOOD, 1981).

Diante de tal situação, a população indígena foi reduzida significativamente pelo contato com as doenças trazidas pelos colonos branco, enquanto o europeu sofreu com doenças tipicamente tropicais. O africano teria sido o menos afetado por já ter tido contato com as doenças transmitidas pelos europeus, através de suas expedições pela costa ocidental da África. Outra questão levantada por Russell-Wood (1981), foi a dos problemas de saneamento nos trópicos. O descaso do Conselho Municipal e da Coroa portuguesa acabou tornando impróprias as condições sanitárias de localidades.

Ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do seguinte, a assistência hospitalar continuou a ser realizada pelas Santas Casas, fundadas e mantidas pelas Irmandades da Misericórdia as quais eram mantidas e viviam da caridade pública, muito incentivada na época do reinado de Dom Pedro II (1840-1889). As doenças se proliferavam com maior facilidade e rapidez entre as classes mais pobres e malnutridas, uma vez que os hábitos alimentares de maneira geral na Bahia colonial eram bastantes inadequados. Isto associado às precárias condições de higiene e saneamento básico mais a falta de médicos e pouca informação dos cuidados de saúde. O povo pobre abandonado pelo poder público e agarrado às suas tradições populares recorre à medicina Popular (RUSSELL-WOOD, 1981).

É nesse contexto brasileiro de tradições indígenas, europeias e africanas imbricadas que se localizam as práticas de cura e fé realizadas por rezadeiras, benzedoras, garrafeiros, parteiros e curandeiros. Entre estas, a prática da benzedura é a mais comum e a mais emblemática onde ocorre uma mescla da cultura negra, europeia e indígena. Na benzedura é sentida na presença de elementos de origem indígena, como os chás utilizados como remédios naturais e banhos utilizados nos processos de cura. A mistura da cultura negra e europeia é sentida na presença de elementos do catolicismo popular e dos guias (AGUIAR, 2012).

Curandeiros (as) e rezadeiras (os) eram sujeitos, dotados de um saber pautado pela fé e pela religiosidade, que misturavam símbolos, transe e ritos de diferentes crenças. Segundo Russell-Wood (1981), benzer e curar eram trabalhos feitos por conta própria, usando as experiências e saberes acumulados e herdados dos antepassados, sobretudo, dos africanos que tiveram grande influência em todo o Recôncavo, resistindo às pressões do poder dominante. Essas práticas populares de cura representavam “[...] um real saber dos sofrimentos do povo, preocupado

em evitar despesas, mas também em conservar sua autonomia corporal e em subtrair-se ao olhar médico que mede, classifica, elimina [...]” (PERROT, 2005, p. 218-219)

O Estado da Bahia possui uma ampla e rica diversidade étnica que caracteriza seus territórios e conforme dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem população de 14.016.906 de habitantes. Estes vão desde remanescentes de população africana, povos indígenas (16 grupos étnicos), quilombolas até europeus, ciganos e grupos minoritários como ribeirinhos, pescadores, etc.

Com suas identidades culturais, étnicas e suas múltiplas formas cotidianas de vida e de compreensão de saúde, cura e morte, igualmente terão seus sistemas médicos próprios os quais podem ser abordados por quatro ângulos: 1) a compreensão cultural da doença; 2) a construção de estratégias para a escolha das práticas de cura; 3) a deliberação sobre comportamentos que previnem doenças e melhoram ou pioram a saúde; 4) a gestão de resultados terapêuticos (LORENZO, 2011).

No que se refere às Medicinas populares conforme diversos estudos apontam (QUEIROZ, 2000; TESSER; BARROS, 2008; MARTINEZ, 2003) estas seguem um paradigma diferente do modelo acadêmico-científico, por exemplo, as abordagens da saúde e da doença, e a compreensão do ser humano como um ser integral, constituído de mente, corpo e espírito. De acordo com Otani e Barros (2011), a abordagem Integrativa estimula os profissionais a considerarem em cada paciente os fatores genéticos, ambientais, nutricionais, psicossociais, estressantes e culturais associados a crenças, valores e símbolos, estimulando assim, a ênfase na prevenção de doenças e promoção de saúde de forma individualizada.

Na PEPICS-BA as práticas foram categorizadas em cinco grupos: 1 - Sistemas Médicos Complexos; 2- Práticas Corporais e Vivências Integrativas; 3 - Práticas Energéticas/Vibacionais e Meditativas/Contemplativas; 4 - Terapias baseadas em produtos naturais/Plantas Medicinais e; 5 - Práticas Tradicionais e Populares (BAHIA, 2019). Dentre essas, destaca-se o item 5, das Práticas Tradicionais e Populares, uma vez que entre as práticas tradicionais e populares estão listadas: benzedeadas, curandeiros, rezadeiras, parteiras, raizeiros, pajés, videntes, médiuns, orientadores espirituais e praticantes de religiões de matriz africana. Muitos deles advindos das populações negra, quilombola, indígena, cigana, ribeirinha, pesqueira, marisqueiras, extrativista, assentados e acampados.

As chamadas Práticas Tradicionais e Populares foram definidas como

conhecimentos trazidos e realizados pelos descendentes dos povos originários de cada território. Estas práticas de saúde advêm das tradições orais, resultantes do imbricamento cultural de vários saberes, sobretudo na Bahia, oriundos das populações indígenas e afro-brasileiras. As práticas de saúde realizadas por essas populações e suas compreensões a respeito do processo saúde-doença-cuidado adotam, em sua maior parte, princípios de causalidades múltiplas e a busca pelo equilíbrio dos estados físico, emocional, psíquico e espiritual (BAHIA, 2019, p. 15).

Nessas práticas são utilizados procedimentos diagnósticos, administração de técnicas e medicamentos fundamentados na flora e fauna local, e também ações voltadas à cura através de rituais e da administração de dietas, jejuns, além do uso de ervas terapêuticas por via interna e/ou externa, como chás, banhos, massagens, reequilíbrios energéticos e outros (BAHIA, 2019).

Neste sentido, a PEPICS-BA torna-se estratégica para o Estado pois além do amplo acesso à saúde considerando-se o fortalecimento do SUS, há o avanço da equidade e reconhecimento de outras racionalidades médicas que conduz a uma pluralidade na assistência e clínica interétnica, permitindo crescente democratização na acesso à saúde.

As PICS após anos de marginalização, adentram no SUS em 2006 valorizando recursos e métodos não biomédicos relativos ao processo saúde/doença/cura, ao tempo que enriquecem estratégias diagnóstico/terapêuticas e favorecem o pluralismo médico no Brasil. Desse modo, o SUS admite e reconhece outros saberes e racionalidades de base tradicional, que passam a conviver com a lógica e os serviços convencionais da biomedicina.

As práticas da chamada medicina tradicional ou popular são parte complementar do SUS e estas, em outras racionalidades, são vistas pela ciência ocidental como unidas por diversos “fios condutores” uma vez que são “colocadas no mesmo pacote” rotulado de Medicinas Tradicionais. Neste “pacote” entra tudo aquilo que a ciência ocidental reconhece como estranho a seus métodos e saberes. Ou seja: não existe unidade entre essas práticas pois são provenientes de diversas culturas e cosmovisões mas a ciência ocidental classifica como iguais, como “medicinas tradicionais”.

Quem atribui essa unidade é a ciência ocidental, é a PNPIC e a PEPICS-BA. A classificação das chamadas Medicinas Tradicionais é um ato colonialista que universaliza e classifica os saberes segundo os seus critérios e métodos. A PNPIC, a PEPICS e a ciência ocidental assim como as nossas

diversas formas de pensar e produzir saberes, apagam e negam os saberes ditos subalternos, tidos como atrasados, primitivos, superados pela ciência ocidental.

Abre-se ainda a questão da intolerância e da perseguição às práticas populares de cura pois elas e seus praticantes, historicamente, sempre incomodaram as elites e foram demonizados por segmentos religiosos de maioria.

Então, cientes desse cenário, o que podemos dizer é como essas práticas que chamamos de MTC ou Medicina Popular ou outro nome similar, podem contribuir com o SUS na produção do cuidado. E o maior desafio: como, ao complementar a Medicina convencional com esses outros saberes, admitir que as práticas de cuidado à saúde deixem de ser unidimensionais e passem a ser multidimensionais.

Parece simples mas é crucial diferenciar que não são as práticas médicas das outras matrizes cosmológicas que são multidimensionais (aliás, dessas a ciência ocidental não pode dizer quase nada, e certamente, com os avanços nas discussões sobre questões bioéticas, não poderia falar que elas se dividem em dimensões sem incorrer no mesmo erro colonialista de décadas atrás de analisar a experiência do outro pela nossa própria), mas sim que é o nosso próprio olhar sobre o cuidado (inicialmente biomédico, unidimensional, eurocêntrico), ao reconhecer e se colocar em contato com outras existências, outras formas de produzir saber e cuidado, que se amplia e consegue incorporar outros aspectos para além do biológico, tornando-se multidimensional: o aspecto multidimensional do ser humano tratando não só o físico, o mental e o emocional, mas o espiritual.

Conforme os dados e argumentos aqui apresentados é possível perceber a afirmação – mas ainda de forma colonialista – que o Governo do Estado da Bahia faz ao instituir na PEPICS-BA a seção 4.5 que aponta para as práticas tradicionais e populares em saúde, com a valorização e visibilização dos conhecimentos trazidos e praticados pelos povos africanos traficados e submetidos à escravidão no Brasil e seus descendentes, assim como dos povos originários de cada território e outros grupos minoritários (BAHIA, 2019).

Reconhece e inclui, portanto, diferentes saberes e racionalidades na construção de uma política justa e democrática de saúde focada na diversidade étnica do Estado da Bahia que conduz para o usuário ser assistido e visto na sua singularidade seja como cidadão ocidental ou como população tradicional. Mas esta realidade multiétnica e multicultural admitida na PEPICS-BA permitirá a ressignificação do processo saúde-doença? A percepção multidimensional do ser humano permitirá construir um novo cuidado?

Por exemplo, rezas proferidas durante os benzimentos e curas espirituais os quais fazem parte da PEPICS-BA serão admitidos em protocolos terapêuticos? A PEPICS-BA que avança na equidade permite a todos os cidadãos o direito de receber, de forma complementar, cuidados de saúde conforme sua cultura e cosmovisão, sem a imposição de uma única prática médica uniforme/padronizada ou colonizadora. Adicionalmente, garantindo-se a equidade para população tradicional com acesso às abordagens previstas na PEPICS-BA ganha-se também na redução da medicalização para estes povos; reafirma-se o pertencimento e cria-se a auto-estima.

Para superar essa subalternidade em que se encontram os agentes da medicina popular, não podemos colocá-los numa hierarquia do qual uma medicina seria mais importante que a outra mas sim uma forma que faça com que as duas dialoguem de forma horizontal, para garantir a equidade aos usuários.

Sabemos que durante muitos anos, mulheres benzedoras foram tratadas de maneira desprezível, marginalizada pela sociedade sob a alegação de que seu conhecimento era informal e, portanto, indigno de reconhecimento. Porém, verifica-se que a cada dia, as benzedoras vêm conquistando seu espaço, seja na comunidade em que vivem, na cidade ou até mesmo na região.

A PEPICS-BA é o marco legal e não se reveste de auto-executoriedade, sendo, assim, necessária a regulamentação das PICS através de legislação específica elencando seus campos de ação, utilizações, etc, bem como projeto de lei que garanta recursos para sua execução com qualidade nos municípios. Falar da PEPICS-BA e das PICS em artigos e escritos acadêmicos é insuficiente pois atinge um estreito número de leitores. É preciso estabelecer uma clara e urgente interlocução com gestores públicos, população e estudantes e profissionais da área da saúde bem como publicações na mídia de massa para esclarecimento e formação de consciência política sobre direito à saúde, em especial no que concerne a Medicina popular.

2.3 BENZEDEIRAS, REZADEIRAS E CURANDEIROS: OS AGENTES DA FÉ, DA CURA E DO DOM

A prática da benção atravessou os séculos, chegando até a atualidade, com rupturas e permanências, comumente presente na vida de pessoas das classes populares, mas não somente a elas. Atualmente, a Medicina apresentou grandes avanços possibilitando que doenças que matavam pudessem ser erradicadas através das campanhas de saúde pública mantidas pelos governos, a exemplo da

vacinação contra várias dessas doenças. Diante dos avanços do saber médico-científico, não só na esfera física do corpo, mas também na esfera psicológica, se pressupõe que as práticas “mágicas” estariam excluídas. Todavia, isso não é o que a realidade mostra. Conforme Machado⁸ (2007 *apud* SILVA, 2007, p. 138) no século XXI a benzeção e o curandeirismo ainda são práticas religiosas populares, em plena vigência, mesmo que (re) significadas. Podemos então nos questionar sobre como uma prática religiosa popular tão antiga sobrevive em um mundo mais dessacralizado e tecnologicamente mais avançado?

Benzer é o ato de tornar bento e, segundo Houaiss (2010), na liturgia católica o verbo transitivo direto tem o significado de invocar, traçando o sinal da cruz no ar, ou ainda santificar ou consagrar (coisa ou pessoa) ao culto de Deus, ser favorável a abençoar, bem-fadar.

Presente nas culturas desde a Antiguidade, a benzeção se constitui em uma relação entre o sobrenatural e a medicina popular historicamente construída (DEL PRIORI, 1997), e se estabeleceu como prática que ultrapassou os tempos através da oralidade, abarcando elementos e recursos culturais próprios dos povos em que foi praticada. Como já dito anteriormente, mas que é preciso destacar, na cultura da benzeção, o corpo e o espírito se configuram como uma única unidade.

O benzimento foi, e ainda é em diversos lugares, uma prática considerada de cura bastante propagada, antiga na sociedade brasileira, remonta ao Brasil colonial, e ainda hoje é reconhecida socialmente. Essa prática envolve saberes transmitidos de geração em geração, e que é realizada principalmente por mulheres (SANTOS 2007; SILVA, 2009).

A prática é aprendida de duas formas: intuitivamente ou por ensinamentos recebidos de alguém mais velho. Nos dois casos, a aprendiz é agraciada com um dom divino e é justamente isso que a torna apta a realizar os procedimentos de cura. Seu caráter sagrado, comumente associado ao catolicismo popular, está relacionado com sua finalidade de curar doenças (SANTOS 2007; SILVA, 2009). A dor de cabeça, dor de barriga, dor de dente, ventre caído e espinhela caída, são doenças comuns que especialistas populares tratam. Uma das doenças que as pessoas mais recorrem as essas benzedeadas é o mau-olhado ou quebranto (O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas: o caso do município de Mara Rosa, Goiás, Brasil⁹).

Estas práticas mantiveram sua hegemonia até o final do século XIX, quando então é delegada aos médicos diplomados essa responsabilidade de cura

8 MACHADO, M. C. T. Associação Nacional de História – XXIV – Simpósio Nacional de História – 2007.

9 NOGUEIRA, L. C.; VERSONITO, S. M.; TRISTÃO-ELISÉE, B. das D. *Revista de Geografia da UEG*, 1 (1), 2, 2012.

(DEL PRIORE, 2007). Com a chegada da medicina científica no início do século XX, muitos praticantes da medicina popular como as benzedeiras, foram acusadas de exercerem ilegalmente a Medicina, sendo marginalizadas, perseguidas e criminalizadas. Pela persistência de suas atividades, passaram a ser consideradas como pontos de “resistência” à entrada e disseminação dos serviços médicos nas comunidades. Nesse período, a medicina popular e seus praticantes passaram a ser vistos pelo Poder Público e as elites sociais como um problema de saúde pública a ser resolvido (ROCHA, 2014).

O domínio científico eurocêntrico utiliza a sua própria experiência como padrão único superior e universal como o verdadeiro, correto, normal. Segundo Lander (2005), as outras formas de ser, de organização da sociedade, de conhecimento, são transformadas não só em diferentes, mas em carentes, arcaicas, primitivas, tradicionais, pré-modernas. São desconsideradas estas formas de conhecimento por serem inferiores e incapazes de se tornarem modernas criando no dizer de Boaventura Souza Santos “uma hierarquia de saberes” (QUIJANO, 2009).

Ainda hoje, por exemplo, no tocante à questão religiosa, muitos benzedores se sentem coagidos pela pressão das igrejas. A discriminação é constante. Algumas das formas percebidas na mudança de comportamento das benzedeiras, para continuarem com suas práticas, são, por exemplo, atenderem pessoas conhecidas ou encaminhados por estes que já eram atendidos e quando perguntados por outros, dizem que não benzem, que só fazem oração de intenção. Há uma necessidade das benzedeiras em reafirmar com frequência que são católicas, mostrar o altar (FLORESTA, 2016).

Importante levar em consideração a pesquisa realizada por Farinha (2012) que aponta que o termo curandeira é rejeitado pelas benzedeiras, e ainda que muitas não atendem quem assim as denominam. Um dos motivos para que isso ocorra segundo a autora, é a visão negativa empregada pela medicina científica ou o medo de serem acusadas de algum crime. Esse ponto pode contribuir como explicação para que a prática da benzeção não esteja no rol das práticas integrativas de saúde regulamentadas no SUS a nível federal jogando estes saberes que estão à beira da extinção a invisibilidade (ANDRADE, 2019).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, podemos reafirmar a importância da PEPICS-BA regulamentar as diversas práticas de cura dos povos tradicionais, até este

momento inseridas “num único pacote”. Ainda que de forma tímida para o tamanho e riqueza étnica do Brasil, essas iniciativas sobre as práticas contra-hegemônicas do cuidar são significativas por promover a discussão sobre o papel das MTC nas políticas de saúde, seja pela potencialidade de cura que elas possuem, por suas fundamentações invisíveis, desconhecidas e ausentes, frente aos padrões técnicos e científicos atuais, ou pela confiança, poder e legitimação que boa parte da sociedade atribui a elas e sobretudo, a garantia da equidade no direito de povos tradicionais receberem o cuidado de saúde conforme sua cultura.

Buscando ainda o diálogo com a ecologia dos saberes notam-se as ausências de espaços de encontros e troca de saberes significando o menosprezo da ciência ocidental pelos saberes populares. Neste sentido, a dimensão transversal da PEPICS-BA implica, necessariamente, para sua efetivação, em uma reviravolta que se inicia em quebrar o referencial materialista da ciência; recuperar, valorizar e incorporar os saberes das diversas Medicinas tradicionais; incentivar o reconhecimento de práticas de cura em diferentes escalas através da politização da cultura, da retomada das memórias e tradições comunitárias, institucionalização dos seus ofícios para produção democrática de outras formas de cuidado.

Sugere-se, com isso, fazer valer a PEPICS-BA mesmo com suas limitações desde o repensar da formação do profissional de saúde até a oferta de cuidados à saúde dos usuários a partir de uma lógica que considere as múltiplas identidades, dimensões humanas e diferentes práticas de cura dentro do território.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, G. O. **Mulheres negras da Montanha**: a religiosidade das benzedeiros de Rio de Contas. 2012, 247 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), PUC-SP, São Paulo, 2012.

ANDRADE, A. **O Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA)**: tecendo territorialidades de cura na disputa por saberes comuns. 164p. Dissertação de Mestrado Departamento de Geografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ANDRADE, J. T. de; COSTA, L. F. A. da. Medicina complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da Antropologia médica. **Saúde e Sociedade**, v. 19, p. 497-508, 2010.

BANDEIRA, L. C. C. **“Rotas e Raízes” de Ancestrais Itinerantes**. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: SP, 2013.

Afirmção de identidades e saberes: iniciando uma discussão sobre desafios para o Sistema Único de Saúde na inclusão da prática da Medicina Popular na Bahia
Bruna Souza de Araújo; Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

BARROS, N. F. **Medicina complementar**: uma reflexão sobre o outro lado da prática médica. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares – PMNPC**. Brasília, DF, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Brasília, DF 2006. (Série B – Textos Básicos de Saúde).

_____. Portaria/PNPICS nº 971, de 3 de maio de 2006. Dispõe sobre a aprovação da Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde, Brasília, DF. 2006. Disponível em <http://www.saude.gov.br/legislacao>.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos estratégicos. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, DF, 2007.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 702, de 21 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC, Brasília, 2018.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, 2017b. Disponível em: Acesso em: 27 nov. 2022.

BAHIA. Conselho Estadual de Saúde (CES). Resolução CES-BA nº 22 /2019, de 22 de maio de 2019. Dispõe sobre a aprovação da Política Estadual das Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde, Salvador, BA. 2019.

DEL PRIORI, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FARINHA, A. C. A benzedeira “renovada”: uma análise das práticas de benzimento em Anápolis. **IV Seminário de Pesquisa de Pós-Graduação em História**. PUC/UNB/UFG (2012).

FLORESTA, S. R. As benzedeadas do Oeste goiano: resgatando uma história. **Anais do Congresso Internacional de História: Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas**. Jataí– GO. UFG. 2016.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa**. 2010. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#0>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: _____. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, p. 8-23, 2005.

LORENZO, C. F. G. Desafios para uma bioética clínica interétnica: reflexões a partir da política de saúde indígena. **Revista Bioética**, v. 19, n. 2, p. 329-342, 2011.

LUZ, M. T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. Physis: **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 145-176, 2005. Suplemento.

MACHADO, T. M. B. **Ancestralidade em Salvador – BA.** Dissertação (Mestrado em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa). Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz, Salvador, 2008.

MARTÍNEZ, M. Conocimiento científico general y conocimiento ordinario. **Cinta de Moebio. Revista de Epistemología de Ciencias Sociales**, n. 27, 2006.

NASCIMENTO, D. G. **Tradição Discursivas Oraís: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana.** Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OTANI, M. A. P.; BARROS, N. F. A medicina integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**. n. 16 pág. 1801-1811. 2011.

PERROT, M. **As mulheres e os silêncios da história.** Bauru: EDUSC, 2005.

QUEIROZ, M. S. O itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sociais de profissionais da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, p. 363-375, 2000.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2009. p. 84-127.

ROCHA, L. S. **Eu te benzo, eu te curo.** Saberes e práticas de Benzedoras de Maceió – AL. 86f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. **Fidalgos e filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755.** Brasília: UnB, 1981.

SANTOS, F. V. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN.** 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SILVA, C. S. Rezadeiras: guardiãs da memória. **ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 5., 2009, Salvador. Anais. Salvador: UFBA, 2009.

Afirmção de identidades e saberes: iniciando uma discussão sobre desafios para o Sistema Único de Saúde na inclusão da prática da Medicina Popular na Bahia
Bruna Souza de Araújo; Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

SILVA, G. S. Um cotidiano partilhado: Entre práticas e representações de Raizeiros e Benzedeiros (Remanescente de Quilombo de Santana da Caatinga – MG / 1999 – 2007). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós – Graduação em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

TESSER, C. D.; BARROS, N. F. de. Medicalização social e medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do Sistema Único de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, p. 914-920, 2008.

COMPLEXO DA LAGOA DO PRATO RASO, BAHIA: REVISITANDO APÓS 10 ANOS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR, POLUIÇÃO E DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

Gabriella Ferreira Rocha¹
Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni²

1. INTRODUÇÃO:

Em abril de 2013 ficamos tristes com o aterro e a terraplenagem de parte que restava do Complexo Lagoa do Prato Raso, para aceleradas urbanização e construções. Tínhamos acabado de fazer um estudo de observação no local e vimos pouco tempo depois a “morte” daquele pequeno remanescente da lagoa. Agora em 2023, dez anos depois, voltamos a olhar este mesmo local. E o que encontramos? Construções imensas, aterro, persistência das ocupações irregulares, poluição e degradação ambiental. Fala-se em “processo de revitalização” (revitalização ou apenas controlar o espaço público? Mas que vida se vê ali? Em Feira de Santana o modelo de crescimento predatório não passou despercebido e por isso a inquietação de alguns pesquisadores sobre as lagoas, as fontes, os rios, os mananciais da cidade que um dia já foi chamada de “Sant’ana dos Olhos D’água” (GOMES, 2022).

O município de Feira de Santana é o segundo município mais populoso da Bahia, perdendo em densidade demográfica apenas para a cidade de Salvador; em 2009, sua população era de 591.707 habitantes (IBGE 2010) e população estimada para 2021 de 624.107 pessoas. Está localizado numa região de transição entre a faixa litorânea e o semiárido baiano, aproximadamente 108 km a noroeste de Salvador, capital do Estado da Bahia. Possui Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,712. Atualmente, cobre uma área de 1.304,425 km², sendo 111 km² sede municipal, 96% no polígono das secas, e apresenta clima quente e úmido, com chuvas de verão, e temperatura média anual de 24°C. Devido a posição intermediária, são frequentes as precipitações de abril a junho e de setembro a dezembro que em associação com as características pedológicas e geológicas favoreceram o aparecimento de inúmeras lagoas e nascentes, possibilitando o povoamento e estabelecimento uma economia e cultura peculiares ligada à pecuária que caracterizou a cidade até por volta dos anos 80 (FEIRA DE SANTANA, 2009a; GAMA, 2009; SANTO, 2003; IBGE, 2010).

A partir de 1970 o desenvolvimento do município começou a ser confirmado a partir de resultados de algumas mudanças estruturais como

1 Estudante de Biologia da UEFS.

2 Professora do DCBIO da UEFS.

implantação de polo industrial, criação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), incremento comercial, entre outros (MORAIS, 2004). E um dos resultados mais impactantes do progresso malplanejado de Feira de Santana é visto no meio ambiente (SILVA, 2019), em espacial, na sua maior riqueza: as lagoas.

Segundo Poppino (1968), a origem e o povoamento de Feira de Santana teve início por volta do século XVI, sendo seu primeiro núcleo habitacional datado de 1624 (VARGAS, 2008). Em 16 de junho de 1873, por força da Lei nº 1.320, a vila do Arraial de Feira de Santana ganhou status de cidade. Sua urbanização foi acelerada desde então. Cerca de meio século depois, a fazenda “Sant’Anna dos Olhos D’Água” – alusão à abundância de corpos hídricos que englobavam o Complexo de Lagoas do Prato Raso, na Queimadinha – foi adquirida por um casal de portugueses, o Tenente Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão (SANTO, 2003). Vaqueiros e tropeiros passaram, então, a conduzir seus rebanhos para a atual região de Feira de Santana devido à sua localização, à existência de excelentes pastagens e ao fato da região ser banhada por três rios – Pojuca, Jacuípe e Subaé – e inúmeros riachos (VARGAS, 2008).

Especificamente sobre a localização, Feira de Santana está sobre o tabuleiro que serve de divisor de águas de três sub-bacias hidrográficas, as do rio Jacuípe, do rio Pojuca e do rio Subaé, e também pelo Rio Aguadas. O regime hidrológico na região é responsável pelo controle da dinâmica hídrica das lagoas, que chegam a cerca de 52, localizadas em áreas urbanas e rurais (por exemplo, Lagoas Salgada, Subaé, Geladinho, Prato Raso, Registro, Pindoba, Peixe, Taboa e Pirixi – a grande maioria estão praticamente mortas), destacando-se as do Prato Raso, Pindoba, Salgada, Subaé e Lagoa Grande. Essas lagoas são elípticas com o maior eixo variando entre 0,25 e 2 km, e funcionam como fonte de retroalimentação das águas subterrâneas do município. Entretanto, estão sendo degradadas principalmente pela contaminação da água, pelo esgoto doméstico e industrial, pela extração indiscriminada de areia e argila, e pelo aterro para construção de moradias irregulares, numa lógica perversa e sem planejamento de produção do espaço (FRANCA-ROCHA; NOLASCO, 1998; GAMA, 2009; FREITAS; RIBEIRO; SANTOS, 2015). Ainda assim, elas continuam exercendo um papel importante no equilíbrio do ecossistema regional, funcionando como reguladores térmicos, e em vários aspectos relativos à fauna, à vegetação e ao sistema hídrico da região (FRANCA-ROCHA; NOLASCO, 1998).

As lagoas feirenses são protegidas pelo Código Municipal do Meio Ambiente, o que presume sua preservação e fiscalização pelo Poder Público Municipal. Essa ausência e o descaso facilitaram a degradação, em especial nos

últimos 30 anos, e mesmo com o Código Municipal as pessoas ocuparam as áreas em torno das lagoas onde também despejam esgotos e lixo contribuindo para a sua degradação. E assim, chegou-se a terrível constatação, segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Feira de Santana, de que das 120 lagoas do município, restam apenas 60 lagoas com uma perda de 50% dos mananciais (SILVA, 2019; RILEY *et al.*, 2022).

O Complexo de Lagoas do Prato Raso (CLPR), apesar de ser um dos menores em extensão, é o que está situado mais próximo ao centro comercial urbano de Feira de Santana e da rotatória do anel de contorno que dá acesso a diversas rodovias federais e estaduais que cruzam a cidade. A drenagem das lagoas do CLPR conduz ao rio Jacuípe, nas proximidades do lago formado pela barragem Pedra do Cavalo, que abastece Salvador, Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos, Conceição da Feira, Cachoeira e outras cidades da região (VARGAS, 2008).

As maiores lagoas do Complexo são a Lagoa do Prato Raso e a Lagoa do Geladinho, que integram a Bacia do Rio Jacuípe. A Lagoa do Geladinho, que na década de 70 já era usada para o abastecimento de algumas residências do bairro Baraúnas e para lavagem de automóveis e animais de tração (cavalos), é referida por antigos moradores como parte integrante da Lagoa do Prato Raso, que foi fragmentada em dois corpos d'água após a construção da Avenida José Falcão da Silva. A lâmina d'água da Lagoa do Geladinho ficou na parte inferior-central e a da Lagoa do Prato Raso ficou do outro lado da avenida, não havendo mais contato entre elas (DINIZ *et al.*, 2009; RODRIGUES, 2008).

A Fonte da Queimadinha e a Lagoa do Prato Raso eram utilizadas pela população desde a construção da capela de Sant'Ana, em 1723-1733 (FRANCA-ROCHA; NOLASCO, 1998) e, até meados do século XX, essas nascentes continuaram sendo fontes para o abastecimento de água na região. A ocupação das lagoas que formam o CLPR é antiga, iniciada na década de 1940, com a implantação dos loteamentos Afonso Martins, Jardim Recreio e Guaraça (Rodrigues, 2008). A partir de 1952, com a ampliação dos sistemas de água encanada, o CLPR passou a sofrer maiores intervenções antrópicas. Seus corpos d'água começaram a receber esgotos domésticos e, a partir da década de 1970, despejos industriais.

No final da década de 1980, o processo de ocupação do CLPR foi impulsionado pela implantação do núcleo habitacional popular Projeto Planolar (sancionado em 1977, Lei nº 825, a qual apresenta a criação do Plano Municipal de Habitação Popular (PLANOLAR), elaborado pela Prefeitura Municipal

(BRITO, 2019) e que promoveu o aterro contínuo em direção a lagoa (FRANCA-ROCHA; NOLASCO, 1998).

Em meio a bairros grandes e populosos, como Queimadinha, Cidade Nova e o Centro de Feira de Santana, a Lagoa do Prato Raso, objeto deste estudo, está exposta a pressões antrópicas que a tornam mais vulnerável a agressões ambientais (VARGAS, 2008) e à pressão imobiliária no seu entorno. A pressão por moradia tem levado à ocupação irregular da área de preservação permanente na Lagoa, e a falta de fiscalização e de meios de coerção eficientes vem permitindo o aterro das margens da lagoa e de seu leito para a construção de casas residenciais e estabelecimentos empresariais (VARGAS, 2008). Até cerca de 20 anos atrás, o CLPR ainda era utilizado pela comunidade local como fonte de água e lazer para as crianças, ponto para a lavagem de animais, de utensílios domésticos, de roupas, de automóveis, etc. Atualmente, no entanto, o CLPR está dentre as áreas mais contaminadas de Feira de Santana e seus corpos de lagoas recebem entulhos de construções e esgotos domésticos e comerciais clandestinos, além de lixo e resíduos sólidos de todo tipo oriundos de conjuntos habitacionais nos seus arredores (FRANCA-ROCHA; NOLASCO, 1998; RODRIGUES, 2008).

A Lagoa do Prato Raso é formada e alimentada pelos fluxos de água da Fonte do Buraco Doce, composta por nove surgências d'água, e da Fonte de Lili, além de alguns aquíferos dentro das áreas da lagoa. Suas nascentes estão localizadas na Fonte de Lili, próxima à Rua da Concórdia e na Fonte Sete de Setembro, localizada na comunidade de mesmo nome, próxima ao Conjunto Wilson Falcão (RODRIGUES, 2008). As águas dessas fontes drenam para a Lagoa do Prato Raso, que desemboca no Riacho Principal, conhecido como Três Riachos, um afluente do rio Jacuípe, passando sob a Av. José Falcão da Silva por meio de um tubo. O Riacho Principal foi canalizado a partir da Lagoa do Prato Raso. As águas percorrem o leito do Canal de Macro Drenagem, ao longo da Avenida do Canal, que integra a rede coletora de esgotos da Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A. (EMBASA), passando pela Estação de Tratamento de Esgotos (ETE), próxima ao anel de contorno, onde sofreu modificação em seu curso. Após tratamento, o Riacho Principal recebe o efluente da lagoa de estabilização e é drenado para o rio Jacuípe (FRANCA-ROCHA; NOLASCO, 1998).

A relação direta entre meio ambiente e qualidade de vida é indiscutível, tanto do ponto de vista dos recursos naturais, como disponibilidade de mananciais de água, solos propícios à vegetação e clima, como de recursos artificiais, como saneamento básico (tratamento de água e esgotos ou destinação adequada de

resíduos), uso e ocupação adequada do solo e de outros recursos naturais necessários à manutenção de condições aceitáveis de qualidade de vida (QUEIROZ; CASTRO; ASSIS, 2004). No entanto, Feira de Santana, como a maioria das cidades que surgem por exploração, foi ocupada sem a devida preocupação com o meio ambiente. Sua vegetação original foi substituída por pastagens, e os rios, lagoas e água subterrânea, exaustivamente explorados e degradados (SANTO, 2003). A população utiliza diversos tipos de fossas, construídas sem respeitar as normas técnicas, como alternativas para dispersão do esgoto sanitário. Todavia, muitas casas no entorno das lagoas não possuem nem mesmo fossas e dispersam o esgoto nas ruas a céu aberto ou nas lagoas. A presença do serviço público de abastecimento de água acentua a necessidade de coleta, afastamento e disposição adequada das águas servidas, pois elas acabam poluindo o solo, contaminando as águas superficiais e o lençol freático, e frequentemente escoam por sarjetas e valas, tornando-se foco para a disseminação de doenças (D'AGUILA *et al.*, 2000).

O meio ambiente necessita de cuidados especiais para evitar a proliferação de vetores de doenças, ao mesmo tempo em que ações educativas e de prevenção específica para conservação dos recursos naturais devem ser desenvolvidas (QUEIROZ; CASTRO; ASSIS, 2004). Feira de Santana carece de estudos e projetos que subsidiem suas comunidades no tocante ao despejo de efluentes domésticos, um dos maiores veículos de doenças. Diante da necessidade de se conhecer um pouco mais o CLPR, assim como as consequências de sua ocupação irregular, é importante estimular os distintos segmentos da sociedade a uma reflexão mais acurada acerca da importância desse recurso natural para o Município e, também, à criação de políticas públicas, principalmente na área ambiental e de saúde, visando minimizar esse tipo de impacto socioambiental.

Dessa maneira, o presente estudo tem por objetivo rever de forma comparativa o processo de invasão e degradação da Lagoa do Prato Raso, bem como as consequências geradas pela ausência de saneamento básico na região. Ele pretende, também, estabelecer uma relação entre o passado recente e o presente do CLPR e ressaltar a desvalorização da natureza com a mercantilização de espaços naturais.

2. MÉTODOS:

2.1 TIPO DE ESTUDO:

Foi realizado um estudo qualitativo de caráter observacional descritivo, que segundo Minayo (2004), não requer quantificações estatísticas, estando sob foco da fenomenologia, pois trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes, opiniões e acima de tudo, realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza. Foi utilizada a modalidade de observador total, sem interação, buscando apreender a realidade local e, em última instância, atingir uma variedade de situações pela percepção do observador, levando a limitações, dentre as quais estão a capacidade de percepção individual diferenciada e o fato de apenas o observador ser fonte de dados.

2.2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA:

Este estudo observacional foi realizado em 2013 pela visualização socioambiental do CLPR, de modo a viabilizar sua descrição e análise através da observação das diferentes condições identificadas nesta micro área: cobertura vegetal, saneamento básico, poluição, exposição a riscos à saúde humana e urbanização.

Como aporte teórico, foi realizado um levantamento bibliográfico em livros, consultas em periódicos e revistas especializadas, documentos e relatórios da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Naturais, e de pesquisas da Universidade Estadual de Feira de Santana, trabalhos monográficos e dissertações. Foram realizadas pesquisas em bases eletrônicas de dados usando como descritores isolados ou em combinação: meio ambiente, saúde, saneamento básico, saúde da criança, vetores, resíduos sólidos, poluição, preservação ambiental, parasitoses, história de Feira de Santana.

2.3 LOCAL DA PESQUISA:

O CLPR está localizado no centro de Feira de Santana, ao longo da Avenida José Falcão. É formado por três corpos de lagoas com características semelhantes. A área que está sendo tratada aqui é limitada a oeste pela Av. José Falcão da Silva, ao norte pelo conjunto Milton Gomes e ao sul e leste pelo bairro da Queimadinha, correspondendo à Lagoa do Prato Raso (FRANCA-ROCHA; NOLASCO, 1998). O bairro da Queimadinha possui cerca de 50.000 habitantes, com densidade populacional de 23,584 hab.km⁻² (RODRIGUES, 2008).

Foram três pontos onde ocorreram as visitas e observações (*starting point*). Os critérios de escolha desses pontos foram: 1- proximidade com áreas ocupadas; 2- maior índice de deterioração da cobertura vegetal; 3- acúmulo de resíduos sólidos e águas servidas. Buscando evitar que residentes fiquem estigmatizados, nomes de ruas não foram incluídos nem citados neste estudo.

2.4 COLETA DE DADOS:

Inicialmente, foram determinados três pontos de partida (*starting point*) para início das observações e coleta de dados focando apenas o local mais impactado, e evitando a repetição das observações (ALVES *et al.*, 1999). Por princípios bioéticos, evitou-se a interação com os residentes, fazendo uso de interpretação autoguiada do local, seguindo a indicação de mapas e imagens na literatura e placas locais (TEIXEIRA, 2003). A partir daí, foram definidos os horários e o tempo-ótimo de observação, conforme recomendação de Alves *et al.* (1999). Após várias tentativas cronometradas, o tempo de 30 min., em turnos diferentes, foi considerado suficiente para atender aos objetivos da pesquisa; o turno noturno não foi incluído por questões de segurança, devido alto índice de criminalidade na região.

A partir dos três pontos de partida, foram realizados três momentos de observação evidenciando a distribuição da cobertura vegetal, saneamento básico, poluição, exposição da população a situações de risco à saúde e urbanização³.

2.5 ANÁLISE DOS DADOS:

A comparação dos registros fotográficos com dados bibliográficos destacou os temas e subtemas mais relevantes para a pesquisa. De modo a evitar precipitações e conclusões ilegítimas, não foram realizadas generalizações (veja TANAKA *et al.*, 1999).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Um dos grandes problemas ambientais de Feira de Santana diz respeito às suas lagoas e nascentes, as quais são marcadas pela degradação por meio da retirada da vegetação nativa, construções irregulares, invasões de áreas públicas,

3 O método utilizado neste estudo constitui um instrumento válido para evidenciar as desigualdades locais e auxiliar na avaliação da situação de saúde ambiental. Intervenções a partir dos resultados aqui apresentados deverão ser antecipadas por planejamento, com monitoramento e avaliação contínuos das ações, seja em saúde, seja em meio ambiente, de forma a diminuir iniquidades.

aterro e despejo de resíduos domésticos. A Lagoa do Prato Raso encontra-se nesta situação, somada à visão social sobre a estética, sendo qualificada como “feia” ou “local perigoso”. Há uma grande concentração populacional na região, explicada por sua localização no centro da cidade, facilitando o acesso às comodidades urbanas, associada à proximidade de conjuntos habitacionais de classe média, permitindo que parte da mão de obra local seja absorvida em empregos domésticos (RODRIGUES, 2000).

Atualmente uma parte da Lagoa do Geladinho foi urbanizada com a implantação de um pequeno parque de lazer – Parque da Lagoa Radialista Erivaldo Cerqueira – , com espaços para crianças, pista de caminhada, arborização e equipamentos públicos para atividade física. Há um remanescente da lagoa, conservando vegetação natural, porém, espremida entre passeio e Avenida José Falcão da Silva (que dividiu a lagoa em duas por intervenção do Estado décadas atrás ao aterrar parte da lagoa para sua construção da BR 116), e grande construção comercial, além de propriedades privadas variadas (FREITAS; RIBEIRO; SANTOS, 2015).

A população residente pode ser caracterizada como pobres, de baixo poder aquisitivo e baixa escolaridade, caracterizando uma homogeneidade socioeconômica em conjugação a uma desarmonia paisagística, com alto grau de ocupação do solo sem planejamento e destinação incorreta de resíduos sólidos e águas servidas. Em 2013 não foram identificadas instituições e/ou organizações locais que estivessem vinculadas à implementação de estratégias de promoção da saúde da população local, como a Unidade de Saúde da Família ou a Associação de Moradores, que pudessem atuar como base para o fortalecimento da identidade e da cidadania, especialmente nas questões relacionadas à qualidade de vida.

Conforme a I Conferência Mundial (OTTAWA, 1986), no Canadá, a promoção da saúde depende de um processo de capacitação da comunidade para que ela possa atuar na melhoria da própria qualidade de vida, incluindo maior participação da população no controle deste processo. Assim, a concepção de saúde refere-se a seus determinantes sociais, e também, à possibilidade de intervenções que possibilitem decisões integradas, que extrapolem o setor da saúde. Reforça-se o controle social como estratégia para participação da sociedade civil na gestão de políticas públicas, contribuindo para o empoderamento da população, mudando a sua realidade (CHIESA; WESTPHAL; KASHIWAGI, 2002).

Bodstein (2002) corrobora a ideia de que mudanças no desempenho e, portanto, na gestão de programas e projetos de saúde, podem promover uma nova institucionalidade e maior responsabilidade pública, conseqüentemente, maior participação e controle social. Com isso, a população passaria a desenvolver atividades centradas na perspectiva da valorização do local no qual está inserida, explorando assim as potencialidades da Lagoa do Prato Raso.

Verificou-se, na área da Lagoa, a presença de macrófitas aquáticas – taboas (*Typha subulata.*), vitorinhas (*Nymphaea sp.*), juncos – de importância ecológica no tocante à capacidade de estabelecer conectividade entre os ecossistemas aquático e terrestre adjacentes. Essas plantas são responsáveis pela absorção de nutrientes das partes profundas do sedimento. Por fornecerem hábitat variado e abrigarem larvas de peixes, ampliando a disponibilidade de nichos, e por fornecerem locais sombreados para as formas mais sensíveis à radiação solar, elas também constituem fonte de alimento para algumas espécies de aves e mamíferos aquáticos (PROBIO, 2010). Também possuem um importante papel bioindicador. As taboas encontradas em grande quantidade na lagoa, por exemplo, indicam a presença de solo úmido ou pantanoso, comuns em estádios sucessionais de ecossistemas aquáticos. Em 2013, a Lagoa do Prato Raso apresentava uma flora característica de ambientes lacustres eutrofizados, formada por espécies popularmente conhecidas como baronesas [*Eichhorniacrassipes* (Mart.) Solms], que caracterizam os corpos hídricos enriquecidos por nutrientes (PROBIO, 2010).

A quantidade e a distribuição da cobertura vegetal em categorias – herbácea, arbustiva ou arbórea – afetam a regulação térmica local, a qualidade do ar, o escoamento superficial e a qualidade da água, entre outros aspectos ambientais (MOURA; NUCCI, 2005). De acordo com Rodrigues (2000), foi possível constatar a sucessão ecológica na região, desencadeada a partir da eutrofização da lagoa e que se manifesta pelo aumento no número de baronesas. Essas plantas estavam recobrando todo o espelho d'água, impedindo a penetração dos raios solares e acarretando a morte da fauna pela impossibilidade de trocas gasosas com o ar atmosférico. Assim, a fauna e flora originais estavam sendo substituídas por outras comunidades vegetais e animais, que se instalavam no entorno da Lagoa, em especial mamona e gramíneas diversas. A reintrodução de espécies nativas e o replantio da área de mata ciliar, além de políticas sociais de amparo à população residente, incluindo cobertura dos serviços de saúde e educação deveriam ter sido implementadas.

Constatou-se em 2013 que a área estudada carece de condições básicas de saneamento, não só água e esgoto, mas de limpeza pública, apresentando

grande quantidade de lixo espalhado pelas ruas, em terrenos baldios e próximo às casas, decorrente da deficiência na coleta de lixo. O lixo é basicamente constituído por resíduos domésticos, entulho de construções, podas de árvores, móveis velhos, e também ferragens de automóveis abandonadas. Durante as observações em 2013, foi possível nas caminhadas nas ruas sentir o mau odor característico do esgoto não tratado e da decomposição do lixo descartado a céu aberto.

Essa disposição inadequada, além de causar o empobrecimento da paisagem e prejudicar a estética do local, atrai animais que podem ser vetores de doenças para os moradores, como roedores, cães e insetos em especial mosquitos. O acúmulo de água favorece a reprodução do mosquito *Aedes aegypti* Linnaeus, 1762, transmissor da dengue, e a presença do molusco hospedeiro intermediário do *Schistosoma mansoni* Sambon, 1907, pode promover casos de esquistossomose.

A contaminação das águas conduz a contaminação também do lençol freático pela descarga contínua de esgoto doméstico sem tratamento e de lixo disposto, carreando poluentes como compostos orgânicos e inorgânicos e patógenos, como bactérias e vírus, que causam prejuízos à saúde pública.

A contaminação do lençol freático seja por fossas construídas sem respeitar as normas técnicas, o uso indevido da rede de captação pluvial para descarte de dejetos residenciais líquidos, associados aos fatores já citados anteriormente, comprometem as lagoas que tornam-se foco de doenças relacionadas à água.

Conforme Freitas, Ribeiro e Santos (2015) citando Queiroz⁴ (2002, p. 5), “as águas da Lagoa do Prato Raso estão contaminadas por metais pesados, como mercúrio, cobre, zinco, chumbo, cromo, níquel, cobalto, entre outros considerados letais ao organismo humano, sendo absorvidos pelas argilas do fundo da lagoa [...]”.

A falta de pavimentação das ruas permite o aparecimento de poças provenientes do afloramento do lençol freático. A água que aflora se mistura ao esgoto que corre a céu aberto e à água da chuva, comprometendo ainda mais a situação ambiental. Segundo Rodrigues (2000), 33% das moradias na região encontram-se dentro da área da lagoa. Considerando que 58,69% dessas habitações lançam esgoto na lagoa e 11% dos moradores fazem uso da lagoa para lazer, é de se esperar que a população apresente doenças associadas a condições inadequadas de saneamento básico.

4 QUEIROZ, C. M. B. **Qualidade de vida e políticas públicas no município de Feira de Santana**. São Paulo: Mimeo, 2002.

Os moradores se defendem e alegam ter “consciência de que o lugar não é o mais adequado para as instalações de moradia”, e permanecem “por falta de opção de onde morar, o que revela uma situação de exclusão socioespacial” (FREITAS; RIBEIRO; SANTOS, 2015).

De acordo com a Lei Municipal Complementar nº 1.612/92 (FEIRA DE SANTANA, 1992), artigo 75, incisos 1º e 2º, que rege casos onde não há sistema de esgotamento sanitário, cabe ao incorporador prover toda a infraestrutura necessária – incluindo o tratamento dos esgotos – à empresa concessionária. Neste caso, a responsabilidade pela operação e manutenção da rede e das instalações do sistema caberia à EMBASA. Caso não haja redes de esgoto, é permitido o tratamento com dispositivos individuais, como fossas sépticas, desde que afastados do lençol freático e obedecendo aos critérios estabelecidos na norma da ABNT 7229. Todavia, apenas uma pequena parcela da população residente na área possui fossa séptica, o que evidencia o não cumprimento da lei e a falta de fiscalização. Segundo informações o bairro Queimadinha, onde a Lagoa do Prato Raso está inserida, já teria desde 2013 a distribuição de água tratada pela EMBASA. Como esta área foi sendo ocupada de maneira ilegal, a resolução dos problemas de saneamento ocorrem de maneira lenta. Nos dias atuais, esse abastecimento ainda atinge toda a população local ou muitas casas ainda continuam fazendo uso de poços?

Os principais problemas de poluição e extinção das lagoas de Feira de Santana são decorrentes de invasões, depósito irregular de lixo urbano – com restos de alimentos dispostos inadequadamente (DONALÍSIO; GLASSER, 2001), lançamento de esgoto sanitário sem tratamento e aterro para construção de moradias e espaços comerciais. A ocupação irregular de áreas de preservação permanente merece ainda mais atenção, visto que ela indica as fragilidades do sistema de proteção a esses espaços (VARGAS, 2008).

A Constituição Federal, Capítulo VI do Meio Ambiente, artigo nº 225, diz que toda população tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, essencial à qualidade de vida, cabendo ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo. No entanto, por se tratar de uma população pobre, carente e frágil, de baixa escolaridade, que não possui recursos para aquisição de terras legalizadas, o poder público local não se responsabiliza no que toca às ações efetivas de habitação popular, demonstrando certo descaso com quem mais precisa.

Segundo Martins *et al.* (2001), mesmo apresentando concentrações abaixo dos níveis permitidos pelos órgãos competentes, a poluição atmosférica pode afetar significativamente a vida dos seres terrestres. Pelo fato da Lagoa estar

localizada no centro da cidade de Feira de Santana onde passa uma movimentada avenida com conexão com a BR 116 Norte, observa-se um alto teor de poluição atmosférica devido ao fluxo intenso de veículos no local, o que também contribui para piorar a qualidade de vida local.

Em síntese, era revoltante observar em 2013 a exposição da população local a doenças, oriundas do ar, o solo, da água e das más condições de moradia. A população estava em contato direto, através da inalação de poeira, gases e vapores dos resíduos e até mesmo do solo, contaminado por resíduos, esgoto e fezes. No período das visitas, a área apresentava alagadiços, com crianças brincando nas poças e algumas tomando banho na lagoa.

O processo de ocupação humana de forma desordenada tornou a Lagoa insalubre, contaminada e poluída, colocando em risco a saúde dos seus próprios moradores. As construções precárias, não tendo sendo realizadas de maneira correta, com as ruas sem calçamento, e, falta de saneamento básico. Com isso, os bairros mais carentes de Feira de Santana apresentam um histórico e condições epidemiológicas bastante favoráveis à proliferação de doenças gastrointestinais e parasitoses.

O Plano de Ações das Lagoas de Feira de Santana (FEIRA DE SANTANA, 2008) previa ações que melhorassem as condições de moradia da população em áreas degradadas: regularização no fornecimento de energia, água tratada, sistema de esgotamento sanitário, coleta de lixo, relocação de parte dos moradores para outras áreas, educação ambiental, áreas de lazer e área verde. Essas ações deveriam promover melhorias nas condições ambientais, sociais e de saúde. Foram colocadas em prática ao longo destes 10 anos?

Com a urbanização às margens da Lagoa do Prato Raso, com desmatamento da mata ciliar e conseqüente assoreamento do corpo hídrico, lançamento de esgotos e águas pluviais, impactam e conduzem a mudanças no nível do lençol freático, podendo ocorrer contaminação, redução ou seu esgotamento. Deve-se destacar, conforme observado em 2013 uma redução do espelho d'água devido ao aterro da margem da lagoa e o loteamento de uma extensa área, sendo que muitos desses terrenos estão sendo preparados para construção e/ou comercialização, com disposição de entulhos e retirada da vegetação nativa. Em muitos terrenos, ainda não construídos, percebeu-se a presença de poças de água possivelmente decorrente do afloramento da lagoa, que resistia.

A ocupação clandestina residencial era clara. A maioria das casas são construídas dentro da lagoa, são de alvenaria, sem reboco nem forro; alguns

terrenos são delimitados por divisões de madeira. São construções simples, grande parte sem pintura e, principalmente, sem esgotamento sanitário, lançando seus dejetos a céu aberto.

O processo de ocupação da Lagoa ganhou impulso, em meados da década de 1980, com a implantação, pela Prefeitura Municipal, de um núcleo habitacional popular no loteamento Jardim Recreio, vizinho ao condomínio José Falcão da Silva, ao qual se deu o nome de Plano Municipal de Habitação Popular (PLANOLAR). A ocupação da lagoa, inicialmente planejada, tornou-se então desordenada e com forte adensamento (OLIVEIRA; COSTA NETO, 2006). O PLANOLAR foi criado num momento em que Feira de Santana crescia demograficamente com o objetivo de favorecer o acesso da população mais pobre à casa própria (BRITO, 2019). A administração municipal promoveu a distribuição de lotes com áreas em torno de 10 m² para famílias de baixa renda, juntamente com materiais de construção para uma unidade básica a serem construída pelos adquirentes por meio de processo de autoconstrução nas horas livres (OLIVEIRA; COSTA NETO, 2006).

Um diagnóstico sobre o bairro da Queimadinha foi realizado pela Prefeitura Municipal em 2008 que identificou a existência de 804 imóveis, dos quais apenas 489 foram cadastrados. Desses imóveis, 48,26% são unidades unifamiliares, 9,20% multifamiliares (com duas a quatro famílias) e 1,62% são de imóveis mistos (com uso residencial e comercial); 0,87% são imóveis comerciais e 0,87%, de serviços (VARGAS, 2008). Até 2013, a maioria das casas possuíam energia elétrica fornecida pela Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba). Nas ruas, em 2013 eram vistos muitos telefones públicos, demonstrando que a população da área possui ajuda de órgãos aliados a prefeitura, apesar de estarem inseridos em uma Área Sujeita a Regime Específico – subcategoria de Áreas de Preservação dos Recursos Naturais, definida pela Lei Municipal Complementar nº 041, alterada pela Lei Complementar nº 042, de 11 de novembro de 2009, Código do Meio Ambiente, artigo 73 (FEIRA DE SANTANA, 2009b).

Estava claro o cenário de degradação e a necessidade de uma aproximação dos diferentes setores públicos capazes de desenhar ações multidisciplinares articuladas para solucionar ou amenizar os problemas apontados aqui, conhecidos até 2013. Uma ampla interferência socioeconômico-ambiental no Complexo de Lagoas do Prato Raso poderia ter sido feita para minimizar o descaso histórico com essa região ainda que Almeida (1992, p. 10), citado por Freitas, Ribeiro e Santos (2015) esclareça que “os altos níveis de degradação das lagoas, localizadas no perímetro urbano de Feira de Santana,

chegam a ultrapassar os limiares da recuperação natural, mesmo que cessem os impactos [...]”.

Em 1855 a epidemia de *cólera morbus* chegou em Feira de Santana e o perfil social da população mais atingida pela epidemia foram os indigentes e desvalidos, ou seja, os pobres (SILVA, 2000).

Boletins epidemiológicos anunciam o vibrião da cólera isolado em Feira de Santana em fevereiro de 2023 em amostras das águas da Lagoa do Geladinho. A morte de peixes da espécie Akari (cascudo) levantou suspeitas e pesquisa em duas amostras de água da lagoa confirmou o vibrio e assim a lagoa foi interditada mediante o resultado atestado pelo Laboratório Central (Lacen). Foi criado o Comitê de Enfrentamento e Ações de Combate à Cólera, formado por representantes da Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde e da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Em 2003, Barboni encontrou víbrios em amostra de águas estuarinas e moluscos bivalves contaminados em municípios da área de influência da Baía de Todos os Santos e Valença (Feira de Santana foi incluída no estudo). Dezesete cepas *Vibrio cholerae* não-O1 não-O139 foram isoladas e todas apresentavam os cassetes de virulência incompletos, especialmente pela ausência dos genes *ctxA* e *tcpA*. Os dendrogramas de similaridade genética intraespecífica mostraram que havia diversidade genética entre as espécies e cepas bacterianas isoladas sendo indicada o monitoramento de Vigilância Epidemiológica dos perfis genotípicos de outras amostras ao longo do tempo.

... Tão rapidamente dez anos se passaram, vivemos tantas coisas e até uma pandemia. Mas para o CLPR nada mudou... a degradação, o aterro e a poluição deram continuidade a seu curso destrutivo.

Aqui está em jogo toda uma cidade e as vidas humanas diretamente ligadas a CLPR. É preciso pensar no futuro com responsabilidade e suas possibilidades. A ignorância, a astúcia e a mentira jogaram nas riquezas hídricas da cidade um mar de lixo e esgotos e tenta ressignificar o estrago falando em “revitalização”, criando mais espaços urbanos, destruindo a vegetação nativa, ocupando o espaço sem planejamento. Visto desse prisma, o cenário é triste e decadente. Visto do prisma da honestidade e da responsabilidade ainda há tempo!

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, J. A. P. **Estudo morodinâmico do sítio urbano de Feira de Santana.** Dissertação de Mestrado. UFBA. Salvador; Bahia, 1992.
- ALVES, P. B.; KOLLER, S. H; SILVA, A. S.; REPPOLD, C. T.; SANTOS, C. L.; BICHINHO, G. S.; PRADE, L. T.; SILVA, M. R. A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: criando um manual de codificação de atividades cotidianas. **Estudos de Psicologia**, 4(2): 289–310. 1999.
- BARBONI, S. de A. V. **Ocorrência de *Vibrio spp.* potencialmente patogênicos em moluscos bivalves comercializados nos anos 2000 a 2002 nos municípios da área de influência da Baía de Todos os Santos e Valença, Bahia – Brasil.** Tese (Doutorado) Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2003. Disponível em: http://cris.uefs.br/pdfs/barboni_2003.pdf.
- BODSTEIN, R. Atenção básica na agenda da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 3: 401-412. 2002.
- BRITO, P. S. (2019). As bases legais da política de habitação de interesse social em Feira de Santana. **Sitientibus**, (56). <https://doi.org/10.13102/sitientibus.v0i56.4631>.
- RILEY, M. C.; SOUZA, A. da S.; JESUS, T. B. de; SANTOS, L. T. S. de O. Análise da qualidade da água superficial das lagoas Grande e Salgada em Feira de Santana – BA. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 44, p. 162-193, 2022.
- CHIESA, M. A.; WESTPHAL, M. F.; KASHIWAGI, N. M. Geoprocessamento e a promoção da saúde: desigualdades sociais e ambientais em São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, 36(5): 559–567. 2002.
- D’AGUILA, P. S.; ROQUE; O. C. C.; MIRANDA, C. A. S.; FERREIRA, A. P. Avaliação da qualidade de água para abastecimento público do município de Nova Iguaçu. **Cadernos de Saúde Pública**, 16: 791–798. 2000.
- DINIZ, A. F.; SILVA, A. H. D.; SANTOS, C. S.; SANTOS, F. R.; ROCHA, J. S.; PEREIRA, M. C. R.; SILVA, M. S.; CARNEIRO, R. T. O. Impactos ambientais no entorno da Lagoa do Geladinho – Complexo da Lagoa do Prato Raso em Feira de Santana (Bahia). **Revista Sitientibus**, 2009.
- DONALÍSIO, M. R.; GLASSER, C. M. Relação entre poluição atmosférica e atendimentos por infecção de vias aéreas superiores no município de São Paulo: avaliação do rodízio de veículos. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 4(3): 220–229. 2001.
- FEIRA DE SANTANA. Lei Complementar n. 1.612 de 1992. Código do Meio Ambiente de Feira de Santana. Câmara de Vereadores de Feira de Santana. 1992.

Complexo da Lagoa do Prato Raso, Bahia: revisitando após 10 anos de ocupação irregular, poluição e degradação ambiental

Gabriella Ferreira Rocha; Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

_____. Plano de ações para as lagoas de Feira de Santana. Decreto Número 7.594, de 23 de Setembro de 2008. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Naturais, Prefeitura Municipal de Feira de Santana. 2008.

_____. 2009a. Site oficial da Prefeitura Municipal. Disponível em: <http://www.cidadeprincesa.com.br/conteudo.asp?id=6>; acesso em 10 nov. 2009.

_____. 2009b. Site oficial da Prefeitura Municipal – Lei Complementar Número 41, de 03 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/leispdf/leis/lei37.pdf>; acesso em 20 de Junho de 2010.

FRANCA-ROCHA, W. J. S.; NOLASCO, M. C. 1998. Projeto Nascentes – um olhar sobre Feira de Santana. Feira de Santana, CD-ROM.

FREITAS, E. F.; RIBEIRO, P. S.; SANTOS, J. S. Percepção Socioambiental das Lagoas do Geladinho e do Prato Raso em Feira de Santana-BA. **Maiêutica-Geografia**, v. 3, n. 1, 2015.

GAMA, R. Feira de Santana em Postais. Copyright, Feira de Santana. 2009.

GOMES, P. A. C. S.; Mananciais aquáticos, sujeitos sociais e a produção do espaço em Feira de Santana (1930-1945). **Revista Espacialidades**, [S. L.], v. 18, n. 2, p. 455–479, 2022. DOI: 10.21680/1984-817X.2022v18n2ID28228. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/28228>. Acesso em: 25/02/2023.

IBGE. 2010. Site oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>; acesso em 4 out. 2010.

MARTINS, L. C.; LATORRE, M. R.; SALDIVA, P. P. H.; BRAGA, A. L. Relação entre poluição atmosférica e atendimentos por infecção de vias aéreas superiores no município de São Paulo: avaliação do rodízio de veículos. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 4(3):220–229. 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. Hucitec-Abrasco, São Paulo. 2004.

MORAIS, A. A. V. **Conhecendo Feira de Santana: olhares sobre a cidade**. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. 2004.

MOURA, A. R.; NUCCI, J. C. Análise da cobertura vegetal do bairro de Santa Felicidade, Curitiba/PR. In: **Anais do XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**, São Paulo, 2005. Tarik Rezende de Azevedo, São Paulo, CD-ROM. 2005.

OLIVEIRA, M. L. S.; COSTA NETO, A. A. A questão habitacional e a produção de moradias – aspectos da subnormalidade urbana: o caso Fonte de Lili, no Município de Feira de Santana-BA. In: **Anais do II Encontro de Economia Baiana**, Salvador, 2006.

OTTAWA. **Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde**. Disponível em <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf>; acesso em 27 set. 2010. 1986.

POPPINO, R. E. **Feira de Santana**. Salvador: Editora Itapuã. 1968.

PROBIO. 2010. **A Diversidade de Macrófitas Aquáticas nos Lagos do Médio Rio Doce (MG) e no Sistema do Rio Tietê (SP)** – aplicação em materiais de educação ambiental. Disponível em: http://www.ufscar.br/~probio/monogr_katia.html; acesso em 8 ago. 2010.

QUEIROZ, C. M. B.; CASTRO SÁ, E. M.; ASSIS, M. M. A. Qualidade de vida e políticas públicas no município de Feira de Santana. **Ciência & Saúde Coletiva**, 9(2): 411–420. 2004.

RODRIGUES, V. F. A. 2000. Plano de recuperação de áreas degradadas da pedreira Rio Branco – Feira de Santana – BA – Brasil. In: **Anais do III Encontro de Biologia da UEFS**, Feira de Santana, 2000.

_____. **Relatório Ambiental Complexo de Lagoas do Prato Raso**. Ambiental Consultoria, Prefeitura Municipal de Feira de Santana, Feira de Santana. 2008.

SANTO, S. M. O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (BA). **Sitientibus**, 28: 9–20. 2003.

SILVA, A. J. M. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana**. Elementos para o Estudo da Construção da Identidade Social no Interior da Bahia (1833-1937). Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador, 2000.

SILVA, S. M. O. (2019). Feira de Santana e os desafios para construir uma cidade sustentável. **Sitientibus**, (55). <https://doi.org/10.13102/sitientibus.v0i55.4554>.

TANAKA, O. Y.; NEMES, M. I. B.; NOVAES, H. M. D.; BASTOS, M. G.; CÉSAR, C. L. G.; RIEDEL, L. F.; ROSALEN, J. Formação de gestores locais de saúde: processos para identificar estratégias de atuação. **Revista de Saúde Pública**, 33(3): 219–229. 1999.

TEIXEIRA, C. A. B. **Observação de Aves no Parque Nacional de Brasília: Trilha da Capivara**. Monografia (Especialização em Ecoturismo). Universidade de Brasília. 2003.

VARGAS, H. L. Ocupação Irregular de APP Urbana: um estudo da percepção social acerca do conflito de interesses que se estabelece na Lagoa do Prato Raso, em Feira de Santana, BA. **Revista Sitientibus**, 39: 7-36. 2008.

A DANÇA CIRCULAR COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA DE ACOLHIMENTO, CUIDADO/AUTOCUIDADO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E OS DESAFIOS DO PERÍODO PÓS-PANDÊMICO

Amanda Leite Novaes¹
Pétala Hara Carvalho Ramos²
Milena Costa Nascimento³
Larissa Oliveira Novais⁴
Gilselia Eloi da Silva de Oliveira⁵

1. CHEGANDO DE MÃOS DADAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:

A Dança Circular configura um espaço de encontro genuíno entre seres humanos, espaço acolhedor que dimensiona uma jornada rumo à integração das várias dimensões da pessoa e sua existência (DUBNER, 2015). Nesse encontro pode promover um espaço de respeito, troca de vivências intergeracionais como um dos aspectos que compõem a vida de diferentes pessoas, o que tem papel importante no autocuidado e na qualidade de vida.

As práticas dançantes em círculo, em conjunto com a roda de prosa, possibilitam trabalhar aspectos motores e cognitivos através dos movimentos corporais. A dança circular, portanto, segundo Ana Barton, que esteve no Brasil em 1995 “... promove a compreensão mútua porque permite, através da movimentação corporal, penetrar na sensação, na visão de mundo do outro...” (LORTHIOIS, 1998, p. 38). Essa troca de saberes, trajetórias de vida expressadas nas narrativas entre as pessoas participantes, a arte de contar histórias das suas vivências e a junção com a dança pode despertar emoções positivas, prazer, socialização e autocuidado.

“Trata-se de encontrar em nosso interior este equilíbrio, encontrar a esfinge que nos habita, quer dizer, a imagem do ser humano integral, onde encontramos, ao mesmo tempo, nossas garras e nossas asas” (LELOUP; CREMA, 2015, p. 50). É pensar a dimensão do Cuidado Integral como caminho para dentro de si e que revela, de forma luminosa, o Ser que se faz ser (LELOUP⁶, 2007 *apud* GUIMARÃES, 2015). De maneira geral, o autocuidado é a prática de atividades que o indivíduo inicia e executa em seu próprio benefício,

1 Professora do Departamento de Saúde da UEFS.

2 Psicóloga egressa da UEFS.

3 Psicóloga egressa da UEFS.

4 Estudante do curso de Licenciatura em Educação Física da UEFS.

5 Professora de Educação Física egressa da UEFS.

6 LELOUP, J. Y. **Uma arte de cuidar**. Estilo Alexandrino. Petrópolis: Vozes, 2007.

na manutenção da vida, da saúde e do bem-estar (OREM⁷, 1980 *apud* TORRES; DAVIM; NÓBREGA, 1999).

Além disso, na roda podem ser construídos laços de afetos, respeito e acolhimento. As vivências com dança circular, impulsionadas pela presença marcante de cada participante, pela música, pela harmonia das relações que se estabelecem numa cultura de paz, podem desenvolver experiências de vitalidade, aceitação, respeito, favorecer a reinvenção das subjetividades e valorização das diferenças e diversidade cultural (KAMENSKY, 2016).

A Extensão Universitária, por conseguinte, é processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage (FORPROEX, 2012). Nessa perspectiva, entende-se a extensão como uma porta de entrada à prática acadêmica que interliga a universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa, ao conjunto da população, possibilitando formação humana e de profissionais humanizados, além de se credenciar cada vez mais como espaço privilegiado para produção de conhecimentos significativos e superação das desigualdades sociais existentes.

Para tanto, o presente trabalho tem como objetivo relatar experiências desenvolvidas, em 2022, com as danças circulares no projeto “Vivências Integrativas Dançantes e Acolhedoras” (VIDA), que integra o programa de extensão “Rede de Apoio, Afetos e Ações solidárias para UEFS” (Rede AAA), da Universidade Estadual de Feira de Santana. Importante registrar que a referida proposta se inspirou nas experiências desenvolvidas anteriormente pelo projeto VIDA e pela oferta de oficinas de danças circulares em outros programas e projetos de extensão.

Em 2019, quando presencial, a proposta de roda dançante regular no campus universitário se iniciava para professores, servidores técnicos e estudantes, na perspectiva do autocuidado e cuidado mútuo para convivência universitária. Desta experiência, contamos com participação predominante e frequente de mulheres professoras e estudantes. Paralela a esta experiência, vale lembrar, idosas da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) já se encontravam em rodas semanais de danças circulares e já era pulsante os encontros de interação pelo campus universitário, principalmente no parque esportivo da UEFS. Entretanto, com a suspensão das atividades presenciais, iniciada em março de 2020, em decorrência da pandemia mundial de COVID-19, enfrentou-se a dificuldade de mobilizar pessoas para ampliar o acesso às

7 OREM, D. E. **Nursing**: concepts of practice. 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1980. Ch.3, p. 35-54: Nursing and self-care.

vivências. Posteriormente, no contexto da pandemia e atividades remotas, lançou-se a proposta de direcionar o trabalho para mulheres servidoras da UEFS, “Circulando afetos (entre)telas e entre elas”, ainda na perspectiva do cuidado integral e autocuidado. Vale ressaltar que a participação numa reunião virtual de equipe da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), em continuidade à proposta, mobilizou a ampliação da experiência e, após um ciclo de encontros virtuais com as servidoras, o segundo plano de trabalho para a extensão, no referido período, foi direcionado para a itinerância por setores e equipes de trabalho que solicitassem a participação do projeto. Nesse período, fomos convidadas a levar a proposta, de maneira virtual, para equipes de trabalho em duas escolas públicas do município e a duas turmas de ensino da graduação na UEFS.

Diante do exposto e considerando a possibilidade do retorno presencial, nos lançamos a refletir sobre a necessidade de reinventarmos os encontros presenciais, as rodas dançantes, o abraço e as mãos dadas, dentre tantas outras simbologias significativas dessas experiências e suas memórias. Neste sentido, a proposta aqui relatada se propôs a estimular o encontro intergeracional entre as vivências de danças circulares, também conhecidas como meditação em movimento, associadas a oficinas temáticas, contação de histórias e rodas de prosa para agregar momentos de reflexão com troca de saberes e experiências que impulsionassem o desenvolvimento de habilidades referentes à consciência corporal, atenção, memória, concentração, percepção cinestésica, coordenação motora e equilíbrio, dentre outras dimensões importantes, proporcionando bem-estar, estratégias de cuidado integral e autocuidado para pessoas, principalmente mulheres, idosas da UATI/UEFS e estudantes universitárias. Acreditava-se na potência intergeracional e na tomada desse feminino para acrescentar “sensibilidade amorosa” à ação necessária para ética inclusiva nas relações e sistemas de vida (LELOUP, 2015, 127).

2. COMO EMBALAMOS A RODA: “PASSO, PASSO, BALANÇA E BALANÇA”:

Trata-se de um relato de experiências acadêmicas desenvolvidas, a partir da extensão universitária, no período de 06 de dezembro de 2021 a 05 de dezembro de 2022, pelo projeto VIDA, alocado no programa de extensão Rede de apoio, afetos e ações solidárias para UEFS (Rede AAA), cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e regulamentado pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) através da Resolução 022/2019. O referido projeto vem buscando, desde sua implementação, co-produzir espaços

para desenvolvimento de tecnologias leves que possibilitem o processo de autoconhecimento, autocuidado e produção de modos de vida saudáveis e sustentáveis. Desse modo, considera-se importante sistematizar esse ciclo de experiências formativas para consubstanciar e inspirar novas produções, trazendo para o referido manuscrito uma descrição informativa, referenciada, dialogada e crítico-reflexiva (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

No primeiro momento, no período de abril a julho de 2022, ocorreram encontros remotos com alinhamentos sobre elaboração e produção de cards para divulgação dos eventos e ações da dança circular, além de estudos e vivências das danças circulares com a equipe executora do projeto, sendo conduzido pela orientadora e focalizadora em danças circulares, em que foi possível aprender que por meio do ritmo, da melodia e dos movimentos, impulsionados pela música, os integrantes da roda vivenciam o dançar em grupo de forma divertida e harmoniosa, desenvolvendo uma experiência de consciência corporal, respiração e relaxamento. Vale ressaltar que nesse período realizamos uma roda aberta no campus universitário como parte da programação do II Maio das PICS e II Encontro Baiano de Vivências em PICS da UEFS, o que possibilitou vivenciar uma roda, com aproximadamente 20 (vinte) participantes, promovendo o acolhimento e integração de diferentes faixas etárias e de espaços tanto da comunidade interna e externa, proporcionando uma experiência coletiva de conexão com passos harmoniosos, concentração e aprendizado.

No segundo momento, entre julho e agosto, aconteceram rodas integrativas dançantes para agregar momentos de reflexão e troca de saberes, a partir da dança circular, junto às pessoas participantes dos encontros, sendo o público-alvo inicial a comunidade universitária, incluindo pessoas idosas da UATI e a comunidade feirense interessada em conhecer, e vivenciar, as danças circulares. As reuniões presenciais regulares aconteciam nas segundas-feiras no Serviço de Saúde Universitário da UEFS (SESU/UEFS), localizado no módulo 6, sala 4, das 14h30min as 15h30min. Importante registrar que não houve adesão do público esperado, apenas de uma professora de Educação Física do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual Jonathas Teles de Carvalho (CAP-DV) que, posteriormente, se integrou à equipe do projeto e implantou, na citada instituição, uma oficina de dança circular para os estudantes com deficiência visual, professores e familiares, totalizando aproximadamente 20 participantes. As rodas aconteciam as terças-feiras, no horário das 10 h às 11hmin. Nesse período ainda, integrou-se como colaboradora voluntária, uma psicóloga que já tinha sido bolsista do projeto quando estudante.

Sobre as dificuldades da adesão de demais participantes aos encontros semanais disponibilizados na sala citada da universidade, podemos destacar a falta de conhecimento das pessoas sobre a atividade e do próprio espaço do SESU/UEFS, a falta de intensificação da divulgação, conflito de horário das rodas regulares com as aulas e expediente das(os) servidoras(es) da UEFS, além da incompatibilidade na disponibilização de outros horários por conta das demais demandas acadêmicas e profissionais da equipe executora. Diante disso, utilizou-se a estratégia de ações itinerantes que pudessem levar o projeto VIDA para diferentes espaços, ampliando as possibilidades de adesão e alcance da comunidade para oportunizar conhecimento e vivências da Dança Circular (DC) como uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). Isso correu no período de agosto a dezembro do corrente ano. Nessa perspectiva, alcançamos estudantes universitários de diferentes cursos e membros da comunidade feirense. De modo geral, foram utilizadas práticas de relaxamento, exercícios de respiração e músicas para vivências e desenvolvimento das coreografias de Dança Circular.

A partir das intervenções itinerantes, alcançamos aproximadamente 64 (sessenta e quatro) estudantes no total de duas turmas visitadas no curso de Educação Física da UEFS e cerca de 60 (sessenta) participantes no 14º Encontro de Professores e Estudantes de Educação Física (EPEEF), evento promovido por um componente das práticas curriculares do referido curso. Além disso, contamos com 35 (trinta e cinco) estudantes do curso de Enfermagem, da referida instituição, matriculados(as) no componente curricular “Enfermagem no contexto da saúde mental e adoecer psíquico”, numa oficina promovida pelas professoras do referido componente; em torno de 18 (dezoito) participantes do Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET)/Odontologia, da mesma instituição, no espaço zen promovido pela equipe no final de ano.

Em todos esses espaços, houve reflexões sobre a simbologia do dar as mãos na roda, importância do círculo para fortalecimento de grupos, produção de afetos e bem-estar, além de cuidados à saúde. O objetivo dos encontros realizados foi propor um espaço de escuta e acolhimento dos participantes, despertar para a consciência corporal, autoconhecimento, autocuidado e cuidado mútuo. A partir do *feedback* foi possível perceber que, para definição do estado em que elas se encontravam após os encontros, utilizaram palavras como “leveza”, “tranquilidade”, “calmaria”, “paz”, “união”, “alegria”, dentre outros. Destaca-se que ações de cuidado/autocuidado podem ser estimuladas pela integração de grupos, formação de círculos afetivos, narrativas partilhadas e escuta acolhedora. Para Foucault (1984), quando se sente cuidado, o indivíduo estabelece pra si certo

modo de agir em que procura conhecer-se e controlar-se, colocando-se à prova para se aperfeiçoar e se transformar.

As ações de itinerâncias, vale lembrar, permitiram um movimento de expansão para o projeto que, inicialmente foi pensado para atender a comunidade interna da instituição, mas ampliou-se para toda a comunidade interessada, viabilizando experiências além da universidade. Nesse sentido, a comunidade externa começou a convidar o projeto, a partir das publicações pela rede social e pelo formulário da itinerância. Dessa forma, destaca-se a participação do projeto VIDA na “Feira do Empreendedor Centenário”, evento promovido pela Associação de Moradores do Conjunto Centenário, Feira de Santana, Bahia, em que uma das associadas é servidora da PROEX/UEFS e, por conhecer e já ter vivenciado intervenções do projeto, confiou no trabalho da equipe. Registra-se que realizamos uma atividade no entorno da comunidade do bairro, com participação próxima de 17 (dezesete) pessoas, ressaltando o (re)encontro entre o eu e o nós, uma roda extremamente rica onde homens e mulheres deram as mãos em nome do bem comum, percebendo que é através das mãos dadas que se promove integração, sentimento de pertencimento, além de troca de saberes e experiências.

Em linhas gerais, foi possível perceber com as ações itinerantes que a dança circular possibilita trabalhar aspectos motores, cognitivos e socioemocionais através dos movimentos corporais. “Ela promove a compreensão mútua porque permite, através da movimentação corporal, penetrar na sensação, na visão de mundo do outro...” (LORTHOIS, 1998, p. 38). Além disso, considerou-se os desafios postos para o retorno presencial, diante do contexto da pandemia mundial de COVID-19, muitas pessoas se organizando e se readaptando às aulas, aos encontros com colegas de turma, professores, colegas de trabalho e com a própria instituição. Desse modo, cada roda foi embalada respeitando seu ritmo de atividade, cada passo e balanço fora respeitado e ressignificado nessas experiências.

Dentre os impactos das ações desenvolvidas na formação acadêmica, por exemplo, destaca-se a ampliação de conhecimentos no âmbito da saúde, principalmente a partir das Práticas Integrativas e Complementares, e suas interfaces com a Educação, acessando as danças circulares como ferramenta terapêutica para o cuidado e autocuidado na abordagem em Psicologia, Educação Física, Enfermagem e Odontologia, além das possibilidades de trabalho colaborativo de forma interdisciplinar, multiprofissional e a comunicação entre áreas diferentes de atuação, principalmente a contribuição ao campo da Educação Inclusiva que se consolidou com a parceria, e integração ao projeto, de uma professora de Educação Física do CAP-DV.

3. DOS DESAFIOS ÀS PERSPECTIVAS:

Compreende-se a extensão universitária como proposta que visa a sensibilização da comunidade da UEFS à promoção de reflexão acerca da necessidade de conciliação entre as atividades acadêmicas e as demandas sociais, contribuindo para formação de indivíduos capazes de indagar sobre a própria realidade e construir uma sociedade melhor. Essas ações permitem a criação de vínculo e prática articuladora entre discentes, docentes, servidores técnico-administrativos e a sociedade, através do diálogo e integração entre participantes, possibilitando uma troca de conhecimentos, acadêmico e popular, além da construção de aprendizagens significativas. Durante o planejamento e desenvolvimento das atividades propostas, planos de trabalho e itinerâncias realizadas, tem-se em vista a ampliação da perspectiva de saúde abordada em relação aos públicos-alvo, a articulação com outros setores, programas e/ou projetos para a participação ativa em ações fora do campus. Nesse sentido, evidencia-se a construção de pautas multidisciplinares em relação às possíveis estratégias de autocuidado, destacando a DC como uma dessas possibilidades e a acessibilidade das PICS, considerando, sobretudo, os diálogos entre as áreas de conhecimento em prol de práticas transformadoras e implicadas nas diferentes realidades que nos circundam.

Ainda que hajam desafios envolvidos nessa trajetória extensionista universitária no período pós-pandêmico, o projeto VIDA teve como um dos enfoques de trabalho o desenvolvimento de habilidades e competências para o contexto remoto e retorno presencial; manejo de estratégias de acolhimento entre a equipe e com os setores que nos convidavam, em encontros virtuais; familiaridade com recursos tecnológicos e alternativas de adaptações ao plano de trabalho, levando em conta a realidade das pessoas participantes. Além disso,

cada integrante de uma roda de danças circulares leva um olhar diferenciado a essas atividades e são capazes de contribuir significativamente para a saúde dos indivíduos e coletividades, incluindo a promoção do autocuidado em pessoas de diferentes gerações, a partir das narrativas e troca de experiências que emergem nas rodas dançantes. Salientamos, portanto, a importância de nutrirmos e coproduzirmos ações extensionistas que avancem as que aqui foram descritas, mas que possam se inspirar nessas, para proporcionarem benefícios ao desenvolvimento pessoal e profissional, e que favoreçam construção de vínculos importantes com a comunidade. Que possamos ser parte integrada do todo e nos reconheçamos como seres dançantes na roda da vida, fortalecidos para um novo tempo.

REFERÊNCIAS:

DUBNER, D. **O poder terapêutico e integrativo da Dança Circular**. Itu, SP: Ottoni Editora, 2015.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres** [livro na Internet]. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque, 8a ed. 1(15). Rio de Janeiro: Bibl. Filos. e Hist. das Ciências, Edições Graal; 1984. Disponível em: <https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-historia-da-sexualidade-2-o-uso-dos-prazeres.pdf>. Acesso em: outubro de 2021.

GUIMARÃES, C. A. F. O Cuidado Integral: uma análise do papel do terapeuta à luz da Arte de Cuidar e do paradigma transdisciplinar holístico. **Revista Pontifex: ciência, filosofia, arte e tradições sapienciais**, v. 1, n. 2, 2015.

KAMENSKY, A. P. dos S. O. (orgs.). **Circularidades – Danças Circulares e Diversidades Culturais**: Educação para uma Cultura de Paz. Série Direitos Humanos, Gênero e Diversidade na Escola (GED-UFABC), vol.8. São Paulo: Editora Pontocom, 2016.

LELOUP, J. Y; CREMA, R. **Dimensões do cuidar**: uma visão integral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LORTHIOIS, C. As Danças Circulares na Roda da Vida. In: RAMOS, R.C.L. (org.). **Danças Circulares Sagradas**: uma proposta de educação e cura. São Paulo: TRIOM, 1998.

A dança circular como ferramenta terapêutica de acolhimento, cuidado/autocuidado na extensão universitária e os desafios do período pós-pandêmico

Amanda Leite Novaes; Pérola Hara Carvalho Ramos; Milena Costa Nascimento; Larissa Oliveira Novais; Gilselia Eloi da Silva de Oliveira

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento. **Revista Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil v. 17, n. 48, p. 60-77, Out./Dez. 2021.

TORRES, G. de V.; DAVIM, R. M. B.; NÓBREGA, M. M. L. da. Aplicação do processo de enfermagem baseado na teoria de Orem: estudo de caso com uma adolescente grávida. **Rev. Latino-am. Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 7 n.2 p.47-53, abril, 1999.

SE A REENCARNAÇÃO É UM FATO, ENTÃO, TEMOS UMA POSSÍVEL EXPLICAÇÃO DO PORQUE DE JEAN PAUL SARTRE TER SE RECUSADO A RECEBER O PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA DE 1964

André Renê Barboni¹

Há um tempo atrás estivemos envolvidos na construção de um referencial teórico que nos possibilitasse dizer aos nossos alunos para não trilharem pelo caminho largo do *referencial egoísta*, que prioriza o “ganhar dinheiro” do capitalismo, em detrimento do servir ao próximo fazendo a ele todo o bem que eles mesmos (os meus alunos e futuros profissionais de nível superior do campo da saúde, e por que não dizer também, da educação) queriam que fosse feito para eles. Esta segunda via, mais estreita e verdadeiramente cristã, que o materialismo tende a depreciar, certamente não lhes traria tantos recursos financeiros, mas eles viveriam bem, dignamente e sem ter o peso na consciência de ter matado ou feito mal a alguém (BARBONI, 2014).

Para empreender tal tarefa eu me lancei no esforço de cursar uma terceira graduação fazendo mais um vestibular e ingressando no Bacharelado em Filosofia da UEFS (primeira turma).

Foi uma experiência muito prazerosa e enriquecedora, como as outras que eu tinha feito, com o diferencial de que agora eu poderia filosofar...

Doce ilusão!...

Até o momento de começar a escrever o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), não! Pois na grande maioria das disciplinas do curso eu podia praticar isso nos ensaios filosóficos onde treinávamos a escrita criativa, mas no meu TCC, queriam que eu seguisse a “tradição brasileira” de fazer um trabalho nos moldes “estruturalista”, onde a Filosofia deixava de ser Filosofia para copiar os métodos da Ciência e se esquecer que também é uma área importante de produção do conhecimento.

Foi uma guerra cruel, onde nem sempre eu tinha voz nos campos de batalha e, por isso mesmo, uma guerra nem sempre leal, mas que eu tinha que travar porque se não travasse quem travaria? Um estudante de graduação mal saído da puberdade?... Não!... Essa disputa, pedia uma “campeão”, mais preparado, alguém que já tivesse uma certa maturidade e que não se deixasse iludir pelas falácias e “*fake news*” construídas ao longo de décadas na bolha social da academia brasileira.

¹ Professor do Departamento de Saúde da UEFS.

Se a reencarnação é um fato, então, temos uma possível explicação do porque de Jean Paul Sartre ter se recusado a receber o prêmio nobel de literatura de 1964
André René Barboni

A tarefa era gigantesca e estava sendo empreendida por um aluno de graduação de um curso novo, de uma universidade do interior da Bahia, localizada no semiárido nordestino e não por um aluno de doutorado em uma universidade de renome na Alemanha, outro país “central” da Europa, ou dos Estados Unidos da América.

Era um trabalho acadêmico que poderia comprometer o próprio reconhecimento do Curso! Pensavam uns, que resistiam a ideia de que o estudante queria fazê-lo na forma dialógica, e ainda por cima, homenageando alguns colegas de curso e professores, inspirando os nomes das personagens neles.

Mas um a um, os obstáculos foram sendo superados e o estudante pode conseguir defender o seu trabalho e obter o justo reconhecimento da banca que lhe concedeu a nota máxima e fica aqui o nosso eterno agradecimento aos professores: Alex Sandro Leite, Eduardo Chagas Oliveira e em especial ao meu orientador e amigo: Ângelo Márcio Macedo Gonçalves. Sem o seu empenho em garantir o que é certo e direito, todo esse esforço teria fracassado.

Embora o trabalho esteja disponível há algum tempo na internet e possa ser baixado gratuitamente na sua versão em PDF, quem não o leu, deve estar se perguntando o que ele tem afinal de especial?

Em primeiro lugar, ele nos chama a atenção para o fato de que a Ciência não é a única nem a melhor área de produção do conhecimento, mas que o seu mérito consiste em produzir um conhecimento que evolui. Algo que se aperfeiçoa sempre que encontramos nele uma falha e revisamos a teoria de forma a resolver a falha. Ou seja, o conhecimento científico só é assim porque é *não-dogmático* por excelência e qualquer tentativa de dogmatizar a Ciência faz com que o conhecimento científico perca essa capacidade de evoluir o que irá pôr em descrédito a própria Ciência. Então, todo bom cientista precisa ser *não-dogmático*. Isso quer dizer: não tomar nada como verdade, mas saber que todo o seu conhecimento se baseia em hipóteses que a qualquer momento podem ser derrubadas e ele precisa estar disposto a reformulá-las.

Em segundo lugar, foi trabalhando em cima do “quadro de fragmentação do conhecimento” de Pierre Weil (1993) que Barboni (2014) percebeu que a Ciência se utilizava de duas “asas” para alçar os seus voos: a *razão* (racionalismo) e a *sensação* (empirismo), mas que a “asa” da *razão* era compartilhada com a Filosofia, que tinha também uma “asa” esquerda, a *intuição* que era compartilhada com a Religião, outra área produtora de conhecimento, cuja “asa” esquerda (*sentimento*) era compartilhada com a Arte. Cada uma dessas quatro áreas de conhecimento tinham uma visão parcial da realidade complexa.

Essa figura proposta por Pierre Weil (1993) se mostrou uma boa chave para abrir as portas do conhecimento e foi utilizada por Barboni (2014) para entender porque, nos dias de hoje, a Filosofia, a Religião e a Arte não são mais reconhecidas, pela maioria das pessoas, como áreas produtoras de conhecimento e esse último autor citado² compreendeu que isso se deu porque somente o conhecimento científico parecia ser *não-dogmático* e que a sua principal dificuldade em fazer com que seus professores aceitassem a sua ideia de fazer um TCC em Filosofia, filosofando, estava no fato de que tinham dogmatizado a Filosofia e eles (os professores) não sabiam mais afinal para o que a Filosofia servia, a não ser talvez, como dizia a mãe de um deles: “para dar emprego ao meu filho”, e isso implicava que se eu fosse seguir esse caminho³ jamais faria um trabalho de filosofia, mas de história da filosofia, discutindo as diferenças de opinião entre as divisões da “torcida organizada” de um pensador que o meu orientador fosse especialista.

Em terceiro lugar, o pensador que tinha a “chave de conhecimento” para eu fazer o trabalho que me conduziu a essa nova graduação quase não tinha leitores no meio acadêmico. Além do mais, ele era *espiritualista* e *reencarnacionista*. Algo que no ocidente, principalmente no meio acadêmico, conta com uma parcela pequena de atenção, mas que no Brasil, como veremos mais adiante, encontra condições únicas para se trabalhar as questões. Mas eu não ia tratar da metafísica de Pietro Ubaldi (certamente algo que demandaria um trabalho mais extenso). Eu pretendia usar os três biótipos humanos que Pietro Ubaldi identificou, e que eu utilizei nos meus ensaios filosóficos durante todo o meu curso de graduação em Filosofia, para analisar a história ocidental da humanidade e encontrar uma fundamentação teórica para um novo *referencial* (uma visão de mundo) que pautasse uma nova ética (uma forma de se conduzir na vida) com base no *altruísmo* que é colaborativo ao invés do *egoísmo* que é competitivo. Algo que precisamos aprender para não sermos extintos.

Então, eu já tinha duas “chaves de conhecimento”: o “quadro de fragmentação do conhecimento” de Pierre Weil (1993) que me fez perceber que existem, pelo menos, quatro grandes áreas produtoras de conhecimento – Ciência, Filosofia, Religião e; Arte e os três biótipos humanos de Ubaldi (2014) que me permitiriam mostrar que o *referencial egoísta* dos tipos *forte* e *astuto*, precisa ser superado por nós, que devemos adotar o *referencial altruísta* do *justo*.

2 É assim que os alunos são orientados a escrever: utilizando a terceira pessoa e de forma impessoal, imitando a forma da escrita científica.

3 Esta forma de escrever na primeira pessoa, é por outro lado, mais pessoal, “nada científica” diriam alguns, mas com certeza, menos hipócrita e menos enganadora, pois já diz ao leitor que se trata de uma visão pessoal que pode ser contestada e, pelo menos para nós, é preferível àquela por não induzir o leitor ao erro de supor que o que está se dizendo corresponde à verdade. Se a Ciência é de fato *não-dogmática*, por coerência, deveria ser comunicada utilizando o verbo na primeira pessoa, para que as pessoas compreendam que a “verdade” que se anuncia, só será verdade até que alguém, mais esperto, consiga encontrar alguma falha e force uma nova “verdade”.

Se a reencarnação é um fato, então, temos uma possível explicação do porque de Jean Paul Sartre ter se recusado a receber o prêmio nobel de literatura de 1964
André René Barboni

No processo de desenvolvimento do meu TCC (BARBONI, 2014) ficou claro para mim que o grande mérito da Ciência estava ligado ao *não-dogmatismo*, condição necessária para a produção de um conhecimento que consiga evoluir, mas também, condição fundamental para que o debate construtivo ocorra, pois com *dogmatismo* não há consenso e as disputas descambam, mais cedo ou mais tarde, para os radicalismos e as violências. Isso é típico do *referencial egoísta* dos tipos *forte* e *astuto* que caracterizam toda a nossa história e onde o homem se torna o lobo do próprio homem, onde se é lícito obter vantagens sobre o outro e onde todas as misérias e maldades do mundo são geradas.

Pietro Ubaldi (2014), um filósofo evolucionário, que com sua visão *espiritualista reencarnacionista*, consegue conciliar os conceitos de evolução e criação através de um pensamento profundo em um tempo profundo, nos fez perceber que todo o mal pode ser superado desde que consigamos dar um salto evolutivo do *referencial egoísta* para o *referencial altruísta*. Um trabalho de transformação pessoal que cada um de nós precisa realizar através de um profundo e sincero trabalho de autoconhecimento. E isso nos traz ao nosso quarto elemento: o *Sapere aude* Kantiano (KANT, 2005).

Sapere aude pode ser livremente traduzido como “ousar saber” e Kant (2005) nos explica que para sermos verdadeiramente livres, precisamos assumir a nossa *maioridade* e sair da nossa *menoridade* onde somos tutelados e não temos o *livre-arbítrio*. Sem isso não somos donos das nossas decisões e estaremos sempre sujeitos à vontade de quem nos conduz, se não tomarmos cuidado. Em síntese, ele quer nos dizer que poderemos despertar tarde demais, talvez, quando o funcionário do abatedor estiver pronto a nos desferir o golpe fatal.

Ajudar os meus alunos a sair da sua *menoridade* é tarefa a que eu me propus desde que iniciei a minha carreira docente aqui na UEFS. Sempre me preocupei em ajudá-los a *pensar-por-si-mesmos*. Nas minhas avaliações eles sempre foram instigados a refletir sobre as questões propostas, consultar outras fontes, divergir de minhas opiniões, defender posições contrárias e contraditórias como por exemplo: Questão 1- Defenda a legalização do aborto (2 pontos). Questão 2- Defenda a não legalização do aborto (2 pontos). Na resposta a essas questões, sempre avaliamos a força e a coerência dos argumentos utilizados e não a posição do aluno em consonância, ou não, com as nossas convicções.

Com base nesse ferramental, conseguimos propor (BARBONI, 2014) o sonho de fazer uma Filosofia Brasileira *não-dogmática*, pois somente com uma atitude *não-dogmática* seria possível se construir, afinal, uma Filosofia Brasileira, mas não paramos aí, queríamos uma Arte e uma Religião *não-dogmáticas*.

Mas o que esse “maluco” está dizendo?... É o que muitas vezes ouvimos pelos corredores...

Arte e Filosofias *não-dogmáticas* pode até ser, mas Religião?... Parece até um contrassenso!... Certamente, coisa de quem não bate bem da cabeça, ou que caiu de cabeça quando nasceu... Isso não existe!

Mas será que não!... E o espiritismo que nasceu na França com Kardec e que se popularizou no Brasil!...

Para quem não é espírita fica fácil da gente entender que Religião tem que ter dogma, mas para Kardec, o codificador, Espiritismo não é Religião, mas Ciência. Uma Ciência positiva que ele criou ao investigar os fenômenos espirituais analisando, à luz da *razão*, inicialmente as comunicações escritas das seções mediúnicas que aconteciam no seu tempo. O grande trabalho de um cético livre pensador que George Minois (2014) ignora completamente, talvez porque isso vem justamente na contramão da história que ele quer divulgar. Uma vergonhosa “falha de esquecimento/ignorância” para quem quer afirmar que faz todo sentido em se falar da “morte de Deus”.

Se Deus é imortal, não pode estar morto e se está morto é porque não é Deus, mas algo pelo qual se tomou Deus, mas que não pode ser Deus, posto que é mortal!... O que o nosso trabalho (BARBONI, 2014) também mostra é que o verdadeiro inimigo de todos esses livres pensadores citados e não citados por George Minois não é Deus ou as Religiões, mas as Igrejas, instituições formadas e defendidas pelos “intermediários”, os tais “doutores da Lei” que se valendo da *astúcia* e da *força* colocaram o Sagrado a serviço dos seus interesses mesquinhos. É esse inimigo que está morto e, eu diria até que, os conceitos imperfeitos que formulamos a respeito do fenômeno Deus e do que vem a ser esse Deus, é que morrem quando a nossa *razão* dá conta de superá-los.

Para um filósofo evolucionário como Pietro Ubaldí, Jesus Cristo é o nosso maior exemplo do biótipo do *justo*, diferentemente do *astuto* que finge e engana para aparentar algo que não é, Ele pregou o Evangelho e quando foi necessário, usou palavras. Se expressou por parábolas, pois sabia que suas palavras seriam distorcidas, mas que suas histórias levariam a essência da mensagem que ele queria transmitir àqueles que saberiam compreendê-las no futuro.

Assim, o Espiritismo que morreu na França sufocado pelo materialismo europeu, brotou, se multiplicou e cresceu no Brasil. Todos os dias em diversas partes do território nacional, espíritos de pessoas que morreram dão comunicações escritas e faladas, por meio dos médiuns, e que consolam seus

Se a reencarnação é um fato, então, temos uma possível explicação do porque de Jean Paul Sartre ter se recusado a receber o prêmio nobel de literatura de 1964
André René Barboni

entes queridos. Mais do que provar a existência da vida após a morte, os espíritos nos trouxeram informações sobre o mundo espiritual e reafirmaram a certeza de que a reencarnação é um fato e a nossa *razão* pode, finalmente, entender que não existe imperfeição na obra de Deus, pois tudo é regido conforme uma lei maior de amor e de justiça, onde cada um de nós só colhe o que plantou. Não somos uma *tabula rasa* afinal. Todos já nascemos com uma história e com um programa reencarnatório que nos propomos a empreender. Mas essa compreensão de mundo ainda não chegou a todos, pois os *dogmas* e o *egoísmo* falam mais alto!

Para Kardec, como dissemos, o Espiritismo era uma Ciência e o sujeito poderia ser católico e espírita, protestante e espírita, adorar Alá e ser espírita, ter qualquer religião e ser espírita, mas ele não poderia ser materialista e espírita, pois o Espiritismo feria de morte ao materialismo uma vez que mesmo que se ficar provado que um trilhão de comunicações mediúnicas são fraude, basta que uma única se mostre verdadeira para se provar a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico e mais, que é possível a um espírito desencarnado se comunicar com espíritos encarnados. No Brasil e no mundo, isso acontece todo dia! Para aqueles que dizem o contrário eu pergunto: Qual foi o método científico que você utilizou para fazer tal afirmação? Se não usou método científico, o que usou? Nos apresente as suas provas num debate *não-dogmático*.

Para quem tem restrições à Kardec e ao Espiritismo, que virou religião, a princípio sem dogmas, no Brasil, pois não tem ritos, cultos e clero, eu sugiro que investiguem os trabalhos do professor Ian Stevenson (2011a, 2011b), Stanilav Grof (2007) e os trabalhos que tratam de experiências de quase morte. Certamente, teremos aí mais alguns elementos a considerar com respeito ao falarmos da nossa essência, o princípio inteligente que nos caracteriza e que por diferentes vias estamos nos dando conta de que sobrevive à morte do corpo físico. Esta descoberta, certamente, não é uma perda, mas um ganho e uma esperança de dias melhores pela frente, uma vez que a reencarnação derruba a ideia de um inferno eterno e abre a possibilidade de renovação e aperfeiçoamento para todos de forma ilimitada. Isso só engrandece e afirma a ideia de um Deus infinitamente bom e poderoso que não deixa se perder uma só “ovelha do seu rebanho” (para aqueles que gostam da ideia de serem membros de um rebanho”) ou um só de seus filhos (para aqueles que apreciam a oração do Pai nosso).

Se Jesus foi um Messias revolucionário, que ensinou ao judeu do seu tempo: que ele não se deveria mais orar ao Deus de Moisés pedindo ao Senhor que destruísse o seu inimigo: os romanos; mas que esse Deus poderoso, tinha que ser amado e honrado; que a tudo tinha criado, inclusive os romanos, que também eram seus filhos amados e também tinham o direito à felicidade; que se Deus

atendesse a essa oração não seria Bom, porque um pai que mata um filho seu não pode ser considerado bom; que pedir a um pai que mate um filho seu não pode ser considerado um bom pedido e que esse pedido, certamente lhe desonra; que o que todo bom pai mais quer é que seus filhos se amem e se ajudem... Então, amar e respeitar a Deus, o primeiro e maior mandamento, só pode levar ao segundo mandamento que é: amar ao próximo como a si mesmo! E Jesus ainda acrescentou: “Toda Lei e os profetas se resumem nesses dois mandamentos!”. Isso certamente, nos faz perceber que os romanos, judeus e toda humanidade fazem parte da mesma família e que todos nós temos um único pai maior que é Deus e que devemos seguir a esses dois mandamentos se quisermos ser chamados de cristãos, pois é essa a síntese da mensagem de Jesus. As Igrejas que se dizem cristãs, precisam usar isso como base para separar aquilo que é divino daquilo que foi criado pela *astúcia* dos homens para justificar o injustificável.

No entanto, na década de 1960, o mundo não pensa assim. Martin Heidegger, um pensador alemão, contemporâneo do nosso herói, Pietro Ubaldi, no seu livro: Introdução à metafísica (HEIDEGGER, 1999), lança uma questão que ele considera a questão fundamental da Filosofia: “Por que simplesmente o Ente, e não antes o nada?”. Para quem leu um trabalho como o de Minois (2014) parece fazer todo sentido este tipo de questão, principalmente na França em que durante séculos, os livres pensadores, ateus e espiritualistas, vinham tentando se livrar dos dogmas das Igrejas que, em nome da fé, atrasavam o progresso da humanidade e perseguiam os espíritos livres que ousavam questionar suas “verdades” e incoerências. Mas notadamente a ala ateia, para uns mais progressista, essa questão posta por Heidegger, depois que Charles Darwin tinha, com a teoria da evolução, removido a última barreira que impedia a Ciência explicar porque um animal complexo como o homem, surgiu evolutivamente a partir de organismos mais simples, era o que faltava para finalmente se dizer que não precisamos mais ter um Deus (Ente) na origem de tudo, mas podemos colocar o Nada (o acaso) nesse início. E sem Deus, o homem, finalmente, seria livre e legítimo dono do seu livre-arbítrio.

Deus está morto! Ou melhor, nunca existiu! Se existisse não permitiria as duas grandes guerras mundiais que arrasaram a Europa com suas atrocidades. Ninguém mais fala de reencarnação desde que Tomás de Aquino trocou Sócrates e Platão por Aristóteles (BARBONI, 2014) para fundamentar as questões de razão e fé. Na Europa e nos Estados Unidos, o Espiritismo é inexpressivo, Kardec não é lido e ninguém vai querer dar chance a Hitler e a sua turma de se salvarem, não é mesmo?... Neste caso, se Deus existir, é bom que não haja reencarnação para que eles passem a eternidade no inferno pelos crimes que cometeram!... E o

Se a reencarnação é um fato, então, temos uma possível explicação do porque de Jean Paul Sartre ter se recusado a receber o prêmio nobel de literatura de 1964
André René Barboni

francês Jean-Paul Sartre vai se encantar com a questão posta por Heidegger (1999) e vai construir a sua obra existencialista ateia avessa aos dogmas da Igreja.

Para Barboni (2014), Heidegger não passa de um sofista, um pensador *astuto*, que tal como os sofistas inspiravam uma certa repulsa à Sócrates e Platão, que combatiam as suas falácias e o seu modo enganador de usar as palavras, Barboni no seu TCC identifica em “Ser e Tempo”, principal obra de Heidegger (2011), um grande “furo”: para Heidegger, só existem três formas de ser do Ente – o ser simplesmente dado (*vorhandenheit*) que é um objeto, como o martelo, por exemplo; o ser à mão (*zuhandenheit*) que pode ser o mesmo martelo, mas que agora me serve para pregar um prego na parede, por exemplo; e o ser aí (*dasein*) que é o homem que usa o martelo para pregar o prego na parede, mas que diferentemente de um macaco que usa uma pedra para quebrar uma castanha e comer a noz, é capaz de pensar a questão do ser. O problema na obra de Heidegger é que se só existem essas três formas de ser do Ente, então, tudo o que não for *dasein* é objetificado e pode ser utilizado por esse *dasein* como ele bem entender e, como nos demonstra Hannah Arendt⁴, aluna de Heidegger com quem ele teve um caso (coisa típica dos sofistas), basta tirar do outro a *condição humana* para cometer contra ele as piores atrocidades. Então, bastou para os nazistas dizer que os judeus não eram *dasein* para eles fazerem o que fizeram.

Contemporâneo a Heidegger e Sartre, o italiano Pietro Ubaldi, que também viveu os horrores da guerra, atuou como motorista de ambulância durante esse período, chegou a escrever uma carta para Mussolini não entrar na guerra e perdeu um filho nessa grande insanidade humana, mudou-se para o Brasil em 1952, terra onde encontrou um seleto grupo de amigos e ávidos leitores e por vinte anos, até a sua morte em 29 de fevereiro de 1972, na cidade de São Vicente – São Paulo, cidade onde se instalou com sua esposa, sua filha e duas netinhas, continuou escrevendo os volumes que complementaram os fundamentos lançados em “A Grande Síntese” (UBALDI, 2014).

Em 1964 ocorre, porém um fato curioso: o nome de Pietro Ubaldi entra na lista dos 76 indicados ao Prêmio Nobel de Literatura. Na lista constava os seguintes nomes nesta ordem alfabética dos sobrenomes: Jean Anouilh; Miguel Angel Asturias; W. H. Auden; Samuel Beckett; Jorge Luis Borges; André Breton; Martin Buber; Michel Butor; Heinrich Böll; Josep Carner; Jérôme Carcopino; Camilo José Cela; Paul Celan; Heimito von Doderer; Lawrence Durrell; Friedrich Dürrenmatt; Gunnar Ekelöf; Pierre Emmanuel; James T. Farrell; E. M. Forster; Max Frisch; Christopher Fry; Rómulo Gallegos; Houssein Ghods Nakhai; Etienne

⁴ Vide o filme HANNAH Arendt [filme]. Direção: Margarethe von Trotta. Produção: Heimatfilm Gmbh. Roteiro: Margarethe von Trotta. Intérpretes: Barbara Sukowa, Janet McTeer, Klaus Pohl, Nicholas Woodeson, Axel Milberg, Julia Jentsch e outros. Zeirgeist Films, 2012. 1 filme (109min), sonoro, colorido, 35mm.

Gilson; Jean Giono; Robert Graves; Jean Guehenno; Taha Hussein; Eugeno Ionesco; Eyvind Johnson; Marcel Jouhandeau; Pierre Jean Jouve; Ernst Jünger; *Yasunari Kawabata*; Miroslav Krleža; Väinö Linna; Robert Lowell; Karl Löwith; Hugh Mac Diarmid; André Malraux; Gabriel Marcel; Harry Martinson; W. Somerset Maugham; Ramón Menéndez Pidal; Henri Michaux; Yukio Mishima; Vilhelm Moberg; Henry de Montherlant; Alberto Moravia; Vladimir Nabokov; *Pablo Neruda*; Junzaburo Nishiwaki; José-Maria Pemán; Jacques Perret; Jacques Pirene; Katherine Anne Porter; J. S. Priestley; *Nelly Sachs*; Aksel Sandemose; ***Jean-Paul Sartre***; Jean Schlumberger; Ina Seidel; Ramón Sender; C. P. Snow; *Michail Solochov*; Junichiro Tanizaki; Gustave Thibon; **Pietro Ubaldi**; Giuseppe Ungaretti; Arthur Waley; Mika Waltari; Tarjei Vesaas; Simon Vestdijk; Thornton Wilder; Judith Wright.⁵

Apesar de, no momento atual, Gilson Freire um dos ávidos leitores de Pietro Ubaldi anunciar em seu site que Pietro Ubaldi ter ficado em segundo lugar na classificação do prêmio Nobel de Literatura de 1965 (o ano correto é 1964), logo atrás de Jean Paul Sartre, o certo é que não conseguimos saber ao certo a classificação que a Academia Sueca atribuiu aos concorrentes ao prêmio. O certo mesmo é que numa atitude inédita o laureado recusou o prêmio, dias antes do anúncio do vencedor em uma carta com 14 linhas e pouco mais de 100 palavras.

Finalizamos esse texto com um pequeno diálogo onde exercitamos a escrita filosófica, totalmente ficcional e criativa. Como toda estória, ela tem algum fundamento baseado em alguma pesquisa e fatos. As personagens do diálogo são inspiradas em Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. A situação é totalmente inventada, mas possível e o motivo da recusa do Nobel pura especulação, mas, certamente, é mais interessante do que o motivo que Sartre alegou para a recusa e apimenta um pouco mais essa discussão entre materialismo e espiritualismo. A senhora Silva que Simone alega ter conhecido é totalmente fictícia e serve apenas para introduzir a informação que, na nossa estória, fará com que Sartre recuse o prêmio. Essa é uma informação corriqueira no círculo de leitores de Pietro Ubaldi, que nunca admitiu poder prová-la, mas que José Eduardo Simões (1995) publica em seu livro na forma de uma entrevista fictícia com o nosso herói e para a construção desse diálogo ele cita várias fontes que fundamentam as afirmações.

5 Destacamos: **em negrito** os nomes de Jean-Paul Sartre e Pietro Ubaldi; em *itálico* os que ganharam um Prêmio Nobel de Literatura e sublinhamos aqueles que, em 1964, estavam sendo indicados para o Prêmio Nobel de Literatura pela primeira vez. Como se percebe, Pietro Ubaldi já tinha sido indicado para receber esse prêmio anteriormente, mas nessa edição, quem estava na linha de frente do grupo de pessoas responsável por levar o nome de Pietro Ubaldi à Academia Sueca era nada menos do que Carlos Drummond de Andrade. Vários concorrentes foram agraciados, ao logo da sua trajetória literária com prêmios como: Mundial Cino Del Duca; Pulitzer de Poesia; James Tait Black Memorial Prize; Literário do Conselho Nórdico; Literário Internacional Neustadt; National Book Award; National Critics Circle Award; Grande Prêmio de Literatura da Academia Francesa; Prêmio Nacional de Letras; Bollinger; Georg Büchner; Goethe; Erasmus; Bellman; entre outros. O escritor egípcio, Taha Hussein, foi indicado 21 vezes ao Prêmio Nobel de Literatura, mas nunca ganhou.

Se a reencarnação é um fato, então, temos uma possível explicação do porque de Jean Paul Sartre ter se recusado a receber o prêmio nobel de literatura de 1964
André René Barboni

O diálogo se ambienta em Paris, estamos no início de outubro. Sartre está em casa, lendo, quando Simone chega com novidades...

Jean-Paul

Boa noite, meu amor, como foi o chá com as amigas?

Simone

Na realidade não vim do chá, mas do cemitério.

Jean-Paul

Do cemitério?... Você foi visitar o túmulo da sua mãe?

Simone

Não! No chá, me apresentaram a senhora Silva, uma brasileira muito simpática que desejava conhecer o túmulo de uma tal de Allan Kardec que está enterrado no Père-Lachaise.

Jean-Paul

É algum parente dela?

Simone

Não, ele é um livre pensador francês do século passado que andou estudando os fenômenos espíritas. Aqui na França, pouco se fala dele, mas parece que no Brasil, tem toda uma religião baseada em suas obras.

Jean-Paul

Ele é uma espécie de Moisés? Ou mesmo, um Augusto Comte, já que você usou o termo “livre pensador”?

Simone

Não, segundo ela, ele era cético e um eminente pedagogo Lionês que residia em Paris e que se chamava Hippolyte Léon Denizard Rivail. Na maturidade ele começou a estudar os fenômenos espíritas depois que dois amigos, homens sérios de sua estreita confiança, disseram que ele devia se ocupar em estudá-los, pois as mesas que giravam e voavam nas sessões mediúnicas da época, estavam dando comunicações inteligentes.

Jean-Paul

Isso me parece uma grande tolice!

Simone

Para mim, a princípio também pareceu, mas ela me disse que esse tal de Kardec não tinha nada de tolo. Ele foi a uma dessas sessões e se deparou com uma situação que, no mínimo, desafiava a sua inteligência e curiosidade. Mensagens eram escritas e atribuídas a espíritos de pessoas que haviam morrido.

Diversos meios foram empregados, na época pelos ditos “espíritos” para chamar a atenção dos homens, muitos inclusive foram imitados por pessoas que queriam enganar e tirar proveito das pessoas mais crédulas e ingênuas, mas o Sr. Rivail não se deixava enganar e também trabalhou com essa hipótese.

No entanto, ele tinha um fato concreto em suas mãos!

Jean-Paul

Qual?

Simone

As mensagens!... Ele logo se deu conta de que podia analisá-las à luz da *razão* e isso lhe permitia criar uma ciência positiva.

Jean-Paul

E de onde vem esse nome Allan Kardec?

Simone

Em uma dessas reuniões, ele recebeu, de um “espírito” uma saudação se referindo a ele como Allan Kardec, um antigo druida que viveu aqui na França nos tempos dos romanos... Tempos depois, ele adotou esse nome nas publicações que fez dos achados que encontrou.

Jean-Paul

Sim, eu percebo que se o “espírito” de alguém que morreu é capaz de voltar e se comunicar conosco isso, sim, é algo que vale a pena investigar, pois acaba de vez com uma polêmica que temos vivenciado aqui na França há séculos. Mas por que a gente nunca ouviu falar desse homem?

Simone

Eu também lhe fiz essa pergunta, mas ela não soube responder. No entanto, um pouco antes da gente terminar a visita e se despedir, ela me contou algo que lhe diz respeito!

Jean-Paul

O que?

Se a reencarnação é um fato, então, temos uma possível explicação do porque de Jean Paul Sartre ter se recusado a receber o prêmio nobel de literatura de 1964
André René Barboni

Simone

Ela me disse, que os trabalhos de Kardec chegaram ao Brasil e lá eles fizeram muito sucesso entre pessoas mais esclarecidas e profissionais liberais que fundaram Centros de Estudo, por todo o país. Lá, a comunicação com os mortos, muito perseguida no início por ação da Igreja Católica e do Estado, se popularizou e eles não só comprovaram os achados do codificador de Lyon, como também puseram em prática toda a organização dos grupos como ele preconizou. A sua doutrina espírita que tem um caráter científico filosófico também se baseia no princípio da reencarnação defendido por Sócrates e Platão e tenta resgatar o cristianismo primitivo que se fundamenta no amor e na caridade cristã. Nesse quesito, parece, que eles são bem ativos e conseguiram respeito da sociedade.

Jean-Paul

Certo! Mas, o que eu tenho a ver com isso?

Simone

No final da visita, após conhecer o túmulo do tal Kardec, ela me contou que tem um filósofo italiano, que agora está morando no Brasil... que é a reencarnação de Simão Pedro, apóstolo de Jesus!

Jean-Paul

Aquele que tem as chaves do céu!...

Simone

Esse mesmo, alguns espíritas de lá, conseguiram convencê-lo a morar e escrever seus livros no Brasil e, a parte que lhe interessa... ele está concorrendo ao prêmio Nobel de Literatura deste ano.

Jean-Paul

O quê? Quer dizer que eu estou concorrendo com São Pedro?...

Simone

E vai que você ganha... Já pensou na retalhação?...

Jean-Paul

Há, mas isso não passa de um conto da carochinha... Imagine, um concorrente meu ser a reencarnação de São Pedro!...

Simone

Se é mesmo ou não, a gente não tem como saber ao certo. O próprio Pietro Ubaldi, quando lhe perguntam, diz que não tem como o provar.

Jean-Paul

Pelo sim, pelo não, acho que esse sinal veio para corroborar a decisão que a alguns dias estava martelando na minha cabeça.

De acordo com certas informações de que tomei hoje conhecimento, eu teria, este ano, algumas hipóteses de conseguir o Prêmio Nobel...

... e começa assim a carta onde, pela primeira vez na história da humanidade, alguém recusa o Prêmio Nobel de Literatura...

REFERÊNCIAS:

BARBONI, A. R. Filosofia Brasileira: um sonho ou uma possibilidade? 2014. 360f. TCC (Bacharelado em Filosofia) – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: http://cris.uefs.br/media/pdf/barboni_2014.pdf.

GROF, S. **Psicologia do futuro**: lições das pesquisas modernas da consciência. Tradução de Jussara de Avellar Serpa. Revisão técnica de Kiu Eckstein. Niterói – RJ: Heresis, 2007. 368 p.

HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, 224 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 1).

_____. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 5ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011. 598 p.

KANT, I. [1784] Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? In: **Textos seletos**. Trad. br.: Resposta à pergunta: Que é o Esclarecimento?, de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005. pp. 63-71.

MINOIS, G. **História do ateísmo**: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias. Tradução de Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 762 p.

SIMÕES, J. E. **Pietro Ubaldi**: um homem de Deus. São Paulo: Ateniense, 1995. 183 p.

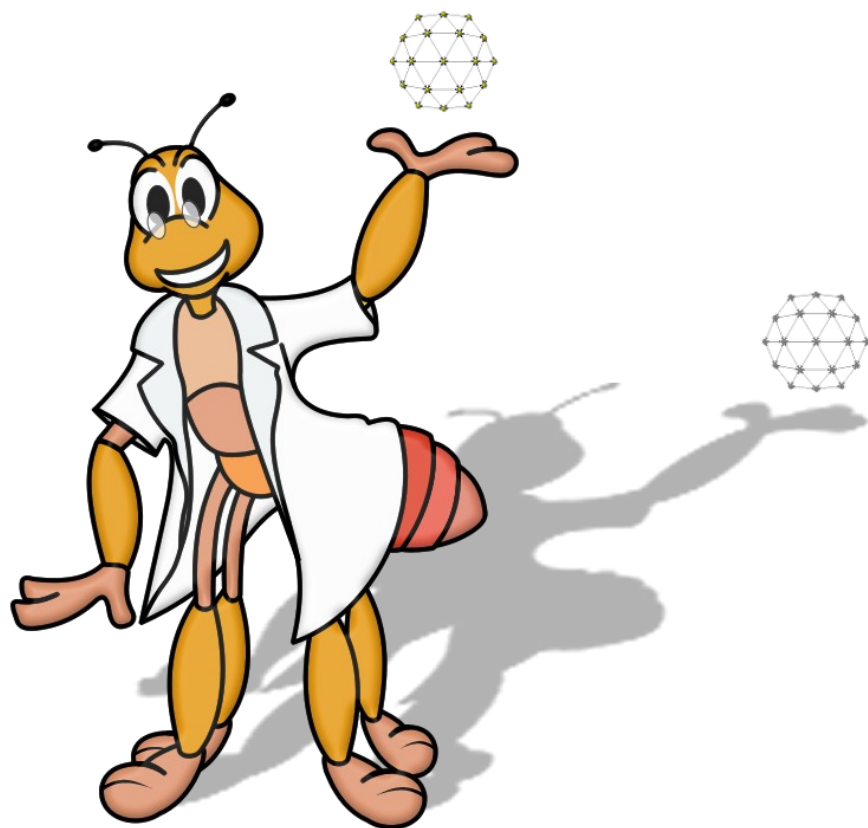
STEVENSON, I. **Reencarnação**: vinte casos. Tradução de Carolina Coelho Lima. 2a ed. revisada e ampliada. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora, 2011a. 508 p.

Se a reencarnação é um fato, então, temos uma possível explicação do porque de Jean Paul Sartre ter se recusado a receber o prêmio nobel de literatura de 1964
André René Barboni

_____. **Crianças que se lembram de vidas passadas.** Tradução de Carolina Coelho Lima. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora, 2011b. 449 p.

WEIL, P. Axiomática transdisciplinar para um novo paradigma holístico. In: Weil P, D'Ambrosio U, Crema R. **Rumo à nova transdisciplinaridade:** sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993. p. 9-74.

UBALDI, P. **A Grande Síntese.** Tradução: Carlos Torres Pastorinho; Paulo Vieira da Silva. 23ª ed. Campos de Goytacazes, RJ: Fraternidade Francisco de Assis, 2014. p. 528.



Todo mundo pode mudar o Mundo!